

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E  
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA – PPG/CASA  
MESTRADO ACADÊMICO**

**FABÍOLA ROCHA DUARTE**

**A GEOGRAFICIDADE DE ESTUDANTES DA ZONA RURAL DE IRANDUBA, AM:  
A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO PERCURSO CASA/ESCOLA.**

Manaus, Amazonas

Julho - 2018

**FABÍOLA ROCHA DUARTE**

**A GEOGRAFICIDADE DE ESTUDANTES DA ZONA RURAL DE IRANDUBA, AM:  
A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO PERCURSO CASA/ESCOLA.**

**Linha de Pesquisa: Dinâmicas Socioambientais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Área de Concentração: Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

**Orientadora:** Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe.

Manaus, Amazonas

Julho -2018

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D812g	Duarte, Fabíola Rocha A geograficidade de estudantes da zona rural de Iranduba, AM: a percepção ambiental no percurso casa/escola / Fabíola Rocha Duarte. 2018 170 f.: il. color; 31 cm.  Orientadora: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.  1. Aluno. 2. Várzea. 3. Percepção Ambiental. 4. Geograficidade. 5. Lugar. I. Fraxe, Therezinha de Jesus Pinto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva**

---

**Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira**

---

**Profa. Dra. Marília Gabriela Gondim Rezende**

*À Raquel, filha que sempre está na razão do meu coração.  
Aos queridos alunos moradores das várzeas e da terra firme do  
Iranduba que enfrentaram esse banzeiro comigo.*

## AGRADECIMENTOS

À Deus pela força que me tem dado para prosseguir e sempre vencer os obstáculos do caminho.

À professora Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, minha orientadora por ter me aceitado como orientanda, pelas conversas e paciência durante o processo de pesquisa, e pela mão amiga que me salvou nos momentos mais difíceis.

À professora Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, pela contribuição fenomenológica, cartográfica e principalmente pelas trocas de informações no shopping, jamais esquecerei.

Aos meus familiares, Francisca Duarte (minha mãe), Grey Reis, Raimundo Alves Reis, Rayssa Reis, Cíntia Maia por apoiarem desde o início a minha decisão de realizar esta fase de minha vida acadêmica na UFAM, e por participarem desse sonho que se concretizou através desse mestrado.

Aos amigos de jornada acadêmica: Adriana Mota, Alexandre Saraiva, David Guimarães, Pedro Mariosa, Mônica Vasconcelos, Mônica Suane, Marília Gabriela, juntos vivemos momentos de alegria, ansiedade e descontração. Resiliência é a palavra que define todos os mestrandos e doutorandos que embarcaram nesse barco aqui no CCA.

Aos amigos de Iranduba, Felipe Jules, Francisco Gomes (Chico), Inêz Soares, Marilene Bezerra, Joseane Mendes que representam apenas uma parte das pessoas que foram fundamentais em nossa pesquisa com os alunos, da estrada e da várzea, na escola.

À Escola Estadual Isaías Vasconcelos, que por intermédio da gestora Francinete Marinho, que voluntariamente concordou em fazer parte da pesquisa, e me recebeu em suas dependências de maneira extremamente amigável.

Aos amigos e amigas de solidariedade: André Campos, Alfran Freitas, Mônica Cortez, Marcelo Purus, pelo incentivo e cooperação

Aos amigos do CCA: Carlos Augusto (Tijolo), Fernanda Mendes, Dorinha e sua inseparável amiga Nina, pelo auxílio e contribuição.

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo curso de pós-graduação de Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, o qual me permitiu a realização dessa dissertação.

À coordenação de aperfeiçoamento de nível superior (CAPES) pela bolsa concedida que permitiu a minha manutenção no mestrado e a realização da etapa de campo do meu trabalho.

Aos alunos da escola Isaías Vasconcelos que juntos com seus familiares, me receberam em suas casas de braços abertos, compartilhando comigo seus saberes e seus lugares afetivos, e pelos muitos cafés, melancias e jambu que gentilmente me ofereciam.

*“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”.*

*(Eclesiastes 3:1)*

## RESUMO

A relação homem-natureza se configura no espaço geográfico, e se constitui a partir de sua intersubjetividade que se desenvolve, por meio das experiências íntimas, com o lugar. É nesse lugar fruto da experiência que o homem percebe e desenvolve suas relações sócias, culturais, econômicas e cria com ele, um elo de pertencimento tão forte que é impossível de se desprender, o resultado dessa relação é a sua geograficidade. Afim de conhecer como ocorre essa relação entre o homem e a terra essa pesquisa apresenta-se com o objetivo de compreender a geograficidade construída pelos estudantes da zona rural no município de Iranduba, a partir da experiência com o lugar que esses vivenciam ao longo do percurso de sua casa até a escola. Buscamos no método fenomenológico o apoio e o auxílio necessário para compreender a relação do homem com a percepção, o espaço, o mundo e lugar. Visto que, “o objeto de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito.” Os dados foram coletados a partir dos desenhos dos mapas mentais. Participaram 80 – oitenta - alunos de ambos os sexos, com idades entre quatorze e dezessete anos. Estudantes matriculados e frequentando o turno matutino e vespertino, cursando o primeiro, segundo e o terceiro ano do ensino médio na Escola Estadual Isaías Vasconcelos. Moradores da zona rural do município – Terra firme (sede e estrada) e das ilhas do Muratu, Jacurutu e Paciência, Costa do Iranduba, na várzea do Rio Solimões. Os mapas nos mostraram que o foco da percepção ambiental, presente nos alunos, demonstram que eles conhecem mais que o caminho que os levam a escola, conhecem e se sentem parte dessa relação que se entrelaçam entre eles, seus colegas, a escola e o lugar.

Palavras-chave: Aluno; Várzea; Percepção Ambiental; Geograficidade; Lugar

## **ABSTRACT**

The relation man-nature is configured in the geographical space, and is constituted from its intersubjectivity that develops, through the intimate experiences, with the place. It is in this place of experience that man perceives and develops his social, cultural, economic relations and creates with him a bond of attachment so strong that it is impossible to detach himself, the result of this relationship is its geography. In order to know how this relationship between man and the earth occurs, this research is presented with the objective of understanding the geography built by the students of the rural area in the municipality of Iranduba, from the experience with the place they live along the route from home to school. We seek in the phenomenological method the support and help necessary to understand man's relation to perception, space, world and place. Since, "the object of knowledge for phenomenology is not the subject nor the world, but the world as it is lived by the subject." The data were from the drawings of the mind maps. Participated 80 - Eighty - students of both sexes, between the ages of fourteen and seventeen. Students enrolled and attending the morning and afternoon shift, attending the first, second and third year of high school at Isaías Vasconcelos State School. Residents of the rural area of the municipality - Terra firme (headquarters and road) and the islands of Muratu, Jacurutu and Paciência, Costa del Iranduba, in the floodplain of the Solimões River. The maps showed us that the focus of environmental perception, present in the students, shows that they know more than the way that they take them to school, they know and feel part of that relationship that intertwines with each other, their colleagues at school and their place

Keywords: Student; Várzea; Environmental Perception; Place; Geography.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Percurso casa – escola, Iranduba – Ilha do Jacurutu (Rio Solimões)	54
Mapa 02: Percurso casa – escola, Iranduba – (A) Período de vazante e seca, Ilha do Jacurutu (Rio Solimões)	57
Mapa 03: Percurso casa – escola, Iranduba – (B) Período de enchente e cheia, Ilha do Jacurutu (Rio Solimões)	58
Mapa 04: Percurso casa – escola, Iranduba – Ilha do Jacurutu (Rio Solimões)	61
Mapa 05: Percurso casa – escola, Iranduba - Ilha da Paciência período da vazante e seca (Rio Solimões)	64
Mapa 06: Percurso casa – escola, Iranduba - Ilha da Paciência período da cheia e enchente (Rio Solimões)	65
Mapa 07: Percurso casa – escola, Iranduba – (A) Período da enchente e cheia, Ilha do Muratu (Rio Solimões)	68
Mapa 08: Percurso casa – escola, Iranduba – (B) Período vazante e seca, Ilha do Muratu (Rio Solimões)	69
Mapa 09: Percurso casa – escola, Iranduba. Período da vazante e seca. Costa do Iranduba (Rio Solimões) (A) início do trajeto; (B) final do trajeto	72
Mapa 10: Percurso casa – escola, Iranduba. Período enchente e cheia. Costa do Iranduba (Rio Solimões). (A) início do trajeto; (B) final do trajeto	73
Mapa 11: Percurso casa escola. Ilha da Paciência. (A) Período da vazante e seca. (B) Período enchente – cheia	76
Mapa 12: Percurso casa – escola, Iranduba. Período da vazante e seca. Ilha do Muratu (Rio Solimões)	79
Mapa 13: Percurso casa – escola, Iranduba. Período da enchente e cheia. Ilha do Muratu (Rio Solimões)	80
Mapa 14: Percurso casa – escola, Iranduba – (A) Período da enchente e cheia, Ilha do Muratu (Rio Solimões)	83

Mapa 15:	Percurso casa – escola, Iranduba – (B) Período da vazante e seca, Ilha do Muratu (Rio Solimões)	84
Mapa 16:	Percurso casa – escola, Iranduba. Estrada do município	89
Mapa 17:	Percurso casa – escola. Sede do município	91
Mapa 18:	Percurso casa – escola. Sede do município	93
Mapa 19:	Percurso casa – escola. Sede do município	95
Mapa 20:	Percurso casa – escola. Sede do município	97
Mapa 21:	Percurso casa – escola. Sede do município	99
Mapa 22:	Percurso casa – escola. Sede do município	101
Mapa 23:	Percurso casa – escola. Estrada de acesso ao município	103
Mapa 24:	Percurso casa – escola. Sede do município	105
Mapa 25:	Percurso casa – escola. Sede do município	107
Mapa 26:	Percurso casa – escola. Sede do município	109
Mapa 27:	Percurso casa - escola. Sede do município	111
Mapa 28:	Percurso casa – escola. Sede do município	113
Mapa 29:	Percurso casa – escola. Sede do município	115
Mapa 30:	Percurso casa – escola. Sede do município	117
Mapa 31:	Percurso casa – escola. Sede do município	119
Mapa 32:	Percurso casa – escola. Sede do município	121
Mapa 33:	Percurso casa – escola. Estrada de acesso ao município	123
Mapa 34:	Percurso casa – escola. Sede do município	125

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Os caminhos percorridos	21
CAPÍTULO 1 - O lugar como expressão do vivido	27
1.1. Uma contextualização da Fenomenologia	27
1.2. O lugar vivido	31
1.3. Percepção dos lugares a partir dos Mapas Mentais	39
CAPÍTULO 2 - Na terra molhada: A percepção da várzea do Iranduba por meio da (s) cultura (s) nos Mapas Mentais	47
2.1. (As) Identidade (s) culturais	50
CAPÍTULO 3 - Da terra molhada à terra seca: o caminho da escola é assim	87
3.1. No ramal e na rua: relatos e representações dos estudantes	89
3.2. A Percepção ambiental dos estudantes da zona rural, nas várzeas e na terra firme	127
Considerações Finais	132
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO DOS RESPONSÁVEIS PELOS ADOLESCENTES	140
APÊNDICE B - TERMO DE ANUÊNCIA RESPONSÁVEL PELA ESCOLA	170

## INTRODUÇÃO

O espaço e o lugar são inerentes ao homem, ele conhece o espaço indiferenciado, e por intermédio da experiência formada pelo sentimento, e o pensamento adquirido com o tempo, o transforma em lugar. O espaço enquanto desconhecido, transmite sensação de liberdade, de insegurança, medo e angústia, por outro lado, à medida que conhecemos o espaço, damos a ele, significado, simbologia e valor, tornando-se lugar. Em outras palavras o lugar é onde o homem constrói suas relações sociais e a vivência, e a partir do seu corpo relaciona à cultura e a história construindo uma geograficidade entre homens e seus lugares.

Na concepção do lugar, o espaço tem significado temporal ao nível das experiências pessoais diárias, as próprias expressões exibem a íntima ligação entre pessoa, espaço e tempo. “Eu estou aqui (ou nós estamos) aqui; aqui é agora, você (ou eles) estão lá; lá é então, e diz respeito a um tempo tanto pode ser o passado como futuro; o que aconteceu então? O então é o futuro” (TUAN, 2013 pp. 156-157). Dessa forma tanto o espaço como o tempo, são orientados pelo eu pensante ativo, tornando-se consciente e colaboram na construção dos objetivos. Por outro lado, as experiências que servem para a determinação temporal dos acontecimentos são modificadas pelos *habitus* sociais dos indivíduos, e segue seu curso independente dos movimentos físicos (ELIAS, 1998).

Toda atividade origina uma estrutura tempo espacial, que vem da experiência. A experiência consiste em viver o lugar. E está relacionada ao nosso dia a dia, e como cada pessoa interage com fatores como gosto, odor, ruído e o sabor de cada lugar. A experiência resulta da ligação do homem com o mundo, onde ambos se constroem simultaneamente (NOGUEIRA, 2014). A especialização com lugar permite ao homem constituir suas raízes e com ela desenvolver o sentimento de pertencimento, só alcançado por intermédio das experiências mais íntimas com o lugar, contida no nosso mais profundo eu. Por outro lado, o tempo e o espaço, estão intimamente conectados pela distância oriunda do ser.

O espaço apresenta-se habilitado por uma situação concreta que influencia o homem, isso é, o que prova seu aperfeiçoamento cotidiano, o que distingue como afastamento e direção. “A distância geográfica não diz respeito a uma unidade de

medida, pelo contrário, a ânsia de medir resulta da inquietação que leva as pessoas a se posicionarem ao alcance das coisas que a circundam” (DARDEL, 2011 p. 10). As distâncias e as direções são cruciais na configuração do lugar, elas incorporam a materialidade da qual fazemos parte, e não temos como nos desprender. Tal materialidade se expressa obrigatoriamente no e pelo corpo, que por meio da sua mobilidade, estrutura o mundo (HOLZER, 2013).

A habilidade corpórea do homem o auxilia em seu deslocamento e direção, dando-lhe condição de explorar o espaço. Com isso, os homens aprendem a explorar o espaço e a limitá-lo, em conjuntos de representações que permitem aos homens pensá-lo. Nomeando os lugares e os meios, eles os convertem em objeto de discurso (CLAVAL, 2007). Esses espaços se tornam íntimos, e podem ser bonitos, charmosos e elegantes ou mesmo simples, carecendo de elegância, relevância histórica ou de beleza arquitetônica, eles recebem nomes como lar, bairro, cidade, e nos ofendemos quando um estranho o critica. Ganhando características culturais que os distinguem dos demais lugares. Portanto, é nesse lugar que o homem constrói as suas identidades e por essa razão é único.

O resultado dessa interação do homem com a terra seria a geograficidade do homem como modo de sua realidade e de seu destino. A geograficidade se refere a essa convivência obrigatória entre a terra e o homem em que se realiza a existência humana. Ela se refere, também, a um espaço material, uma matéria da qual não podemos nos destacar (DARDEL, 2011). O espaço enquanto objeto desconhecido é visto como inseguro, amplo e não possui valor de apropriação ou significado simbólico para o indivíduo. A partir das experiências vividas com profundidade, o sujeito desenvolve uma relação de afetividade ou pertencimento com o lugar. Em outras palavras, o lugar se constitui por meio da experiência adquirida com o tempo e intermediada pela distância que possibilita ao homem a noção do que está perto ou longe, e isso é que vai atribuir valor ao lugar (TUAN, 2013).

O tempo mutável molda as relações humanas que ocorrem dentro de um determinado território. O tempo em conformidade com o espaço fomenta a estrutura necessária para a construção das identidades dos indivíduos. A partir desse tempo vivido e estabelecido, no espaço geográfico, reforçado pelas diversas formas de

reprodução e apropriação surge o território, onde se estabelecem as diferenças ambientais e os modos de vida da população.

Esta pesquisa foi construída com os seguintes objetivos:

1 - Compreender a geograficidade construída pelos estudantes da zona rural no município de Iranduba, a partir da experiência com o lugar que esses vivenciam ao longo do percurso casa/escola.

2- Descrever a relação de geograficidade construída entre o aluno e ambiente durante os períodos de seca, cheia, vazante e enchente, a partir dos caminhos do rio e estrada;

3 - Entender como os estudantes percebem e representam por meio de mapas mentais sua relação com o lugar;

4 - Relacionar a vivência escolar e os modos de vida dos estudantes da zona rural, que residem nas ilhas do Rio Solimões e na terra firme.

Portanto, nossa intenção nessa pesquisa é a valorização da geograficidade dos alunos a partir do conhecimento agregado das experiências íntimas de cada um com o seu lugar, construído e vivido, ou melhor, como os lugares íntimos onde se encontra sentimento, onde as necessidades humanas são asseguradas e necessitam da vivência para se constituir. Essa experiência íntima que se refere não somente a vivência do homem com o lugar, mas sobretudo, como ele percebe e se relaciona com o mesmo.

O lugar escolhido como foco em nossa pesquisa foi a Escola Estadual Isaías Vasconcelos, no Município do Iranduba (AM) que está localizada na sede do Município. Distante 36 km, de Manaus. A escolha da área de estudo deve-se ao fato da Escola ser a primeira unidade de ensino inaugurada no município de Iranduba, no ano de 1969. Sua implantação iniciou na várzea do Rio Solimões permanecendo nesse local, por quase dez anos. Em 1978, por força de um evento climático extremo, a escola se desloca para a terra firme onde permanece até os dias atuais (CONCEIÇÃO, 2009).

O município de Iranduba localiza-se na confluência dos rios Negro e Solimões, e seus limites são: a leste com o município do Careiro da Várzea, a oeste

com os municípios de Manacapuru e Novo Airão, ao norte com o município de Manaus e ao sul com os municípios de Manaquiri e Careiro. Apresenta uma extensão territorial de 2.214,251 km<sup>2</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2014). Iranduba faz parte da mesorregião do Centro Amazonense, formada por seis microrregiões e trinta municípios, na Sub-região rios Negro/Solimões, em região inserida no contexto da Bacia do Rio Negro e Rio Amazonas (IPAAM, 2011). Compõe a Região Metropolitana de Manaus – RMM, formada pelos municípios de Careiro da Várzea, Itacoatiara, Manaus, Presidente Figueiredo, Manacapuru e Novo Airão.

A localização privilegiada do município possibilita a existência de dois ecossistemas riquíssimos, o de terra firme, onde predominam praias, cachoeiras e florestas, e o de várzea, que por meio dos ciclos de cheia, enchente, vazante e seca, concentra intensa atividade agrícola e pesqueira. Tal posição geográfica corrobora para a diversidade sociocultural, carregada de imensa simbologia e significados presente na região.

Iranduba, enquanto município surge a partir da Lei Estadual de 09 de abril de 1963, criado, pelo então governador do Amazonas, o Sr. Anfremon D'Amazonas Monteiro. Em 24 de julho de 1964, devido ao pequeno número de habitantes, o governador Arthur Cesar Ferreira Reis, decreta sua extinção. No ano de 1977, o prefeito de Manaus Coronel Jorge Teixeira, cria um centro de produção hortifrutigranjeiro, a partir da margem esquerda do rio Solimões, assentando famílias em terrenos tanto na várzea quanto na terra firme. Essa implantação foi denominada de vila de Iranduba (RODRIGUES, 2014. p. 5).

O sucesso na implantação do projeto alavancou a produção de produtos agrícolas e de olericultura o que colaborou de certo modo para a emancipação do município, outorgada pelo governador José Lindoso, em 10 de dezembro de 1981, pela emenda Constitucional. Delimitado pelo Decreto Estadual n 6.158. Retirando parte do território de Manacapuru e dissolvendo parte do município de Manaus para constituir o município. Após o sucesso desde empreendimento a população do município foi crescendo gradualmente. Hoje segundo dados dos censos de 2000 e 2010 do IBGE, a população total do município passou de 32.303 para 40.735

habitantes. A maioria dos habitantes reside na zona urbana, sendo 28.928, e 11.807 na zona rural.

Enquanto Distrito de Manaus, Iranduba se localizava em área de várzea do Rio Solimões. É nessa área também, nas proximidades da sede administrativa, que foi instalada a primeira escola do Distrito, a escola Isaias Vasconcelos, que leva esse nome em homenagem ao seu primeiro administrador. A escola era gerida pela prefeitura de Manaus, e contava com uma sede construída em madeira que atendia aos filhos dos moradores do local.

Por conta da sua localização, nos períodos de enchente – principalmente as grandes enchentes, do Rio Solimões, as atividades desenvolvidas pela comunidade eram prejudicadas e paralisadas, o que causava problemas aos moradores do lugar. Somente no ano de 1976, quando o então prefeito de Manaus Jorge Teixeira de Oliveira decidiu realizar a doação de uma área, em terra firme, para a instalação da nova Vila de Iranduba, é que o problema se resolve (CONCEIÇÃO, 2009).

A transferência da sede do Distrito, para outro local, acabou por influenciar a remoção da escola Isaias Vasconcelos da várzea, para a terra firme. Nesse novo lugar a escola passou a contar com uma nova estrutura, feita de alvenaria, se tornando a maior escola do Distrito. A mudança de endereço propiciou uma característica singular à escola, uma vez que o estabelecimento passou a atender alunos moradores das áreas de várzea e terra firme.

Quando a criação do município é enfim outorgada, em 1981, a escola é integrada ao município de Iranduba, sendo então a partir, desse momento administrada pela SEMED Iranduba. No ano de 1983, o então governador Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, por meio do decreto n 7268 de 21 de junho de 1983, cria o Estabelecimento Escolar de Ensino de primeiro e segundo grau, denominado “Isaias Vasconcelos”. A escola então é integrada ao quadro de escolas geridas, pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Estado do Amazonas – SEDUC/AM.

A peculiar história geográfica da Escola Estadual Isaias Vasconcelos, em vários momentos se confunde com a própria história do município e, passados 47 anos, a escola, continua no mesmo lugar para onde foi transferida, quando retirada

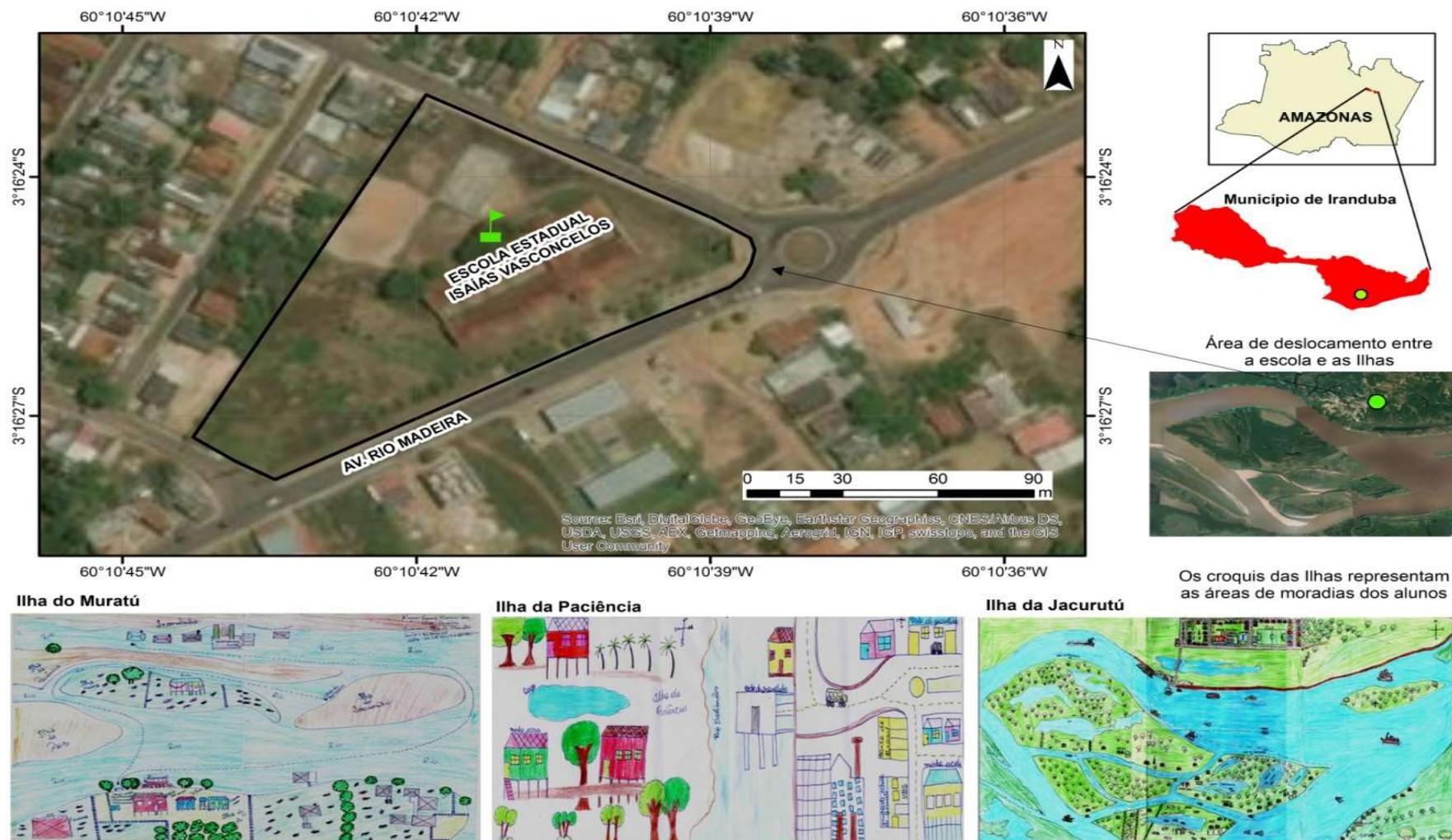
da várzea do Solimões, na rua rio madeira, no município de Iranduba. Atualmente tende um total de 1.200 (Mil e duzentos) - alunos matriculados, nos horários matutino, vespertino e noturno, respectivamente os três turnos em que a escola funciona. Os alunos são moradores das várzeas do Rio Solimões, Rio Negro e da terra firme (sede e estrada), existindo ainda os que residem no Município de Manaus.

A transferência da escola para a terra firme, local que mais tarde, se tornaria sede do município, ocasionou o deslocamento dos alunos oriundos das comunidades situadas às margens do Rio Solimões, para a área urbana, em busca de acesso ao ensino básico. Tal realidade permitiu que a escola adquirisse características peculiares, pois seus alunos, hoje, são em sua grande maioria moradora da terra firme – sede e estrada – ou das áreas de várzea. O que atribui aos alunos, características distintas no estabelecimento de suas relações com o ambiente construído e a natureza. Uma vez que os indivíduos desenvolvem afetividade com o lugar.

Os alunos da escola Estadual da Isaías Vasconcelos (Figura 1), pelo fato de morarem em comunidades localizadas ao longo da estrada, nos ramais, em torno da sede ou na própria sede do município, acabam por perceber a natureza e o ambiente de forma diferente dos alunos que residem nas várzeas do rio Solimões, uma vez que o contato direto com a natureza pode ou não interferir na maneira como os alunos sentem e o conhecem.

Os alunos que residem na várzea do rio Solimões, convivem com o meio ambiente natural e enfrentam diariamente as adversidades impostas pelas oscilações das águas. Os adolescentes várzeanos usam como meios de transporte barcos e canoas para chegarem à escola. Segundo Tuan (2013) as pessoas tendem a desenvolver um sentimento de topofilia com os ambientes que estão próximos e fazem parte da vivência do ser. Por outro lado, os alunos que moram na sede e na estrada que dá acesso ao município, tem outra forma de configuração do espaço em que estão inseridos, e apesar de não usarem barcos e canoas para chegarem à escola, também possuem sua relação de pertencimento com o lugar, pois as pessoas vivenciam os lugares de formas diferentes.

**Figura 1** - Localização da Escola Estadual Isaías Vasconcelos, no município de Iranduba, AM.



Organizado pela autora, 2018.

## Os caminhos percorridos

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo exploratório e descritivo de abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2009), lida com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, ou seja, com os fenômenos humanos. Com a finalidade de alcançar seus objetivos foram empregadas diferentes técnicas, que utilizadas em conjunto foram usadas para descrever e compreender a Geograficidade construída pelos estudantes da zona rural no município de Iranduba.

As pesquisas exploratórias são desenvolvidas em áreas em que o objeto pesquisado é pouco explorado, tornando difícil a formulação de hipóteses. São aplicadas ainda com “o objetivo de proporcionar, tipo aproximativo acerca de determinado fato” (Gil, 2008). Por isso “buscam levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando, assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO, 2007).

Segundo Gil (2010), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição de determinada população, podendo ser utilizada ainda com o propósito de identificar relações entre variáveis. Esse tipo de estudo, além de registrar e analisar os fenômenos estudados busca identificar suas causas, por meio da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos (SEVERINO, 2007).

Nesta pesquisa buscamos no método fenomenológico o apoio e auxílio necessário para compreender a relação do homem com a percepção, o espaço, o mundo e o lugar. Visto que, “o objeto de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (Gil, 2008, p.14). A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do mundo e do viver das pessoas (ibidem, 2008).

Para relatar o ambiente físico da terra firme e das áreas de várzea, no entorno da Escola e das residências dos estudantes. Realizaram-se observações individuais na região com o intuito de conhecer a realidade da escola e dos estudantes no decorrer do primeiro e segundo semestre de 2017. Para isso, foram feitos registros fotográficos desses ambientes com o propósito de conhecer aspectos relevantes

envolvidos no percurso casa escola. Como instrumento de pesquisa as imagens podem ter duas finalidades no trabalho do pesquisador: a primeira seria a fotografia feita com o objetivo de se obter informações e a fotografia feita para apontar ou enunciar conclusões (GURAN, 2012). O diário de campo foi outro importante instrumento utilizado durante as observações no percurso da casa até a escola, uma vez que nele foram registradas as observações resultantes do primeiro contato com o lugar.

Com a intenção de conhecer a percepção ambiental dos estudantes que são oriundos de lugares distintos – terra firme e várzea, contamos com o auxílio do mapa mental, pois, “as imagens podem diferenciar, não só pela escala de área envolvida, mas ainda pelo ponto de vista, hora do dia ou estação do ano” (LYNCH, 1999, p. 97). E “o desenho de mapas é a evidências incontestável do poder de conceituar as relações espaciais” (TUAN, 2013, p. 100). Assim, “os mapas mentais são representações constituídas a partir das percepções dos lugares vividos e diferenciados” (NOGUEIRA, 2014, p. 103). Visto que “o observador procura ajustar a sua imagem a mudanças seculares na realidade a sua volta” (LYNCH, 1999, p. 98).

O levantamento bibliográfico foi feito inicialmente para entender o contexto que se encontra o tema e as diferentes abordagens sobre o espaço, o lugar, a percepção, a identidade e a cultura. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica deve-se ao fato de permitir ao investigador a cobertura de uma ampla gama de fenômenos (GIL, 2008). Foram consultadas as seguintes obras: Bauman (2005); Claval (2007); Cucho (1999); Dardel (2005); Elias (1998); Fraxe (2004); Hall (2006); Holzer (2016); Lynch (1960); Merleau-Ponty (1999); Nogueira (2014); Rodrigues (2014); Rosa (2016); Santos (1980); Tuan (2011); Souza (2015); Thomas (2016); Marinho (2010); e outros.

Foram consultadas fontes documentais oriundas dos arquivos pessoais de moradores do município, bem como de documentos obtidos junto à coordenação regional de Educação de Iranduba, órgão representante da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino Seduc – Amazonas. Todos esses dados levantados foram relevantes na construção desta pesquisa. Antes do trabalho de campo foram feitos contatos com a gestora da escola Isaias Vasconcelos, para sabermos as condições de acesso à escola. Feitos os contatos, partimos para a

execução da pesquisa *in locu* na escola Estadual Isaías Vasconcelos. As etapas do trabalho foram divididas em duas.

A primeira etapa – Consistiu em conversar com os estudantes, em sala de aula, na escola, no município de Iranduba, onde foi solicitado ao aluno que ele desenhasse, em uma folha de papel, como ele percebia o caminho percorrido da sua casa até a escola Isaías e sua relação com esses lugares. Os materiais utilizados nas oficinas da produção dos Mapas Mentais corresponderam a folhas de papel A4, lápis de cor, lápis de desenho, borrachas, régua e cola. Em diversos momentos fez-se necessário colar folhas de papel A4 para que os mapas apresentassem riqueza de detalhes, devido à grande distância da casa até a escola. O tempo de duração de confecção dos mapas foi em torno de duas horas e meia, por essa razão foi necessário voltar à escola diversas vezes, até que todos os mapas mentais ficassem prontos.

Segunda Etapa – Após a confecção realizada por cada aluno de seus mapas mentais, os mesmos deveriam comentar sobre a percepção ao longo do caminho, na sua casa e na escola, de forma individual, apontando cada elemento representado em seu mapa, bem como o seu significado, destacando o que gostavam e o que não gostavam em cada um desses lugares.

No trabalho de campo foram realizadas cinco viagens durante a pesquisa até o município de Iranduba, e três até as comunidades do Jacurutu, Muratu e Paciência, com o objetivo de recolher os termos de autorização dos responsáveis pelos alunos e terminar a confecção dos mapas mentais. A primeira viagem ocorreu no dia 4 de outubro de 2017, aonde partimos de ônibus do transporte coletivo, até a sede do município de Iranduba. Neste dia, ocorreram algumas dificuldades, pois os alunos moradores das ilhas, não conseguiram chegar até à escola, para participarem da confecção dos Mapas Mentais, e o motivo foram os banzeiros do Rio Solimões, que estavam “forte”, devido à sazonalidade das águas que se encontram no período de vazante. Os alunos moradores das ilhas fazem uso de uma lancha escolar que os pegam em suas residências e os atravessam até a margem do Rio Solimões. Quando ocorrem esses banzeiros, o transporte não passa para pegá-los, principalmente, em dias de chuva, devido ao perigo de afundar a lancha.

A segunda viagem ao município de Iranduba foi realizada dia 9 de outubro de 2017, nesse dia, fomos no período da manhã até a escola, nesse horário costumam estudar os alunos que moram na sede e na estrada que dá acesso ao município. Nesse dia, realizamos a confecção dos mapas mentais com os alunos na sua própria sala de aula, no tempo vago que foi disponibilizado pelo professor da disciplina. Nesse dia não conseguimos realizar a confecção de todos os mapas mentais e por essa razão tivemos que retornar à escola outras quatro vezes, isso se deu pelo fato dos alunos que moram na estrada não irem à escola em dias de chuva, pois o ônibus do transporte escolar não entra nos ramais, devido às péssimas condições das estradas de acesso até as suas casas. Esse fato atrasou um pouco o andamento da pesquisa.

A terceira viagem se deu no dia 19 de outubro de 2017, nesse dia nos deslocamos do porto de Iranduba, local próximo à escola, até a Ilha do Jacurutu. Durante o percurso ocorreu um pequeno incidente um forte banzeiro (movimentos das águas) no Solimões, atingiu a voadeira (Lancha com motor), que quase fez a voadeira naufragar, o que nos forçou a atracar na margem e esperar os ventos diminuíssem um pouco. Passado o susto, seguimos a nossa viagem para dar continuidade a nossa pesquisa. Quando chegamos às casas dos alunos conversamos com os responsáveis e aqueles que não puderam confeccionar seus mapas mentais na escola, puderam fazê-lo na comunidade.

A quarta viagem ocorreu no dia 28 de outubro de 2017. Nessa viagem pegamos a voadeira no porto do Iranduba, fomos até a ilha do Muratu, percurso que demorou cerca de uma hora, esse foi um percurso penoso de se fazer. Devido a vazante do Rio Solimões, foi preciso andar dois quilômetros, sob forte sol, pelos bancos de areia (fenômeno típico da região Amazônica) que se formam na vazante do Solimões, da margem da ilha até as residências dos alunos, devido à falta de habilidade de nossa parte, o percurso foi realizado por aproximadamente uma hora; os alunos o realizam em 25 minutos. Ao chegar à comunidade ainda foi preciso subir o imenso barranco que se formou devido à vazante do rio, com aproximadamente 30 graus. Quando chegamos na comunidade os alunos estavam trabalhando na plantação de macaxeira e banana, Jambu e cuidando do gado. Aliás, essas plantações foram algo comum, visto por nós, nas duas comunidades. Nessa comunidade também falamos com os responsáveis dos alunos e à tarde, após o

término do descanso, os mesmos realizaram a confecção dos mapas mentais. O que chamou a atenção no percurso até as comunidades foi a presença de pássaros “pescando” peixes durante todo o trajeto.

A quinta viagem, ocorreu no dia 3 de novembro de 2017. Dessa vez fomos até a ilha da Paciência. Para isso, pegamos uma voadeira (barco de alumínio) no porto do Iranduba até a ilha. Essa localidade fica de frente para a margem, onde está a sede do município e a escola Isaías Vasconcelos. O tempo para chegar até lá foi de pouco mais de 20 minutos. Nessa comunidade a presença da pesca artesanal chama atenção. Quando chegamos à margem da ilha encontramos um grupo de pescadores que aguardavam sua vez de pescar os grandes bagres do Solimões. Nessa comunidade os alunos realizaram a confecção dos mapas após o consentimento dos seus responsáveis.

Desta pesquisa participaram 80 (oitenta) alunos de ambos os sexos, com idades entre quatorze e dezessete anos. Estudantes matriculados e frequentando o turno matutino e vespertino, cursando o primeiro, segundo e o terceiro ano do ensino médio na Escola Estadual Isaías Vasconcelos. Moradores da zona rural do município – terra firme (sede e estrada) e das ilhas do Muratu, Jacurutu e Paciência, Costa do Iranduba, na várzea do Rio Solimões. Para essa pesquisa entendemos como moradores das várzea, estudantes que residem, em áreas que sofrem processo de enchente durante um determinado período de tempo.

Os critérios para exclusão na participação na pesquisa foram compostos por regras como: alunos não moradores do município de Iranduba, moradores de áreas fora do perímetro de abrangência da pesquisa, alunos matriculados, mas não frequentando a escola, e por fim, não voluntariedade.

Nossa proposta na referida pesquisa foi representar, por meio, dos mapas mentais um instrumento de análise da percepção dos estudantes da zona rural do município de Iranduba, pois “os mapas mentais possuem um significado individual do espaço vivido, onde os valores afetivos e socioculturais estão representados [...] por meio da relevância dos detalhes, uma árvore, um lago, um rio, demonstrando por intermédio desses símbolos, o que é o lugar” (NOGUEIRA, 2014, p. 118- 119).

A elaboração dos mapas mentais foi realizada em sala de aula, durante visitas agendadas junto à escola Estadual Isaías Vasconcelos. A confecção dos mapas foi iniciada pelos alunos do primeiro ano do ensino médio e em seguida a série subsequente. Os horários para a elaboração desde mapas foram sempre seguindo conforme orientação dos professores, na sala de aula, visando a não interrupção e respeitando os horários de estudos dos alunos. O levantamento dos dados primários para esta pesquisa foi realizado no período de junho a outubro de 2017.

Por se tratar de uma pesquisa cujo público alvo se constituiu em alunos de Escola Pública Estadual, este plano foi encaminhado à Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Estado do Amazonas – SEDUC/AM-representação regional Iranduba, para que fosse analisado e autorizado pela instituição para a efetiva realização da pesquisa. Após isso a proposta foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM), sob o parecer 2.321.933 tendo sido aprovado em outubro de 2017

Com a devida obtenção da aprovação, deste plano pelo CEP/UFAM, e com o consentimento dos responsáveis, dados a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), para autorização da participação do aluno, em conjunto com a autorização da gestora da escola (Apêndice B), iniciamos no decorrer do segundo semestre de 2017, nossos primeiros contatos com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Além disso, todas as precauções no sentido de assegurar a autonomia do aluno em participar ou não da pesquisa e garantir seu anonimato foram tomadas.

Para organizar os resultados das narrativas desta pesquisa, as temáticas que compõem este trabalho foram divididas em três capítulos. No capítulo I, intitulado: O lugar como expressão do vivido, realizamos uma contextualização dos principais conceitos de espaço lugar, percepção, tempo e experiência, desenvolvendo uma discussão sobre a importância dessas categorias na construção da geograficidade. O segundo capítulo trata da identidade ambiental dos estudantes trazendo o lugar de origem como representação do ser. E por fim, no terceiro capítulo tratamos dos lugares e sua geograficidade influenciando a intersubjetividade do ser.

## CAPÍTULO 1

### O lugar como expressão do vivido

*Não tenho apenas um mundo físico, não vivo  
somente no ambiente da terra, do ar e da  
água, tenho em torno de mim estradas,  
plantações, povoados, ruas, igrejas,  
utensílios, uma sineta, uma colher e um  
cachimbo*

**Merleau-Ponty**  
(Fenomenologia da Percepção, 1994)

#### 1.1. Uma contextualização da Fenomenologia

Nossa intenção não é nos aprofundarmos sobre a fenomenologia enquanto perspectiva filosófica, pois esta discussão encontra-se amplamente debatida em Edmund Husserl, Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e muitos outros. Procuramos somente refletir sobre algumas possibilidades de uso da fenomenologia na análise de fenômenos ligados a percepção, espaço, lugar, mundo e homem. Dentre os filósofos que abordam a fenomenologia, temos a contribuição de Merleau-Ponty. Abordaremos aqui a fenomenologia como:

[...] uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vivididos”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

O autor citado diz que “a fenomenologia consiste no estudo das essências e todos os problemas, segundo ele, resume-se em definir essências: a essência da percepção e a essência da consciência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.1). O autor destaca ainda que “a fenomenologia é da mesma forma uma filosofia que repõe o âmago na existência, e não cogita que se possa compreender o mundo de outra forma senão a partir de sua factualidade.”<sup>1</sup> Assim, a fenomenologia aponta um novo olhar no que diz respeito ao objeto geográfico e o sujeito que experienciam os fenômenos, apresentando um diálogo entre a pessoa e o lugar, introduzindo-a em um âmbito sociocultural e possibilitando-a vivenciar o mundo vivo.

É com essa visão que olharemos os estudantes da zona rural, os estudantes várzeanos, observando suas descrições dos lugares como o conhecimento genuíno deles, reconhecendo suas representações como mais exatas possíveis, mesmo sendo elaboradas sem a preocupação com a exatidão. Buscaremos interpretar as informações dos estudantes, da mesma forma como eles nos demonstraram e a fenomenologia nos dá suporte para isto, pois “ela é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5).

A descrição aqui destacada não é somente do sujeito que pesquisa, mas principalmente aquela de quem “vive o fenômeno” (NOGUEIRA, 2014, p. 35). A corrente de vivências puras que permeiam o sujeito se constata que é a consciência, consciência de algo. Esse algo chama-se de Fenômeno. Com efeito, “a consciência funda como compreensão de algo que é sentido do ser” (ZILLES, 2007, p. 218).

A esse respeito Husserl (apud ZILLES) afirma que:

A fenomenologia é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

<sup>2</sup> HUSSERL apud ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. Revista da Abordagem Gestáltica, Brasil, XIII(2): 216-221, 2007.

De modo geral, a fenomenologia, “trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 7). Além de realizar uma descrição detalhada dos fenômenos pesquisados, a fenomenologia procurar desvendar o mundo vivido “valorizando todas as experiências reais do sujeito com este mundo” (NOGUEIRA, 2014, p. 36). Ou dito de outra forma “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a torna-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros.”<sup>3</sup>

Husserl (apud ZILLES, 2007) se posiciona dizendo que “o mundo vivido ocorre por meio da intencionalidade, ou seja, por meio de sua orientação intencional para preencher o vazio.”<sup>4</sup> Dessa forma, a gênese da intencionalidade “não desvincula o sujeito do objeto, o ser do mundo, ao contrário estes estão vinculados na correlação ser-envolto-no-mundo.”<sup>5</sup> Assim, essa intencionalidade é resultante da integração do sujeito a determinadas vivências, todo um processo encarnado pela subjetividade (PEREIRA; CORREIA; OLIVEIRA, 2010). Ou ainda como ressalta Buttimer (1982):

[...] a noção fenomenológica da intencionalidade sugere que cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo, ainda que se possa esquecer de si próprio como centro criativo daquele mundo. Não há um ponto de vista absolutamente transcendente disponível ao homem, a partir do qual ele poderia ver a si próprio e ao seu mundo [...] cada conhecedor deveria reconhecer-se como um sujeito intencional, isto é, como um conhecedor que usa as palavras com significação intencional – para expor suas intenções objetivas e comunicáveis. (BUTTIMER, 1982, p. 170)

Neste sentido, a fenomenologia está no próprio indivíduo, no mundo vivido e na relação espaço-tempo. Pois, o espaço-temporal do mundo vivido concretiza-se no exercício descritivo da experiência da forma como ela acontece, uma vez que o real deve ser descrito, não construído ou constituído (MERLAU-PONTY, 1999). Dito por outras palavras; para Merleau-Ponty “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com

<sup>3</sup> BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 185.

<sup>4</sup> HUSSERL, apud ZILLES, 2007, p. 218.

<sup>5</sup> NOGUEIRA, Amélia R. B. *Percepção e Representação: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*. – Manaus: Edua, 2014. P. 37

ele, mas não o possui, ele é inesgotável” (MERLAU-PONTY, 1999, p. 14). Ou ainda como interpretou Relph: “o método fenomenológico é um mecanismo para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções, ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional do desenvolvimento de hipóteses”.<sup>6</sup>

Outro autor que aborda a fenomenologia sobre uma ótica existencialista é o geógrafo Eric Dardel. Para ele, esse campo de estudo se refere à inserção do homem no mundo, a existência humana na terra, onde o objeto da fenomenologia é o espaço geográfico, que tem como elemento central “uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p. 02). Ou melhor, “a terra como lugar, base e meio de sua realização.”<sup>7</sup> Essa geograficidade se concretiza na relação Ser e Mundo, da qual fala a fenomenologia. E é fruto da experiência constituída de sentimentos e pensamento (TUAN, 2013). Dessa forma, a terra aqui, passa a ser vista, para além dos seus aspectos físicos, compreendida como lugar de vida.

Para Merleau-Ponty (1994), a partir do momento em que a experiência é reconhecida como o começo do conhecimento, não há mais nenhum meio de distinguir um plano das verdades *a priori* e um plano das verdades de fato, aquilo que o mundo (lugar) deve ser e aquilo que o mundo efetivamente é. Vale ressaltar que a experiência aqui destacada é a dos homens que as vivem, as que são originárias do envolvimento dele com e no mundo (lugar).

Esse lugar vivido, ganha uma dimensão de topofilia nos trabalhos do Geógrafo Yi-fu Tuan (2012), onde o lugar em conjunto com o espaço faz parte da nossa existência, de nossa vida, do nosso ser. O Lugar como extensão do nosso corpo, como elo afetivo, vivido e concreto como experiência pessoal. A partir das relações do ser com as coisas das que conhecem que vivem. Nos lançamos a compreender, também, essa relação de vivência que os alunos têm com os lugares onde moram e por onde caminham.

---

<sup>6</sup> RELPH, citado por SANTOS, Maria. Mapas mentais na percepção dos moradores do baixio, Iranduba/Am. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, SP, 2011.

<sup>7</sup> DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade de geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 119.

## 1.2. O lugar vivido

Com o a pretensão de discutir sobre a ideia de espaço e lugar na geograficidade dos alunos, foram utilizadas as abordagens teóricas trazidas pelo geógrafo Francês Eric Dardel (2011), assim como de outros autores como Yi Fu Tuan (2013), Paul Claval (2007), e outros autores. Os termos espaço e lugar indicam experiências comuns e possuem familiaridade. Uma vez que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 2013, p. 11).

Segundo Dardel (2011, p. 2) existem ao menos duas definições de espaço bem diferentes. A primeira seria o espaço geométrico, tido como homogêneo uniforme e neutro. O segundo como sendo o espaço geográfico constituído de espaços diferenciados. Ele destaca que as distinções entre os conceitos são:

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste (DARDEL, 2011, p. 2).

Quando nos referimos ao espaço vazio, o geométrico, sem vida e sem experiência. Acabamos por nos remeter a algo sem simbologia e desprovido de materialidade. Um espaço considerado como o todo, o abrangente, o amplo, o grande e extenso, em constante movimento, ou seja, um espaço aberto (SOUZA, 2015). Em outras palavras “o espaço aberto significa liberdade, promessa de aventura, luz, o domínio público, a beleza formal e imutável; o espaço fechado significa a segurança aconchegante do útero, privacidade, escuridão, vida biológica” (TUAN, 2012, p. 49-50).

O espaço só se concretiza para o ser no mundo a partir de sua efetividade existencialista, ou seja, ele aparece para nós “em relação”, já desprovido de seus atributos puramente geométricos e abstratos, sem afetividade (HOLZER, 2013). Assim sendo podemos supor que o espaço, nesse momento sofreu transformações nas suas características naturais. Isso explica a razão pelas quais as modificações espaciais não ocorrem de maneira uniforme e em momentos diferentes. São essas relações que atribuem significados e simbologia ao constructo da experiência

humana. Indagando sobre o conceito de espaço o geógrafo Francês Eric Dardel (2011), afirma ainda que:

O espaço não é uma realidade subsistente: ele se subtrai lá onde o homem não pode segui-lo. Não é o homem que faz uma ideia do espaço, é o espaço que vem ao seu encontro e o chama; ele só existe nessa atualização, nesse movimento de se apresentar (DARDEL, 2011, p. 51).

Para Santos (1980a), o conceito de espaço consiste em um conjunto de relações, que se desenvolvem por meio de funções e formas representativas do passado e do presente e por uma formação constituída por relações sociais do passado e do presente. “O espaço então é um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Essa é a razão pela qual a evolução espacial não ocorre de forma semelhante em todos os lugares” (SANTOS, 1980, p. 122).

Segundo o geógrafo Tuan (2013, p. 169) o “lugar é uma pausa no movimento”. Se o lugar é estagnação, então podemos entender que o espaço se constitui no próprio movimento. A pausa no movimento permite ao homem que um local se torne centro afetivo e reconhecido de simbologia. A realização de tal pausa contribui para que os homens intensifiquem seu sentimento de lugar. A partir dessa metamorfose o lugar ganha característica de íntimo, é nele que satisfazemos nossas necessidades básicas, onde ganhamos carinho e segurança.

De acordo com Holzer (2003, p. 11) “lugar, é conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio”. Ou seja, um sítio “fixo” e se o espaço se caracteriza pela capacidade de se mover, a relação entre o tempo e espaço na construção do lugar se mostra intimamente ligados. Ambos fundem-se originando uma singularidade espaço-temporal, uma espécie de configuração que surge, portanto, reforçando a ideia de tempo geográfico e espaço histórico (SOUZA, 20015).

Percebemos que o tempo e o espaço caminham intimamente na construção do lugar. O tempo também está implícito na interação com o espaço, e inserido em todos os lugares, como no esforço, no movimento, na liberdade e acessibilidade. A relação de espaço e tempo nas pessoas se origina no subconsciente, e a nossa condição biológica nos remete ao senso de tempo, e o espaço porque temos a capacidade de nos movimentar (TUAN, 2013). Por essa razão as atividades

executadas propositalmente são orientadas por um eu pensante no tempo e espaços. Assim, todas as pessoas têm sua maneira de conceber o espaço e o tempo e uma forma de elaborar um mundo espaço-temporal. Dessa forma as atividades desenvolvidas pelo homem no lugar, são originadas pela experiência individual adquirida somente com o passar do tempo, pois é esse tempo que servirá de suporte na concepção e estruturação deste lugar, uma vez que conhecer o lugar exigirá tempo.

De acordo com Norbert Elias (1998), em seu estudo sobre o tempo, enfatiza que:

Os homens são figuras inseridas de tal modo no espaço e no tempo que, a qualquer instante, sua posição pode ser localizada e datada. Mas isso não basta. Os símbolos sociais devem permitir situá-los, bem como ao conjunto de sua experiência e sua atividade, na trajetória que eles descrevem através do universo simbólico que é o lugar de sua coexistência (ELIAS, 1998, p. 106).

Em relação ao conceito de lugar destaca-se ainda, a tese de Relph que se tornaria o livro *Place and Placelessness*, onde o autor se dedica a tarefa de diferenciar as experiências de espaço e de lugar. Destacando o espaço existencial ou vivido (lugar) definido como:

“A estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos”<sup>8</sup>

Nesse sentido o lugar seria um modo íntimo de relacionar as diversas experiências de espaço. Íntimo porque os lugares são distintos. Dito de outra forma, o significado do espaço, em especial o espaço vivido, provém dos lugares existenciais de nossa experiência imediata (DARDEL, 2015). Os lugares íntimos são lugares onde os homens encontram carinho, onde suas necessidades biológicas estão asseguradas.

Como já mencionamos o lugar também é uma pausa no movimento, essa pausa possibilita que o lugar se torne o centro de reconhecido valor. Os homens ao

---

<sup>8</sup> RELPH, citado por DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade de geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 143.

realizarem essa pausa contribuem para a intensidade de seu sentimento de lugar. A afeição durável pelo lar é de certo modo resultante de experiências íntimas e afetivas. Para uma criança seus pais são seu primeiro “lugar”. O adulto que lhe cuida é para ela uma fonte de alimento e uma segurança. Por isso, na ausência da pessoa certa as coisas e os lugares perdem significados (TUAN, 2013).

Para Santo Agostinho, o valor do lugar dependia diretamente da intimidade de uma relação humana particular. Para ele a sua cidade natal, Tagasta, transformou-se com a morte de seu amigo de infância. Com ele mesmo descreve:

Meu coração estava agora dilacerado pela dor e para todos os lados que olhasse só via a morte. Meus lugares familiares tornaram-se cenários de tortura para mim, e meu próprio lar tornou-se um sofrimento. Sem ele tudo que fizemos juntos tornou-se uma experiência insuportavelmente dolorosa. Meus olhos continuavam procurando-o sem achá-lo. Odeio todos os lugares onde costumávamos nos encontrar porque eles não podem, mas me dizer: 'Olhe, aí vem vindo ele', como faziam antes.<sup>9</sup>

Na compreensão do lugar o tempo ganha importante dimensão, pois, o lugar é como uma pausa na corrente do tempo. O lugar é um mundo vivido de significado organizado e fundamentalmente um conceito estático. Se vivêssemos o mundo como um constante processo de mudança dificilmente desenvolveríamos um sentimento de lugar. Logo, sentir o lugar leva mais tempo “[...] e isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos [...] é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais como o nascer e pôr do sol, de trabalhar e brincar [...]”<sup>10</sup>. Em outras palavras viver o lugar é marcado pelos nossos músculos e ossos. Ou como exemplifica Tuan (2013):

É um tipo de conhecimento subconsciente. Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o tornamos conhecido. Com o tempo uma nova casa deixa de chamar nossa atenção; torna-se confortável e discreta como um velho par de chinelos (TUAN, 2013, p.224).

Diante disso, “a afeição de uma pessoa por um lugar ou por uma localidade raramente é adquirida por uma pessoa de passagem” (TUAN, 2013, p. 224). Dessa

<sup>9</sup> AGOSTINHO, citado por TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013.

<sup>10</sup> Ibid., p. 224.

forma, é preciso tempo para adquirir um sentido de lugar. Assim, a sensação de tempo afeta a sensação de lugar, pois quanto mais tempo se viver em um lugar, melhor, mais enraizada e simbólica será a experiência e conseqüentemente o apego com o lugar.

Por sua vez, Nogueira (2014), nos seus trabalhos, apresenta o lugar produzido no dia a dia, fruto da relação de trabalho, carregado de afetividade, de rejeição, de circulação de produção de ideias. Ela argumenta que a experiência individual, com o lugar, dota o sujeito de capacidade para interpretar o seu próprio mundo. Em outras palavras é na relação de intersubjetividade que o lugar vai sendo moldado e construído. Dessa forma o lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao meio ambiente (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012)

Tuan (2012) caracteriza elo de afetividade com o lugar como topofilia, essa palavra pode ser definida no sentido amplo como todas as ligações afetivas dos homens e o lugar, que se expressam de maneira e intensidade diferente de acordo como o indivíduo. Segundo o autor a topofilia, por sua vez estaria ligada às atitudes e valores ambientais. O autor agrupa em cinco tipos as atitudes e valores ambientais, como descritas abaixo:

“(1) Como os seres humanos, em geral, percebem e estruturam o seu mundo. São procurados traços humanos universais; (2) percepção e atitude ambientais como uma dimensão da cultura ou da interação entre cultura e meio ambiente. Pessoas analfabetas e comunidades pequenas são examinadas em algum detalhe e numa abordagem holística; (3) tentativas para inferir atitudes e valores ambientais com o auxílio de pesquisas, questionários e testes psicológicos; (4) mudança na avaliação ambiental, como parte do estudo da história das ideias ou da história da cultura; (5) o significado e a história de ambientes como a cidade, o subúrbio, o campo e o selvagem” (TUAN, 2012, p. 16).

O sentimento de pertencimento nos homens com os lugares, desenvolvido a após a exploração do espaço, permitem fechá-los em sistemas de representações a qual atribuem nomes íntimos a esses lugares e aos meios. Aos nomes dos lugares acrescentam-se as regionímias elas traduzem a memorização pelo grupo de uma mudança de escala na percepção do espaço. (CLAVAL, 2007).

De acordo com Claval (2001) citado por Santos (2011b) os indivíduos e os grupos não vivem os lugares da mesma forma, não o percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e nem os mesmos critérios. O autor salienta com isso, que cada pessoa percebe o lugar segundo a sua experiência, logo forma a sua própria visão de mundo. Dessa forma os alunos moradores das áreas várzea e os residentes na terra firme, atribuem valores diferentes ao ambiente que os cercam, como por exemplo: a casa, o caminho percorrido diariamente e a escola. Em outras palavras o lugar mais próximo de nós, transmite o sentido de pertencimento, como um ato de realização do homem no espaço e tempo (MARINHO, 2010; SOUZA, 2015).

O sentimento topofílico não pode ser considerado como é a emoção mais forte inerente ao ser humano. Para que o lugar obtenha esse significado relevante é preciso que se adquira experiência. Pois a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p. 17). O que as pessoas conhecem é uma realidade que se originou do constructo da experiência, formulada a partir de sentimento e sensação de pertencimento com o lugar. A experiência dessa forma, implica em aprender a partir da apropriada vivência. Entre os estudantes da escola, moradores das áreas de várzea e terra firme é comum identificarem-se afirmando: “[...] eu sou da várzea do Muratu”, “[...] ele é da estrada”, “[...] eu sou da sede”. Cada um desses lugares mostra-se diferentes apesar de todos estarem na zona rural. “Cada ser humano possui um mundo somente seu, em contraponto ao mundo único objetivo das ciências positivistas[...]”<sup>11</sup>. Nas margens desse rio e dessas estradas, caminhos pela sede, diversos trajetos vão se desenhando. E cada lugar que se produz ao longo deles têm suas peculiaridades, dados na maioria das vezes pela diferença natural que cada um apresenta.

Partindo desse entendimento o lugar seria um modo particular de relacionar as diversas experiências com o espaço. Relph (1979) citado por Giometti, Pitton e Ortigosa (2012) lugar tem um significado mais amplo que vai além do sentido geográfico de localização, não diz a respeito a objetos e atributos originários da localização, e sim a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, necessita

---

<sup>11</sup> BALLESTEROS apud NOGUEIRA, 2014.

de raízes e segurança. Tal interpretação reforça que o lugar apresenta diferenças em relação ao espaço, o último se concebe em lugar à medida que ganha definição e significados adquiridos com a experiência.

Para que o homem estruture o espaço em lugar, as distâncias e as direções ganham fundamental importância. A noção de distância na configuração do lugar vivido, diz respeito ao tempo implícito e não a comprimento, ela é vivenciada como qualidade, e refere-se ao homem agindo e modificando o espaço, sofrendo influência do meio ambiente. Assim a distância torna-se um fator primordial deste ambiente que atua sobre o homem, e na estruturação do mundo que nos envolve (HOLZER, 2003). A ligação da distância com o tempo e o espaço na estruturação do mundo, é abordada por Dardel (2011) que afirma:

“Que o espaço geográfico aparece essencialmente qualificado por uma situação concreta que afeta o homem, isso é o que prova a especialização cotidiana que o especializa como afastamento e direção. A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinada. Ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de perto ou longe. O que está perto é que pode se dispor sem esforço, o que está longe exige um esforço e, implicitamente um desejo de se aproximar” (DARDEL, 2011, 10).

Assim como a distância, as direções também desempenham papel importante na estruturação do mundo pelos homens. As direções foram desenvolvidas por necessidades de especialização, e aperfeiçoada através do tempo para suprir as distâncias. “Ao mesmo tempo que procura tornar as coisas próximas, o homem necessita se dirigir, para reconhecer o mundo para se encontrar, para manter reta sua caminhada e diminuir as distâncias” (DARDEL, 2011, p. 11). Dessa maneira a distância e a direção são produtos da experiência e reafirmam a liberdade humana.

A corporeidade tem papel importante na orientação e estruturação do mundo. É o corpo que constitui a existência no tempo e espaço, e a partir dele que se forma a noção de perto, longe, lá e aqui e centro, elementos cruciais para desenvolver afetividade, relações que formam a geograficidade. Como destaca Merleau-Ponty (1999) quando afirma que:

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 203).

Dessa forma, o corpo é o elo de referência e o suporte material em que ele se projeta é o lar, a cidade natal, o horizonte que lhe é familiar. “O espaço primitivo” para onde se direcionam nossos desejos, pensamentos e estão impregnados de simbologias, que já estão em nossas mentes e constituem parte da nossa vivência (Dardel, 2011). Assim, o suporte material dos alunos também é constituído por meio da sua experiência, com a casa onde moram, com percurso que fazem até a escola e com a própria escola, esses são os lugares que forma uma imagem mental e que possuem vínculo emocional que os alunos que fazem parte do seu constructo pessoal. Como mostra Lynch (1999) quando afirma que:

No processo de orientação o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está a habituada a interpretar informações e comanda ações. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado que essa imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo (LYNCH, 1999, p. 14).

A distância e a direção provocam a situação, como um lugar construído pelo, onde ele move, onde desenvolve uma gama de relações e de trocas; de direções e distâncias que de alguma maneira alicerçam o lugar da sua existência. O resultado dessa relação do homem com a terra seria a geograficidade (Geographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011). A relação homem/Terra como uma interpretação, um horizonte de mundo, a partir da qual a consciência parte. Dessa forma, na nossa investigação a geograficidade será sempre entendida como aquela onde o conhecimento geográfico tem como objetivo decifrar os signos ocultos da terra, aquela que revela ao sobre sua condição humana e seu destino. Aquela “geograficidade que se refere a essa cumplicidade obrigatória entre a terra e o homem em que se realiza a existência humana”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Ibid., p.146

### 1.3. Percepção dos lugares a partir dos Mapas Mentais

Ao buscarmos entender como os alunos percebem e representam os lugares, nos apoiamos nos estudos de autores como Paul Claval (2007), Nogueira (2014), Lynch (1999) e Merleau-Ponty (1999). A palavra percepção tem origem no latim *perception*, e recebe nos dicionários algumas definições como: estímulo, imagem e intuição. Para Merleau-Ponty (1999, p. 10) “A percepção não consiste em uma ciência do mundo, nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”.

A compreensão do mundo e da sociedade é feita por meio dos sentidos: a visão é crucial para situar os objetos e os seres no espaço e apreender os movimentos; a audição dá uma dimensão sonora ao meio, suplementa (imperfeitamente) a visão para apreender a extensão e colorir a vida de momentos, de emoção, de medo ou de pânico; o odor ensina sobre as matérias e junta-se ao gosto para transformar o beber e o comer em prazeres (CLAVAL, 2017, p.81).

Nos estudos de percepção, a noção de sensação é fundamental. “A sensação não é nem um estado ou uma qualidade, nem a consciência de um estado ou de uma qualidade” (NÓBREGA, 2008, p. 02). As sensações são concebidas pelos movimentos: “A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão.”<sup>13</sup>

Para Merleau-Ponty (1994), a percepção está relacionada à atitude corpórea. “é no meu corpo que compreendo o outro, assim, como é por meu corpo que percebo as coisas” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 253). Assim sendo, temos o seguinte: “o corpo próprio está no mundo assim como o coração; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema.”<sup>14</sup> Ou melhor, a identidade das coisas, por meio da experiência perceptiva é apenas um outro aspecto da identidade do próprio corpo no decorrer dos movimentos de exploração.

O que reúne as “sensações táteis” de minha mão e as liga às percepções visuais da mesma mão, assim como às percepções dos outros segmentos do corpo, é um certo estilo dos gestos de minha mão, que implica um certo

<sup>13</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

<sup>14</sup> Ibid., p. 273.

estilo de movimentos de meus dedos e contribui, por outro lado, para uma certa configuração de meu corpo (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 208).

Para o pensamento objetivo que opera a determinação e que está longe de ser apropriado para tratar o fenômeno, o corpo está situado no tempo e no espaço objetivo (CARDIM, 2007). Portando o corpo age como extensão. Ou como afirma Merleau-Ponty, “considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo como um dos objetos desse mundo.”<sup>15</sup> Desse modo, trato o meu corpo, minha própria história perceptiva como resultado de minhas relações com o mundo objetivo. Assim, temos que o corpo é o sujeito da percepção e é por intermédio dele que se realiza o movimento de transcendência ativa pelo qual o interior vive no exterior, ou seja, o meio pelo qual a consciência se relaciona com o mundo.

Se o espaço do corpo e o espaço exterior juntos formam um sistema prático, ambos se apoiam no ponto fundamental para se concretizarem: no movimento. É na ação da mobilidade que a espacialidade do corpo se realiza e nos leva a compreendê-la. Assim, “considerando o corpo em movimento vê-se melhor como ele habita o espaço, e o tempo.”<sup>16</sup> Dessa forma, as sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais (NOBREGA, 2008, p. 142).

Nos capítulos que discorrem sobre o corpo em Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty realça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito com as coisas e que coexistem comigo enquanto sujeito encarnado. E no momento em que a experiência é reconhecida como início do conhecimento o mundo vivido, se abre para “[..] aquilo que o mundo deve ser e aquilo que efetivamente ele é expressivo e simbólico” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 298).

Bem entendido, o processo da experiência não está desdobrado diante de mim como se eu fosse um Deus, pelo contrário, “[..] ele é vivido por mim, do meu ponto de vista, não sou um espectador, sou parte dele [...] um ponto de vista que torna possível ao mesmo tempo a finitude de minha percepção e sua abertura ao

---

<sup>15</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 108.

<sup>16</sup> Ibid., p. 149.

mundo total enquanto horizonte de toda percepção.”<sup>17</sup> Ou seja, as experiências perceptivas se atraem, se motivam e se misturam umas às outras.

A experiência perceptiva é uma ação do corpo. De acordo com Tuan (2013) a experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras, por meio, dos quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, desse modo:

Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual [...]. E as emoções dão coloridos a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento [...]. O pensamento dá colorido a toda experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor, frio, prazer e dor [...].<sup>18</sup>

Merleau-Ponty (1994) vai ainda mais longe e argumenta:

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir.<sup>19</sup>

Nosso trabalho, como aqui já foi enfatizado, tem como objetivo primeiro a valorização do conhecimento dos estudantes a respeito do percurso por onde andam, que como nos demonstraram, não se resume apenas a seu lugar de estudo, mas de amizade, de moradia, de lazer, seu lugar de vida. Assim, recorreremos aos trabalhos desses autores que nos fornecessem elementos para compreender e valorizar este saber.

A experiência adquirida por estes alunos a respeito do rio, em especial o rio Solimões, e das estradas, que eles navegam e andam diariamente até chegar a escola, nos indicam que esses não são apenas os caminhos por onde precisam passar, mas suas fontes de aprendizagem, de existência e de saber, seja, sobre a dinâmica da natureza, ou sobre a vida dos amigos que passam por ali diariamente. Os alunos conhecem cada amigo que faz o trajeto com eles, conhecem cada lago que se esconde na mata, sabem onde é mais profundo, onde as ilhas e os bancos de areias que aparecem na vazante estão, conhecem cada nova passagem que

---

<sup>17</sup> Ibid., p. 408.

<sup>18</sup> TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013.

<sup>19</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

surge com a dinâmica de subida e descida do rio, no período das cheias e vazantes, sabem os furos e lagos onde se esconder durante chuva.

[...] quando eu venho às vezes, tenho medo quando dá temporal né, assim, chuva forte, no Solimões, a gente fica com um pouco de medo, tem situações que a gente muitas vezes né, tem que se prevenir [...] tem dois trajetos quando. [...] quando tá o tempo normal, a gente vai pelo trajeto normal, pelo Solimões, mas, quando tá o tempo nublado a gente vem por aqui, pelo lago pra que se no caso não der de nós atravessarmos, a gente fica aqui no lago, até o vento ou a chuva passar, e se o banzeiro, no rio Solimões, se ele passar a gente atravessa agora, se não a gente tem que voltar pra casas devido o tempo [...] toda vez que chove é assim [...] ou a gente chega antes aqui [...] ou a gente quando é uma chuva assim que a gente acha né que por experiência acha que não é tão forte [...] vem pelo lago se caso for uma chuva com vento temporal a gente para senão, a gente prossegue normal. (Relato do estudante, Iranduba, 2017).

Assim, como conhecem muito bem, cada beco que se esconde na escuridão das ruas, conhecem cada ramal enlameado pela chuva, cada desvio de caminho nas estradas, cada som dos pássaros e o sossego e tranquilidade presente em cada lugar ou em cada casa de vizinhos que conhecem e que encontram quando percorrem o caminho que os levam diariamente até a escola. Conhecem cada lugar sinônimo de alegria, como a praça, como o campo de futebol, todos lugares íntimos que fazem parte da sua convivência.

[...] pra quem não sabe lá no São Francisco, no caminho quando a gente passa, dá pra ver muita árvore porque a maioria das pessoas opta por não derrubar pra fazer casa [...] sempre quando a gente passa, a gente pode ver muitos passarinhos cantando, na paisagem, perto do lago, um laguinho que sempre enche e seca [...] sempre que ele enche dá pra tomar banho lá, fica muito lindo, ele enche com a água do Solimões. [...] é bom por esse fato de ir andando e sempre a gente pode interagir com os vizinhos [...] e durante o meu percurso encontro com os outros alunos e a gente vem em grupo, [...] a gente fala com todos os vizinhos e eu gosto de interagir com eles. [...] durante o percurso de casa, tem tipo um “becozinho” que tem alguns drogados, só que é bom que eles não fazem mal a ninguém, o problema é da polícia chegar e eles se confrontarem e ter alguma pessoa inocente entres eles, e houver bala perdida e eles atirarem pensando que faz parte, isso me dá medo[...].

Em meio a esses mistérios apresentados pela natureza, pelas estradas e ruas que os levam até a escola, esses estudantes tranquilamente se envolvem com eles, enfrentam-nos e os controlam, é uma relação que contém amor, desafio e medo. Como a geograficidade descrita por Dardel (2011) sendo desenvolvida, o relacionamento que liga o homem com a terra, “[...] uma geograficidade do homem

como modo de sua existência e de seu destino [...].”<sup>20</sup> Buscaremos a partir da valorização deste conhecimento, entender esta geograficidade, descrevendo e compreendendo as informações desenhadas nos mapas mentais. Mapas estes que ultrapassam o conteúdo geométrico.

Os estudantes que moram nas ilhas das várzea do Solimões vivem o dia a dia do rio e com rio têm dele uma experiência de vida, sabem onde fica cada nova ilha que surge, sabe distinguir cada banzeiro que atinge a canoa, sabem o momento de plantar e colher antes das subidas das águas. Bem como os alunos que moram na terra firme - na estrada e na sede, que conhecem cada rua que passam durante seu cotidiano, cada ramal que percorrem, conhecem cada vizinho que moram nesse trajeto, cada animal que passa pela estrada e seus horários. Há uma intersubjetiva com as coisas e com os seres. Ou dito de outra forma, “estou lançado em uma natureza, a natureza não aparece somente fora de mim, nos objetos sem história, ela é visível no centro da subjetividade” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 463). A história que se refere Merleau-Ponty (1994) é aquela experienciada no tempo natural que está sempre ali passado que foi vivido, pois, “na vida intrauterina, por exemplo, nada foi percebido, e é por isso, que dela não há nada para se lembrar.”<sup>21</sup>

Nós delimitamos fases ou etapas de nossa vida, por exemplo consideramos como fazemos parte do nosso presente tudo o que temos em uma relação de sentido com nossas ocupações do momento; portanto, reconhecemos que implicitamente que tempo e sentido são um e o mesmo. A subjetividade não é a identidade imóvel consigo: para ser subjetividade, é-lhe essencial, assim como ao tempo, abrir-se a um Outro e sair de si.<sup>22</sup>

O mundo é aquilo que eu experiencio e que é experienciado por mim e pelo outro enquanto sujeito encarnado. “Essa experiência possui todas as características de emoção, ou seja, de uma deposição do eu em contato com o mundo [...]” (DARDEL, 2011, p.130). Dito em outras palavras “o homem procura a terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser.”<sup>23</sup> Dessa forma, procuraremos rigorosamente descrever o que nos vai ser relatado e representado da forma como apresentado pelos estudantes.

---

<sup>20</sup> DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade de geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 02.

<sup>21</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 464.

<sup>22</sup> Ibid., p. 571.

<sup>23</sup> Ibid., p. 130.

Almejamos com este trabalho contribuir para a compreensão da geograficidade do estudante no lugar que habita, vendo-a como um saber concebido e interpretado por quem nele vive. Uma geograficidade traduzida das emoções que faz nascer e crescer em nós. O nosso ponto de partida foi os estudantes da zona rural de Iranduba, que com suas noções de orientação e localização do dia a dia, produzem um conhecimento dos lugares por onde passam, seja na estrada, nas ruas da sede ou nas águas das várzeas.

As pessoas e os grupos sociais percebem o ambiente de formas distintas. Porém todos os seres humanos compartilham percepções comuns, mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares (TUAN, 2012). A percepção é uma tarefa, um ato de compreender-se para o mundo.

O ser humano tem outras maneiras para responder ao mundo além dos cinco sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, por nós conhecidos desde os tempos de Aristóteles. Por exemplo, algumas pessoas são extremamente sensíveis às mudanças sutis na unidade e na pressão atmosférica; outras parecem ser todas de extraordinário sentido de direção, embora se tenha questionado o caráter inato desta faculdade (TUAN, 2012, p. 22).

Segundo Paul Claval (2007), a sensação não é um elemento puro, pois o indivíduo convive em uma sociedade, que se utiliza de um vocabulário rico de formas e de cores que pré-determina o que ele sente. Assim, ele percebe o mundo por meio dos parâmetros de leitura que ele recebeu. Dessa forma seu olhar procura compreender os recortes que evocam as palavras que lhes foram ensinadas e as imagens mentais que as completam.

De todos os sentidos usuais, as pessoas dependem racionalmente da visão, para projetar o mundo. Por meio da visão o mundo com maior abrangência surge carregado de informações essencialmente detalhadas, mais até que os outros sistemas sensoriais como paladar, olfato, audição e tato. Por meio da visão constroem as imagens do espaço. “A imagem como entendimento do ambiente é utilizada desde a pré-história, com o aparecimento da linguagem simbólica, quando o homem desenhou gravuras na pedra com as cenas do seu dia-a-dia e de sua trajetória” (LIMA e KOZEL, 2009).

Para Lynch (1999), a imagem permite que as pessoas se desloquem facilmente e depressa ajuda a encontrar a casa de um amigo, uma loja, um guarda.

Mas sem dúvida o ambiente organizado possibilita ir, além disto, ele serve como estrutura de referência, um organizador de atividade, de valores ou conhecimento. O autor reafirma ainda, que a imagem do ambiente é uma fonte útil para o crescimento do indivíduo como mostra abaixo:

A imagem de um bom meio ambiente dá a quem possui um sentimento importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior. Isto é o inverso do medo que deriva da desorientação; significa que o doce sentido do lar é mais forte quando o lar é não só familiar, mas também distintivo (LYNCH, 1999, pp. 14- 15).

Nesse contexto, as representações cartográficas encerram grandes possibilidades para o entendimento do mundo e do humano do mundo. Porém, são os mapas mentais que podem trazer ainda mais elementos para esse entendimento, uma vez que podem ser inseridos no contexto das representações que advêm do simbólico. (KOZEL E GALVÃO, 2008).

Os mapas mentais são imagens produzidas por meio das observações sensíveis da experiência humana com o lugar e não se alicerçam em informações precisas e pré-estabelecidas, pelo fato da razão objetiva se remeter a existência humana independente de categorias de identidade (LIMA E KOZEL, 2009). Essa existência é mediada por símbolos, pois, o homem possui uma capacidade extremamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Estes símbolos inerentes ao homem são apresentados de diferentes formas, como lendas e desenhos. “Uma linguagem de sinais e símbolos é privativa da espécie humana e com ela os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionar entre si e com a realidade externa” (TUAN, 2012, p. 31).

Segundo Nogueira (2014, p. 103) os mapas mentais são representações construídas a partir das percepções dos lugares vividos, experienciado. Ele é a interpretação da maneira como o homem, concebe, representa, reproduz e vive o lugar. Ou dito de outra forma, são mapas elaborados a partir das imagens mentais que temos dos lugares vividos, “[...] essas imagens os homens constroem pouco a pouco e sua visão de mundo.”<sup>24</sup> A autora ressalta ainda que nos mapas mentais

---

<sup>24</sup> NOGUEIRA, Amélia, R. B. Percepção e Representação: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. – Manaus: Edua, 2014.

tanto do o visível a ser representado, como os símbolos que aparecem assinalados dão pistas para entender que existe um significado invisível também destacado.

Os Mapas Mentais “são representações do espaço vivido, onde os valores individuais e socioculturais estão representados por meio do destaque de uma casa, uma árvore, a um rio, falando por intermédio destes símbolos representados, o que é o lugar” (NOGUEIRA, 2014, p. 117-118). Dessa forma “os Mapas mentais trazem informações tanto do real que está envolta do indivíduo como do significado daquilo que não podemos ver mais que existe que é o invisível, mas que as pessoas também percebem” (SANTOS, 2011, p. 15).

Gould (1973), trabalha com as imagens, também e principalmente dos lugares distantes, as imagens que estão nas nossas mentes de lugares conhecidos a partir de histórias, romances e lugares imaginários.”<sup>25</sup> E assim, mostra o mapa mental como um recurso de representação dos lugares, para nós lugares vividos.

Acreditamos que ainda exista muitas dúvidas quanto ao uso do mapa mental para a compreensão da relação do homem com o lugar e de sua representação. Como nossa pesquisa, não se propõem a esgotar nenhum dos assuntos abordados, faremos uma pausa para tentar desvendar a outra categoria importante para a compreensão dos mapas mentais dos estudantes: a cultura.

No segundo capítulo, portanto, procuraremos compreender a concepção de cultura que os estudantes possuem no “espaço aquático” em que vivem. Para isto, realizaremos um levantamento com alguns autores que trabalham e concebem a questão da identidade. Nos priorizaremos encaminharemos no entendimento Bourdier construiu em relação a cultura. Podemos adiantar que esta categoria foi compreendida por ele como *habitus* que seria aquilo que está enraizado no seu interior e que possibilita aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e acolher práticas que estão de acordo com sua vinculação social. Neste capítulo também buscaremos ao longo dos diálogos com os autores estudados, pensar a pesquisa com os estudantes, associando sempre seu saber, seu conhecimento experienciado com os rios da várzea e suas paisagens, com nossas discussões teóricas.

---

<sup>25</sup> GOULD citado por NOGUEIRA, Amélia R. B. Percepção e Representação: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. – Manaus: Edua, 2014, p. 108

## CAPÍTULO 2

### Na terra molhada: A percepção da várzea do Iranduba por meio da (s) cultura (s) nos Mapas Mentais

*A situação de um homem  
supõe um “espaço” onde ele “se  
move”; um conjunto de relações e  
de trocas; direções e distâncias  
que fixam de algum modo o lugar  
de sua existência.*

**Eric Dardel**

(O home e a terra: natureza da  
realidade geográfica, 2015).

Para Tuan (2012), a cultura esboça um papel importante na percepção e valores ambientais de cada pessoa. Pois, à medida que a sociedade e a cultura se modificam com o passar do tempo elas podem mudar suas convicções em relação ao ambiente. O autor destaca que o ambiente natural e a percepção de mundo estão interligados a percepção do mundo e se não tem origem em uma cultura desconhecida é constituída por elementos do ambiente social e físico de um povo. Paul Claval (2007) define cultura como:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de quem fazem parte. A cultura é herança transmitida de geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (CLAVAL, 2007, p. 63).

O conceito de cultura é próprio à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária de certa forma para refletir a unidade da humanidade na diversidade

além das terminações biológica. Ela parece prover à resposta mais próxima a questão das diferenças entre os povos. O ser humano é fundamentalmente um ser de cultura. A cultura possibilita aos seres humanos não somente adequar-se ao seu ambiente como também adaptar-se esse meio ao próprio homem as suas necessidades e seus projetos, em resumo, a cultura torna viável a transformação da natureza (CUCHE, 1999).

Cada cultura tem princípios inerentes, porém alguns componentes cruciais estão sempre presentes. Os indivíduos de uma sociedade dividem códigos de comunicação. Seus hábitos diários são familiares. Seus componentes têm em comum estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que garantem a sobrevivência e reprodução do grupo (CLAVAL, 2007). Eles aderem aos mesmos princípios, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhada.

Laraia (2001), aborda em seus estudos que a “cultura é como uma lente por meio da qual o homem vê o mundo”<sup>26</sup>. E que homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desconstruídas das coisas. Como exemplo, “a floresta amazônica não passa para o antropólogo — desprovido de um razoável conhecimento de botânica — de um amontoado confuso de árvores e arbustos, dos mais diversos tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes” (LARAIA, 2001, p.35)

A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nos movimentamos, relacionando nos entre nós e com o entorno (ROCHA E ALMEIDA, 2005). Este mundo vivido acontece num território, cujas territorialidades se definem pelas diferenças culturais “[...] essas diferenças é que constituem a cultura, que se manifesta por meio de uma linguagem verbal, com suas músicas, língua, mitos, lendas, crenças, e não-verbal, com seus símbolos, ícones e índices.”<sup>27</sup>

Por outro lado, Paul Claval (2007), afirma que:

Os homens não estão jamais em relação direta com a natureza: vive num meio artificial que eles mesmo criaram; o vestíário e a casa os protegem das vicissitudes do clima; os caminhos e as vias facilitam a circulação. A vegetação natural é destruída e substituída pelas florestas cuja composição

---

<sup>26</sup> LARAIA, R.B. Cultura um conceito antropológico. 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 35.

<sup>27</sup> ROCHA, L. B; ALMEIDA, G. A. Cultura, mundo vivido e território. Londrina, 2005.

é controlada, pelas pastagens ou planícies para alimentar os animais, e pelos campos onde se desenvolvem a cultura.<sup>28</sup>

Para Vidal de La Blache, “a cultura pertinente é aquela que se apresenta por meio dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam.”<sup>29</sup> Porém “esses elementos não ganham sentido se não compreendidos como componentes dos gêneros de vida’ (CLAVAL, 2007, p. 33).

Alguns autores como Bourdier (1989) e Elias (1994) apresentam a cultura como *habitus* que seria aquilo que está profundamente enraizado no seu interior que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social (CUCHE, 1999). Ele torna viável para os indivíduos a configuração de meios de antecipação que são guiadas de maneira inconsciente.

O conceito de *habitus* não foi criado, por Bourdier, porém a concepção que o autor apresenta para *habitus* tornou-se mais sistêmicas. Para o autor, os *habitus* são:

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas, estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenham em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los (1980, apud CUCHE, 1999, p. 171).

A cultura impulsiona os grupos quanto algumas formas de interação do homem com o ambiente, e como ele se insere e transforma o seu redor de acordo com as suas próprias necessidades. A percepção do indivíduo como vimos pode sofrer influência da cultura. E na Amazônia, em especial, podemos distinguir dois espaços distintos tradicionais da cultura:

O espaço da cultura urbana e o da cultura rural. A cultura urbana se expressa na vida das cidades, principalmente aquelas de médio porte nas capitais dos estados da região. Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças os sistemas de ensino é mais estruturado [...]. No ambiente rural, especialmente o ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais

<sup>28</sup> CLAVAL, P. A geografia cultura. 3. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007, p. 12.

<sup>29</sup> Ibid., 2007, p. 33

tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural (FRAXE, 2004, pp. 295 - 296).

Os alunos da escola Isaías Vasconcelos vivenciam os dois modos de cultura apontados pela autora. Tendo em vista, que os que residem nas áreas várzea estão inseridos num ambiente rico em oralidade e carregado de simbologias, que de algum modo contribuíram com a maneira com que eles percebem e interagem com o ambiente em que estão inseridos.

## **2.1. (As) Identidade (s) culturais**

Para auxiliar na construção do desenvolvimento desta pesquisa sobre a identidade dos alunos da zona rural, o conceito de identidade está fundamentado no aporte teórico de diferentes autores como: Bauman (2005), Hall (2006) e Cuche (1999). As pessoas em busca de identidade se defrontam com uma tarefa árdua de alcançar o impossível: pois essas procuram no tempo o real o que só se realiza no decorrer do tempo (BAUMAN, 2005).

Hall (2006) aborda em seu estudo três concepções bem diferentes para o conceito de identidade, que seriam a identidade do sujeito iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno que são respectivamente:

[...] O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana, com um indivíduo totalmente centrado unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação cujo centro consistia no núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia ainda que permanece essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele ao da existência do indivíduo [...]. A identidade nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal e mundo público. [...] O sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2005, pp. 10-13).

Essas concepções segundo o autor nos levam a um debate em volta a uma crise de identidade. Pois, o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade única e fixa, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de

várias identidades (HALL, 2005). Assim a forma de identificação por meio do qual projetamos em nossas identidades culturais, converte-se em improvisado e problemático.

As concepções de identidade nos retêm a uma noção de identidade construída e não estática. Onde as identidades possuem características que de certa forma possuem ligação necessariamente consciente firmadas em posições simbólicas. Por essa razão, não devemos confundir a noção de cultura e identidade cultural. Em último caso, a cultura pode existir sem consciência de identidade, de modo que as habilidades da identidade podem alterar e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente (CUCHE, 1999). Dessa forma a cultura depende em grande parte de mecanismos inconscientes.

Assim, de acordo com Hall (2005) a identidade transforma-se em uma configuração móvel constituída e transformada continuamente pela maneira como somos representados ou interpelados nos sistemas que nos circundam. Em outras palavras somos e estamos constantemente expostos as configurações que a modernidade implica na constituição de nossas identidades.

Para Cucho (1999) a dificuldade de se delimitar e de se definir, identidade, se deve em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico. É isto que lhe atribui complexidade, mas também o que lhe dá sua flexibilidade. Assim identidade é sempre a resultante da identificação imposta pelos outros, pelo grupo ou o que o indivíduo afirma por si mesmo. A identidade se modifica, se recodifica e se transforma segundo as situações. Ela está em constante movimento; cada mudança social leva-a a se reconstrói de modo diferente (CUCHE, 1999).

Bauman (2005) afirma que existem dois tipos de comunidade, as quais as identidades atrelam como sendo suas definidoras. Existem as comunidades de pertencimento, onde os membros vivem juntos uma ligação sincrônica e outras que se unem ideais e por diferentes princípios. A segunda categoria transmite um pouco mais o que seriam as identidades, pois é fundida por ideias. Para o autor da ideia de pertencimento e identidades como dados sólidos e determinantes não se encaixa em um perfil de identidades, como ele mesmo explica:

O pertencimento e a identidade não têm solidez, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorrem, a maneira como age – a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento, quanto para a identidade. Em outras palavras a ideia de se ter uma identidade, não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, pp. 17-19).

Dessa forma podemos perceber que não existe uma identidade única, uma vez que ela está sujeita as transformações sociais, ambientais, ela pode ser negada ou reafirmada dependendo do contexto em que o homem esteja inserido. Os alunos da escola, que residem nas áreas alagadas e na terra firme, possuem suas identidades atreladas a esses mesmos mecanismos de transformação uma vez que identidade é sempre a resultante da identificação, com as comunidades, com o lugar e com o ambiente.

Falar em identidade cultural é entender um tempo de mudança onde o moderno pode coabitar com o tradicional, a comunidade pode coabitar com a sociedade (ROSA, s/d), não existe uma anulação de uma modalidade antiga para a substituição de uma outra e sim uma realidade que permite que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e estas possam ser vivenciadas de maneira coexistente pelos agentes sociais.

Na paisagem amazônica encontramos dois ambientes, o ecossistema de terra firme e o ecossistema de várzea. Ambos são carregados de simbologia por aqueles que os vivenciam. Estas paisagens influenciam diretamente a identidade cultural, bem como a percepção que o estudante morador possui, seja, nas áreas de várzeas do rio Solimões ou da terra firme. Nas áreas alagadas, a relação do estudante ribeirinho com a água que constitui seu cotidiano se torna de vital importância para a compreensão da relação- homem natureza que constitui sua geografia.

Durante os cinco ou seis meses do ano – período das cheias, os estudantes ribeirinhos moradores das várzeas, das Ilhas do Jacurutu, Muratu, Paciência e Costa do Iranduba, no rio Solimões, coabitam com a água. Nesse período a água está por todos os lugares, nas residências, nas plantações e no comércio. O cotidiano de cada aluno ribeirinho está ligado diretamente a água.

Fraxe (2004), de forma muito clara destaca o valor de uma imagem para os ribeirinhos, diz ela:

O valor de uma imagem para os caboclos-ribeirinhos é percebido pela extensão que eles têm de sua percepção imaginária daquilo que os cerca, como por exemplo: o rio, a água, o chapéu de folha, o vestuário, a terra molhada, o caminho na água, quando a enchente que chega, a cheia, a casa submersa, o alimento que vem d'água.<sup>30</sup>

Os alunos moradores das várzeas, na maioria das vezes só saem de suas casas, nesse período de enchente, para irem à escola que está localizada na terra firme. Para isso, fazem uso dos transportes escolar que consiste em primeiro pegar o barco na porta de casa e atravessar o rio até a outra margem para pegar o ônibus. Esse trajeto é feito diariamente pelos estudantes que conhecem cada trajeto.

Os caminhos percorridos mudam de configuração e se reconstroem a cada movimento do rio, pois como eles salientam em seus diálogos nos mapas mentais, suas referências mudam de acordo com o movimento de subida e descida dos rios, e da própria chuva, ilhas, casas e árvores aparecem e desaparecem de acordo com a nova paisagem que se forma. Este saber é fruto da experiência de cada um com o lugar.

Experiência adquirida ao longo da sua vivência. Aquela que se constitui no desenvolvimento com o mundo, como resultado da comunicação do homem com o mundo. Como destaca Merleau-Ponty (1999), a experiência será compreendida por nós como acontecimento que antecipa uma filosofia, assim como a filosofia nada mais é que uma experiência elucidada (MERLEAU-PONTY, 1996, P.99)

Dessa forma, decidimos neste capítulo apresentar os Mapas Mentais dos estudantes paralelos aos seus relatos. Pois ao representar o que cada lugar tinha no caminho percorrido a explicação da paisagem que estavam vendo e que seria colocado era para eles fundamental. Com uma linguagem simples e de adolescentes que são, os desenhos simples e bem detalhados dos estudantes nos mostraram como é o caminho que percorrem nas várzeas e nas estradas da zona rural do Iranduba, de suas casas até a sua escola.

---

<sup>30</sup> FRAXE, Therezinha J. P. Cultura cabocla-ribeirinha: mitos lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004, p. 296.

**Mapa 01:** Percurso casa – escola, Iranduba – Ilha do Jacurutu (Rio Solimões).



Fonte: Estudante C. P. B. (Masculino), 17 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

Estudante C. P. B. (2018):

[...] eu desenhei a natureza da ilha do Jacurutu [...]. Porque eu queria destacar um pouco os pontos de referências. As casas onde poderiam servir de ponto de referência até chegar a minha. Fiz a linha imaginária de onde seria a minha trajetória até eu chegar na minha escola [...] e é isso que procurei destacar a natureza. O que eu mais gosto no caminho é a natureza mesmo, olhar pra natureza, ver os animais e a floresta. Na minha casa o que eu mais gosto é quando tá de tarde, a pessoa pode ir pra beira do barranco, a gente ver a torre do Iranduba, ver o Iranduba e ver o pôr do sol. O mais perigoso quando eu venho pra escola é a travesseira, tanto na cheia quanto na seca, tanto na época que tem ladrão, quanto dia de chuva que banzeira muito, existe época, as vezes que tem ladrão que rouba motor [...] aí pode representar perigo pra gente nessa travessia aí de noite, que é a hora que a gente chega da escola em casa. [...]. É um pouco difícil sair de casa pra chegar aqui, ainda mais na seca porque eu tenho que andar pra cá [...] ando uns trinta minutos, até a margem pra pegar a lancha, quando tá cheio não [...] porque a lancha para na porta. [...]. Na escola o que eu mais gosto é da biblioteca e da aula de educação física [...] o ensino aqui acho que é melhor do que o de lá [...] lá tem escola só que o ensino não é que nem o daqui. Se pudesse eu moraria aqui perto da escola, tanto por causa de meios, de sonhos que a gente tem, de oportunidades seria melhor. Na escola tenho medo dos roubos que andam acontecendo aqui dentro [...] e se eu pudesse melhoraria a segurança aqui da escola. Na hora que eu volto pra casa, gosto de ver os botos, que é comum a gente ver, tanto na cheia quanto na seca, entre as ilhas, eu gosto de ver, acho legal, tem comunhão com a natureza [...]. Eu acho importante a gente continuar preservando a natureza nesse local, pra continuar, assim, da forma que Deus criou.

Representado por um estudante, morador da ilha do Jacurutu, na área de várzea, destaca – se na parte central as ilhas que se sobressaem, durante o período de vazante, que ficam próximo a sua casa. A riqueza de detalhes, como os navios, as casas de palafitas, o boto, as árvores, o gado, criado na várzea e os lagos com os peixes, chamam atenção. Isso ocorre devido à experiência com lugar vivido. Pois “o lugar, não é somente aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14).

Entre a casa e a escola, encontra-se o Rio Solimões - caminho até a escola, nele os barcos e canoas, estão em evidência, e em movimento no ir e vir do banzeiro, exibindo as relações sócio-espaciais, e mostrando que “os elementos moveis de um lugar, essencialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as partes físicas”. (LYNCH, 1999, p.10).

No mapa, o estudante ribeirinho, recém-chegado à escola, dá ênfase a sua estrutura física ao prédio em si. Indicando-a como um espaço, e não como lugar.

Com efeito, “o espaço transforma-se em lugar conforme adquire definição e significado” (TUAN, 2013, p. 167). Alcançados por intermédio da experiência, “que se efetiva essencialmente na vivência, na realidade desse lugar” (SOUZA, 2015, p. 311). A experiência do estudante com o lugar fica ainda mais evidente quando ele relata que “Fiz a linha imaginária de onde seria a minha trajetória até eu chegar na minha escola. ” Com essa informação percebemos a vontade dele em fazer conhecer o seu caminho. Esse esforço é fruto da “experiência constituída de sentimento e pensamento” (TUAN, 2013, p. 19).

Por outro lado, podemos ver que a relação do estudante ribeirinho, com o lugar onde mora, também é cercada pelo medo, tanto da natureza, quanto da violência, que não se restringe, nesse acaso, somente as áreas de terra firme, nem mesmo ao urbano ou ao campo, como aponta seu relato: “O mais perigoso quando eu venho pra escola é a travessia, tanto na cheia quanto na seca, tanto, quando tem dia de chuva que banzeira muito, e existe época, às vezes que tem ladrão que rouba motor”.

No relato do estudante morador da várzea um ponto importante é quando destaca que: “gosto de ver os botos que é comum a gente ver, tanto na cheia quanto na seca, entre as ilhas, eu gosto de ver, acho legal”. O boto é uma figura presente no cotidiano ribeirinho e, vale ressaltar que na Amazônia o boto é muito mais que um simples mamífero, ele é um “ser encantado da metamorfose, por excelência, expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco [...] o D. Juan das águas, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas” (FRAXE, 2010, p. 326).

Quando um mapa deslumbra esse nível de conhecimento espacial do lugar, essa representação de direção, é importante para se ter noção de lugar que o aluno possui. E quando ele crer que faz parte de algo é mais relevante, pois, se identifica com o lugar e os objetos. O resultado dessa relação do homem com o lugar é o que Dardel define como geograficidade. Diante disto, a distância é um elemento essencial de estruturação do mundo, que contém o perto e o longe e, é experimentada como qualidade. A distância em conjunto com a direção define a situação, “que se extrapola para os diversos níveis de experiência do mundo, onde o homem se move, onde ele constitui suas relações pessoais e de trocas, e que fixam de algum modo o lugar de sua existência” (DARDEL, 2011, p. 147).

**Mapa 02:** Percurso casa – escola, Irlanduba – (A) Período de vazante e seca, Ilha do Jacurutu (Rio Solimões).



Fonte: Estudante S. F. A. (Masculino) 16 Anos, 2º ano (vespertino), 2018.

Mapa 03: Percurso casa – escola, Irlanduba – (B) Período de enchente e cheia, Ilha do Jacurutu (Rio Solimões).



Fonte: Estudante S. F. A. (Masculino) 16 Anos, 2º ano (vespertino), 2018.

Estudante S. F. A (2018):

Minha casa fica na Ilha do Jacurutu que eu mais gosto no caminho até eu chegar na escola é só a paisagem [...] quando a pessoa vem na lancha né, a pessoa fica admirando aí a paisagem. Na minha casa eu gosto de tudo porque é o habitat da pessoa né [...] porque é calmo e tem aquela tranquilidade e apesar de que as vezes que pode roubar algum material da pessoa né tipo um voador, quando tá seco ou quando tá cheio [...] mas lá é tranquilo [...]. Onde eu moro não tem nada que eu não gosto, pra mim lá tá tudo bacana. Aqui na escola o que eu mais gosto é da biblioteca, gosto muito de ler [...] gosto das aulas dos professores. Na escola o que eu tenho medo da falta de segurança [...] podia ter umas câmeras de segurança. Na volta pra casa tenho medo porque também tem que entrar praia e a pessoa chega lá casa de noite [...]. Acho que de casa até lá no ponto onde pega a lancha é só de ida anda uma meia hora, fora o da lancha né. Se eu pudesse sair daqui pra ir morar lá na terra firme eu iria sim [...] porque é melhor porque assim fica muito dificultoso pra pessoa né [...] aí eu morando aqui não [...] lá até pra pessoa assim, trabalhar é ruim porque tem que fica carregando coisa né, da plantação ai é muito ruim [...] e aqui (Terra firme) não, a pessoa trabalha em algum lugar [...] e tem coisa que seja melhor pra pessoa né, estudando fazendo faculdade. Se eu tivesse que escolher entre essa escola ou outra na várzea, eu não mudaria da escola Isaias Vasconcelos [...] porque aqui tem colega aqui né, então, aqui é melhor, pra outra eu acho que não seria bacana não.

O mapa apresenta duas realidades distintas no cotidiano do estudante ribeirinho, morador da ilha do Jacurutu. A primeira representada pela letra A, mostra sua residência durante o período de vazante e seca, do Rio Solimões, com destaque para os beiradões, que se forma durante essa época do ano. Beiradões estes, que estão desenhados exatamente como o aluno o percebe quando caminha por ele até o porto, para pegar a lancha que o leva à escola. Destaque também, para as áreas verdes ao redor da casa, que nada mais são do que as verduras e hortaliças plantadas em frente à sua residência, misturadas a vegetação típica da várzea do Solimões.

O estudante morador da várzea relatou em sua fala o que mais gosta no caminho percorrido: “O que eu mais gosto no caminho até eu chegar na escola é só a paisagem”. Podemos notar que o elemento natural transmite ao estudante uma relação de afetividade com o vivido. Com efeito, “a paisagem é um conjunto uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30).

Chama atenção no desenho a própria casa em tamanho maior que as demais, mostrando sua centralidade, o que é reforçado no relato do aluno ribeirinho

quando afirma que: “Na minha casa eu gosto de tudo porque é o habitat da pessoa né”. Isso ocorre porque “as pessoas nos diversos lugares, tendem a considerar seu lugar íntimo, como lugar central” (TUAN, 2013, p. 54).

A letra B exhibe uma nova configuração do caminho da escola, agora no período da enchente e cheia. No mapa a casa de palafita, mesmo afetada pela subida das águas continua sendo a maior entre as demais. O percurso do estudante até a escola é permeado na grande maioria do tempo, pela água e pelo verde da vegetação. Porém, isso não significa ausências referências. Pois a coerência da imagem pode surgir de vários modos. “No objeto real pode existir pouco a ordenar ou a observar e, no entanto, a sua figura mental pode ter ganhado identidade e organização por meio de uma longa familiaridade” (LYNCH, 1999, p. 16).

Outro importante ponto na fala do estudante diz respeito ao medo da violência que também está presente no lugar onde ele mora. Como ele mesmo relata: “Na minha casa eu gosto de tudo porque é o habitat da pessoa né [...] porque é calmo e tem aquela tranquilidade e apesar de que às vezes que pode roubar algum material da pessoa né tipo um voador, tanto quando tá seco ou quando tá cheio”. O medo que o estudante ribeirinho sente é justificado, pois, “o medo da violência existe na mente do indivíduo, mas, com exceção nos casos patológicos, tem origem em circunstâncias externas que são realmente ameaçadoras” (TUAN, 2005, p. 12).

No mapa a escola na terra firme possui uma dimensão maior que as casas circundantes, nela o estudante destaca o que mais lhe agrada e o que lhe aflige no ambiente escolar, como demonstra sua fala: “Aqui na escola o que eu mais gosto é da biblioteca, gosto muito de ler [...] gosto das aulas dos professores, na escola o que eu tenho medo é da falta de segurança [...] podia ter umas câmeras de segurança”. Nesse sentido, a escola se mostra para o aluno como um lugar prazeroso, no momento que ele pode ter acesso aos livros, que a biblioteca possui e o possibilita um momento de descontração. Chama atenção quando o aluno diz que gosta das aulas dos professores, nesse sentido, vale ressaltar que a escola é mais antiga do município e a única que possui o ensino médio nos três horários, e os alunos que moram nas várzeas estudam no horário vespertino. Por outro lado, o medo da violência urbana ainda está presente, mas, apesar disso o aluno deixa claro que gosta da escola e dos amigos que lá possui.

Mapa 04: Percurso casa – escola, Irlanduba – Ilha do Jacurutu (Rio Solimões).



Fonte: Estudante J. G. S. (Masculino), 17 Anos, 3º ano (vespertino), 2018.

Estudante J. G. S. (2018):

Minha casa fica na ilha do Jacurutu. Em casa o que eu mais gosto, propriamente, dito é o lazer, tipo as horas vagas e tal [...] mas onde eu mais me divirto mesmo é aqui na comunidade vizinha aos finais de semana, que é aonde tem uma fazenda, aonde tem um campo de futebol, é onde a gente costuma jogar futebol né [...] e também na casa de um amigo meu [...] que é onde a gente sempre brinca e tal [...] tem outros lugares como a vila né, as outras comunidades [...] e pra chegar a gente sempre marca com os amigos, assim, de uma rabeta, ou então um voador, pra se deslocar até esses lugares, aí a gente vai mesmo na base da união [...]. Na escola o que eu mais gosto acho que a parte do estudo mesmo propriamente dito assim, e também nas horas vagas recreação com os amigos [...]. Da minha casa até aqui na escola, no nosso transporte eu acho que uns dez quilômetros [...] em torno de trinta minutos, tanto na seca como na cheia porque o trajeto é o mesmo, a gente não muda [...] o que fica mais fácil são os barrancos e tal assim, mas o trajeto é o mesmo [...]. No caminho o que eu mais gosto acho que é a paisagem né porque a gente [...] tá sempre acostumado mas geralmente, surge algo diferente, as pessoas né pescando aqui como eu falei tudo isso aqui acontece, a balsa, o tráfego de barco, de pessoas pescando, de lanchas [...]. O que eu não gosto onde eu moro, eu acho que é a falta de lazer, de infraestrutura que falta muito [...]. Na escola eu não gosto dos dias que não tem aula [...]. Onde eu moro não tem perigo porque graças a Deus aí todo mundo são meus amigos aí, são pessoas que eu convivo desde criança [...] Quando eu venho às vezes, tenho medo quando dá temporal né, assim, chuva forte, no Solimões, a gente fica com um pouco de medo, tem situações que a gente muitas vezes tem medo né, tem que se prevenir [...] tem dois trajetos quando [...] quando tá o tempo normal, a gente vai pelo trajeto normal, pelo Solimões, mas, quando tá o tempo nublado a gente vem por aqui, pelo lago pra que se no caso não der de nós atravessarmos, a gente fica aqui no lago, até o vento ou a chuva passar, e se o banheiro, no rio Solimões, se ele passar a gente atravessa, agora se não a gente tem que voltar pras casas devido o tempo [...] toda vez que chove é assim [...] ou a gente chega antes aqui [...] ou a gente quando é uma chuva assim que a gente acha né que por experiência acha que não é tão forte [...] vem pelo lago se caso for uma chuva com vento temporal a gente para senão, a gente prossegue normal [...]. Onde eu moro é muito tranquilo, muito ventilado com relação ao clima. O que eu gostaria de melhorar aqui é em relação a trabalho, emprego, infraestrutura porque é melhor apesar de ser cidade. O que eu queria mesmo, na nossa ilha, era mais infraestrutura [...] porque as pessoas elas são autônomas de verdade, assim, trabalham pra si mesma, não tem auxílio de sementes [...] é difícil auxílio de sementes, de inseticidas essas coisas pra suas plantas [...]. Em casa, a gente trabalha com os bois né, na área de pastagem e também com a plantação de roça [...] a gente faz né a farinha no caso próprio consumo mesmo, é difícil a gente comercializar e também com as pastagens com os bois [...] noventa por cento dos bois são nosso e dez por cento a gente arrenda pra o aluguel [...] pra as pessoas que precisam [...], por exemplo, tem pessoas que criam boi, mas não tem campo, então elas precisam de uma área de pastagem pra alugar. O que me motiva a vir pra escola todos os dias são os sonhos, eu sempre tive o sonho de realizar todas as minhas conquistas porque hoje em dia, as pessoas na cidade tem muita oportunidade e não aproveitam [...] Hoje o transporte para na frente de casa. Então o que me faz vir todos os dias aqui pra escola são os objetivos que eu quero concluir. De me formar e ser alguém na vida.

No mapa, destaca-se a riqueza de detalhes, presentes em diversos pontos da Ilha do Jacurutu, como: as casas na parte alta longe da água, a roça nas áreas de várzea, os barcos, o pescador, os peixes e a vegetação mostrando um meio ambiente organizado mentalmente, “essa imagem precisa do meio ambiente organizado pode servir de estrutura envolvente de referência, um organizador de atividade, crença ou conhecimento, para a pessoa” (LYNCH, 1999, p. 14). Essa imagem amplamente organizada pode ser “adquirida não somente pela herança, e sim, por meio, da experiência” (TUAN, 2013 p.127). Pois “cada indivíduo está circundado, carregado por estratos de espaço vivido” (BUTTIMER, citado por SOUZA, 2015, p. 309)

A descrição que o aluno, morador da várzea do Solimões, faz do seu percurso, sua própria história de vida, mostrando que a percepção do lugar ocorre a partir do que ele vivencia. O lago, que serve de caminho e abrigo na hora da chuva, faz parte do seu cotidiano e transmite sensação de segurança. E como resultado do seu uso diário “o caminho adquire expressivo significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar” (TUAN, 2013, p. 220). Por outro lado, o local onde ele se diverte é tão importante, quanto a sua casa, as relações de amizades e lazer que ocorrem no local, demonstram um elo de afetividade ou porque não dizer de topofilia. O medo do banheiro provado pelo vento em tempo nublado, no dia de chuva, no rio Solimões, também indica a experiência sólida com o lugar, pois é um fenômeno conhecido por eles desde a infância. Por isso, vale ressaltar que o estudante mora na ilha desde que nasceu e com isso, acaba por herdar esse conhecimento sobre o meio natural também dos pais e parentes.

Nessa perspectiva a “escola” aparece na parte superior marcada pela ausência ou pouquíssimas referências evidenciando que apesar de ser um local de convívio diário do aluno, não apresenta simbolismo. Isso fica mais claro na descrição que o próprio aluno faz da escola e que a escola, não possui topofilia, ou seja, “não existe o elo afetivo entre o indivíduo e o lugar ou o ambiente físico” (TUAN, 2012 p.19). A efetividade que se concebe por meio do saber, advindo da experiência com o lugar, que o aluno traz a partir de suas histórias com ele. Experiência oriunda “não do ato de experimentar, mas do conhecimento construído na relação intersubjetiva entre homens e lugares” (NOGUEIRA, 2014, p. 131).

Mapa 05: Percurso casa – escola, Irlanduba - Ilha da Paciência período da vazante e seca (Rio Solimões).



Fonte: Estudante S. C. P. (Feminino), 15 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

**Mapa 06:** Percurso casa – escola, Iranduba - Ilha da Paciência período da cheia e enchente (Rio Solimões).



Fonte: Estudante S. C. P. (Feminino), 15 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

Estudante S. C. P. (2018):

[...] eu moro na Ilha da Paciência. O que eu mais gosto onde eu moro é o laguinho que é bonito e o campo, que tem lá, mas, eu não desenhei e as árvores [...] eu gosto de subir nas árvores [...]. Não tem nada, que eu não goste lá onde eu moro [...] eu nasci lá, não tenho medo de nada lá não. No caminho que eu venho todo dia pra cá, eu tenho que andar um bom pedaço assim, aí eu tenho que descer um barranco, quando chove fica ruim pra descer porque fica liso, aí tem que atravessar o rio e subir e quando tá seco tem que subir também o barranco [...]. A noite dá um pouco de medo de atravessar o rio porque eu chego em casa a noite [...], quando tá chovendo dá o banzeiro e a gente atravessa de noite aí dá um pouco de medo às vezes. [...] quando eu chego no porto e pego o ônibus pra vir pra cá eu gosto de ver o laguinho que tem [...] mas eu não gosto da ladeira porque às vezes o ônibus não vem aí a gente e tem que subir a ladeira e é longe. Aqui na escola eu gosto do pátio e da biblioteca, eu gosto de ler [...]. Não tem nada que eu não goste, eu só não gosto do tempo que demora pra chegar é quase uma hora pra chegar [...] se a escola fosse lá onde eu moro seria melhor porque ficava mais perto né.

O primeiro mapa representado pela letra A, mostra a ilha da Paciência, no período da vazante e seca, esse é o local onde a aluna reside. No desenho, a ilha, que fica do outro lado da margem, do rio Solimões, é caracterizada principalmente pelos ícones das casas e das grandes árvores, com destaque para o lago localizado no centro da ilha. O lago como o próprio relato da adolescente ribeirinha destaca possui um grande valor sentimental e é o seu lugar preferido, evidenciando uma relação de respeito e afetividade com água, como aponta Dardel: “as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação” (DARDEL, 2011, p. 21).

Nele, podemos ver também o grande barranco que se forma durante esse período do ano. Chama atenção a casa em tamanho maior que as demais, isso ocorre porque o lugar é o centro ou um lugar íntimo, pois as pessoas carregam consigo os seus lugares íntimos e a “casa como um lugar está cheio de objetos comuns” (TUAN, 2013, p. 176). Isto é cheia de características e simbologia que faz parte da sua história e, que só possuem quem o experiencia.

No porto, chama atenção à ausência de atividades, no local, isso ocorre por que o “porto é um lugar de passagem, de saída e chegada, jamais um ponto de encontro, de diálogos” (NOGUEIRA, 2014, p. 132). O porto é o ponto onde a aluna desembarga para pegar o transporte que a leva até a escola.

Por outro, lado na área em que se encontra a escola, a estudante aponta um maior grau de detalhe. Isso se deve ao fato da ilha está próxima à escola o que diminui a distância entre os dois locais. E a “distância como elemento essencial na estruturação do mundo, não é experimentada em quantidade, mas como qualidade, no próximo, no distante, no lá e no aqui” (DARDEL, 2011, p. 147).

Dessa forma, ganham destaque as vias que interligam os demais elementos que estão próximos e apontam residências, comércios e o hospital, o que mostra a relação homem-lugar, que apesar da ausência das pessoas não transmite isolamento, mas ligação que é feita pelo carro e pelo ônibus que chega aos pontos certos.

O segundo mapa apresenta a configuração do lugar onde a estudante mora e o caminho que percorre no período da enchente e cheia. Nele a estudante demonstra que as águas já alcançaram as casas, as árvores e já afetam as suas atividades cotidianas. Mesmo nesse período de enchente as árvores desenhadas em tamanho grande, continuam em destaque, seu tamanho não é um acaso, cada uma delas é um referencial na vida da estudante, ela conhece cada uma e suas utilidades, e junto com a “casa e o rio interagem e se completam num ciclo que é cumprido diariamente pela cabocla-ribeirinha que é, com um ethos aquático” (FRAXE, 2010, p. 297).

No relato da estudante um fato chama atenção quando ela diz “quando eu chego no porto e vou para o ônibus pra vir pra cá eu gosto de ver o laguinho que tem [...], mas eu não gosto da ladeira porque às vezes o ônibus não vem aí a gente e tem que subir a ladeira e é longe.” Para a estudante o fato de utilizar a lancha para atravessar o rio, e o ônibus para chegar à escola não é tão difícil quanto a questão do subir a ladeira, mesmo a escola estando próximo ao rio. Isso mostra que o “afastamento não depende diretamente da distância efetiva [...], o afastamento real, o que é geograficamente válido, depende dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que um homem coloca a um lugar ao seu alcance.”<sup>31</sup>

Como podemos notar as representações marcam o lugar íntimo da estudante e são permeadas por valores subjetivos, inerentes ao ser.

---

<sup>31</sup> DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade de geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 10.

Mapa 07: Percurso casa – escola, Irlanduba – (A) Período da enchente e cheia, Ilha do Muratu (Rio Solimões).



Fonte: Estudante K. M. S. P. (Feminino), 14 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.



Estudante K. M. S. P. (2018):

Eu moro na Ilha do Muratú [...] lá não tem um lugar preferido, porque praticamente tudo faz parte da nossa vida né, assim, o cotidiano, então, tudo faz parte né, não tem o que não gostar, não tem [...]. Gosto também do campo e da casa da minha vó Pizorina, onde a gente brinca de bola, eu também gosto das praias porque dá pra tomar banho, mas, tem que ter cuidado com as arraias, mais na seca, mas pra quem já é acostumado, lá, não tem perigo não porque já conhece [...]. Quando seca eu não gosto muito é pra vir pra escola, por causa da praia porque fica longe pra gente, e tem que andar muito no sol, mais de meia hora, pra gente chegar até o porto [...] quando seca o porto fica na ponta do Jacurutu então a gente tem que andar na praia, mas, quando enche a lancha pega a gente na porta de casa mesmo [...]. Na escola eu gosto da biblioteca e dos amigos que eu fiz e só [...]. Eu gosto de morar na várzea. [...] eu não me acostumo na cidade então, eu preferia ficar na várzea mesmo. No caminho quando eu venho pra escola o que é mais perigo é quando chove mesmo porque fica banzeirando e aí dá um pouco de medo, principalmente à noite na hora que a gente chega da escola, porque nós somos os últimos a ficar. Agora aqui na escola é diferente né porque aqui já é cidade né, tem mais perigo, por conta de assalto, essas coisas que a gente ver muito né, assalto em escola.

No mapa A, onde está casa da aluna, localizada na Ilha do Muratu, destaca-se na parte inferior esquerda. A riqueza dos ícones representando as casas uma ao lado da outra e o barco atracado praticamente na porta, mostra todo o cuidado e atenção aos mínimos elementos do ambiente. Lynch (1999) mostra que as imagens do ambiente resultam de um processo bilateral entre o observador e o meio. “O ambiente sugere distinções e relações e o indivíduo de acordo com seus critérios dota de sentido aquilo que ele vê” (LYNCH, 1999, p. 16). Cada pessoa possui uma identificação com o seu próprio lugar um sentimento de topofilia, único para cada ser.

Quando indagada sobre o qual o seu lugar preferido, o relato que ela faz da sua vivência com o lugar chega a ser impressionante, principalmente quando ela diz “lá não tem um lugar preferido, porque praticamente tudo faz parte da nossa vida né, assim, o cotidiano, então, tudo faz parte né, não tem o que não gostar, não tem [...]”. a facilidade em afirmar que não existe um único lugar preferido, mostra sua intimidade com o lugar isso se ocorre porque “as experiências íntimas com o lugar não são difíceis de expressa”<sup>32</sup> e fica mais visível quando ela continua dizendo que “gosto também do campo e da casa da minha vó Pizorina, onde a gente brinca de bola, eu também gosto das praias porque dá pra tomar banho, mas, tem que ter

---

<sup>32</sup> TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013. p. 167.

cuidado com as arraias, mais na seca, mas pra quem já é acostumado, lá, não tem perigo não porque já conhece [...]. Essa é a experiência de quem conhece o lugar e com ele mantem uma relação que vai além do perceber é uma relação de vida, de trocas onde “o homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia [...] o rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional” (TOCANTINS, 1973, p.280).

O mapa representado pela letra B, expressa diversos elementos icônicos marcantes da paisagem que compõem o lugar onde a estudante mora, no período da vazante do rio Solimões. Nele é possível ver todas as ilhas que ficam em frente a município de Iranduba. Podemos notar as relações de trocas como representado na figura do gado, criado no pasto de várzea, no período da seca e levado a maromba quando as águas sobem. Esses gados junto com a plantação de hortaliças são revendidos na cidade. Esse é um tipo de campesinato praticado pelos caboclo - ribeirinhos.

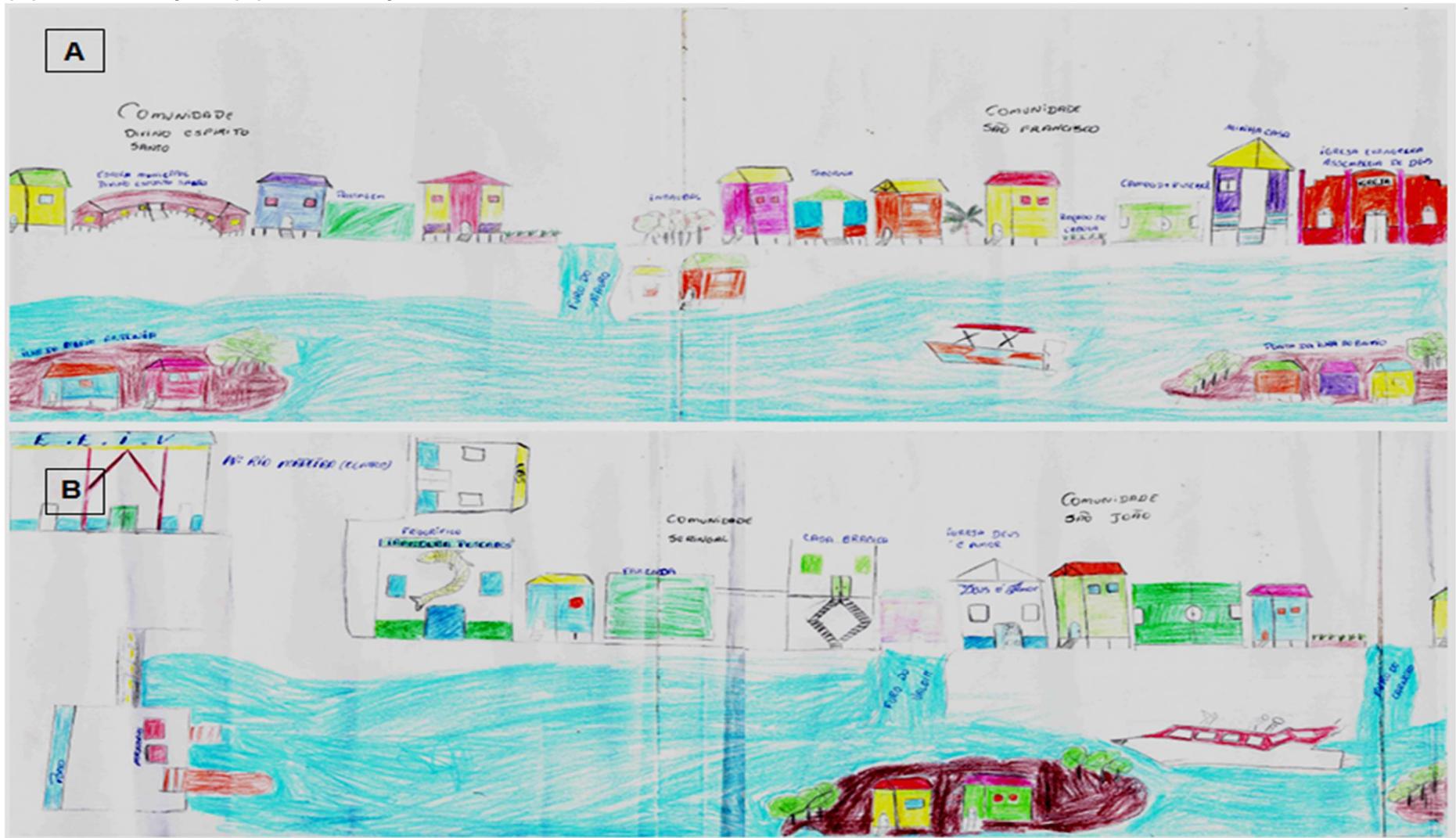
O medo também se faz presente na relação – homem lugar que a estudante vive, como demonstra sua fala “no caminho quando eu venho pra escola o que é mais perigo é quando chove mesmo porque fica banzeirando e aí dá um pouco de medo, principalmente à noite na hora que a gente chega da escola, porque nós somos os últimos a ficar.” “O medo existe na mente [...] e tem origem em circunstância externas que são realmente ameaçadoras” (TUAN, 2005, p. 12).

Conforme o caminho até a escola se desenha a frequência os pontos de referências diminuem de acordo com a direção e distância da casa do aluno. Isso ocorre pelo fato de que a “situação de um homem pressupõe um espaço onde ele se desloca, um conjunto de relações e de trocas, direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar da sua existência” (DARDEL, 2011, p. 147).

A escola aparece representada por um ícone de um simples prédio, isso se deve ao fato da escola não ser vista como um lugar íntimo – mas como um lugar sem história, um não lugar, da qual não tem lembrança e que faz parte do seu cotidiano há pouco tempo, que o lugar quando carregado de subjetividade “é parte essencial de nossa identidade enquanto sujeitos” (SOUZA, 2015, p. 309).



**Mapa 10:** Percurso casa – escola, Irlanduba. Período enchente e cheia. Costa do Irlanduba (Rio Solimões).  
**(A)** início do trajeto; **(B)** final do trajeto. Enchente e cheia. 02



Fonte: Estudante R. F. S. (Feminino), 16 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

Estudante R. F, S. (2018):

[...] moro na estrada da várzea, a costa do Iranduba. [...]. O que eu mais gosto na escola é a educação de qualidade, não que onde eu moro não seja, é que eu gosto daqui da escola. [...] em casa o que eu mais gosto são as frutas, gosto de ficar lá no quintal apanhando fruta, gosto do campo que tem lá do lado de casa porque eu gosto de jogar futebol [...]. No caminho quando eu venho gosto de ficar olhando a paisagem porque é muito bonito, ficar olhando pro rio, pras árvores e as fazendas que tem [...] quando eu venho pra escola o que dificulta é quando chove a estrada fica bem ruim e no caminho às vezes dá medo porque tem muito bicho, assim os búfalos atravessando a rua, porque eles vem em direção e a moto [...] de lá da minha casa até aqui quando tá seco dá entorno de vinte e cinco minutos porque pega só o transporte, mas quando tá alagado dá entorno de uma hora porque a gente pega o barco e depois o transporte pra subir pra cá pra escola [...] Aqui na escola eu tenho medo de ser assaltada porque aqui tem esse é o perigo só isso mesmo.

O mapa 01, que representa o lugar onde a estudante mora e que se encontra no período de vazante e seca. Verifica-se que a aluna, ressalta todos os elementos considerados mais significativo, apresentando cada um pelo seu respectivos nomes como: a religiosidade representada pela igreja, o carro transitando na estrada, o campo de futebol, usado na comunidade onde mora para o lazer, o frigorífico, as casas, entre outros elementos que compõem o lugar em que mora, demonstrando afinidade com esse ambiente, e que contribuem para sua localização e orientação. Essa representação torna-se significativa para a percepção do lugar como espaço vivido. Mostrando tanto sua afetividade como subjetividade pelo lugar. E estes são elementos importantes na construção de mapas mentais.

Quando perguntada sobre o que mais gosta de fazer, onde reside a aluna moradora várzea relata o que “em casa o que eu mais gosto são as frutas, gosto de ficar lá no quintal apanhando fruta, gosto do campo que tem lá, do lado de casa porque eu gosto de jogar futebol.” Esse relato mostra que o lugar onde habita é carregado de afetividade e íntimo os lugares “íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (TUAN, 2013, p. 168). Com efeito “podem ficar gravado no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação [...]”<sup>33</sup>. Ou seja, o lugar é dado a partir da experiência de cada um, o lugar se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes.

---

<sup>33</sup>TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013. P.172.

No mapa 02, o desenho mostra a configuração do lugar na época da enchente e cheia. Nele a aluna representou além, dos elementos já apresentados anteriormente, as lanchas canoas e barcos, não que eles não façam parte da sua vida ribeirinha mas porque nesse período, o uso da lancha para chegar a escola se faz fundamental, pois o percurso acaba ficando mais longo nesse período como ela expõem “[...] de lá da minha casa até aqui quando tá seco dá entorno de vinte e cinco minutos porque pega só o transporte, mas quando tá alagado dá entorno de uma hora porque a gente pega o barco e depois o transporte pra subir pra cá, pra escola [...]”. O barco é um meio de transporte de extrema importância na vida dos ribeirinhos, pois é por meio dele que ele se desloca até a cidade.

Concomitantemente mostra todo esse caminho até chegar a escola, onde ela desenhou todos os pontos que servem de referência. Não só desenhou como relato toda a percepção ambiental que tem do ambiente em que mora. Pois, “o conhecimento perceptivo se dá por estarmos engajados nas coisas e no mundo” (NOGUEIRA, 2014, p. 100). Este é um saber que deve ser reconhecido como realidade do lugar.

A escola, está desenhada em tamanho maior que os demais elementos. A aluna demonstra uma ter relação prazerosa e de confiança com a escola, e ficou explícito na sua fala quando afirma que “o que eu mais gosto na escola é a educação de qualidade, não que onde eu moro não seja, e que eu gosto daqui da escola.” Cabe ressaltar que a escola é o lugar onde a aluna se encontra com os colegas que estudam lá, e que moram na terra firme. Dessa forma a escola é um “lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolar, ao mesmo tempo em que se apresenta como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida.” (CARLOS, 2007, p.22).

O medo da violência aparece nos relatos também, é destacado nessa relação com o lugar. Aqui a aluna deixa claro que mesmo estando dentro da escola, não se sente segura “[...] aqui na escola eu tenho medo de ser assaltada porque aqui tem esse perigo só isso mesmo. ” O medo da aluna tem fundamento, tendo em vista que a escola já sofreu seis assaltos somente nesse ano. Entre “os fatores contribuem para aumentar os níveis de violência na escola, está a disseminação do uso de drogas” (TEXEIRA; PORTO, 1998, p. 53).

**Mapa 11:** Percurso casa escola. Ilha da Paciência. (A) Período da vazante e seca. (B) Período enchente – cheia.



Fonte: Estudante R. S. (Feminino) 17 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

O mapa mental da estudante moradora da Ilha da Paciência, representa o lugar que ela mora. Representado pela letra A, está a ilha no período da vazante seca. Nesse desenho a aluna representou o grande barranco que se forma bem em frente a ilha, nesse período do ano. Há o lago, as casas ao redor do lago, as grandes arvores, os barcos no rio Solimões, o peixe em tamanho maior que o normal, simbolizando os grandes bagres, que são pescados por quem lá mora, em sistema de vez, cada família fica no barranco esperando sua vez de pescar, e na Amazônia os rios e lagos são habitados por muitos seres fantásticos que coexistem com milhares de espécies de peixes e répteis” (FRAXE, 2010, p. 185).

Do outro lado da margem está o porto e a flutuante, o porto é o porto oficial do município de Iranduba, nota-se que não há elementos humanos em composição com ele, isso acontece por que o porto é um lugar de passagem, um lugar em movimento, saída e chegada nunca de diálogos (NOGUEIRA, 2014, p. 132). Já o flutuante que aparece ao lado porto é o ponto onde a lancha deixa a aula para pegar o ônibus que a leva até a escola.

Logo após o porto vem a terra, uma grande área, onde ficam os gados e o lago com os flutuantes e das vitória régia, logo em seguida vem a estrada que segue-se de uma ladeira de onde é possível ver um mirante que é rodeado pelas casas que estão disposta no mapa de lado , seguindo até chegar ao banco do Brasil, que está desenhado exatamente nas cores que o banco se contra fixado no município, logo após vem o comércio e a unidade de saúde da que fica próximo a escola e bem perto da Ilha da Paciência. Um detalhe para a cor da Unidade Básica de Saúde que também foi pintada nas cores que o prédio realmente é esse é um nível de detalhe que só quem vive o lugar possui, isso mostra que a estudante provavelmente faz uso do espaço pois, ele é familiar.

A partir desse ponto, começa as ruas do município, é possível notar a presença das ruas de forma bem organizada, é possível ver os quarteirões com as casas, e as ruas bem delimitadas, inclusive com as pinturas no asfalto, esse um caminho bem explorado pela aluna “a exploração dos caminhos é a função original da imagem do meio ambiente e a base na qual podem ser descobertas as suas associações emocionais” (LYNCH, 1960, p. 139).

O mapa mental representado pela letra B, está a ilha no período da enchente e cheia. Nela agora, as casas de palafitas já estão em partes alagadas, pelas águas do Solimões. E a configuração com o lugar muda assim, como a relação das pessoas com essa paisagem. Podemos notar que não existem animais, o gado já foi retirado, só estando presente na outra margem. A vegetação assim como a casa, já encontra submersa.

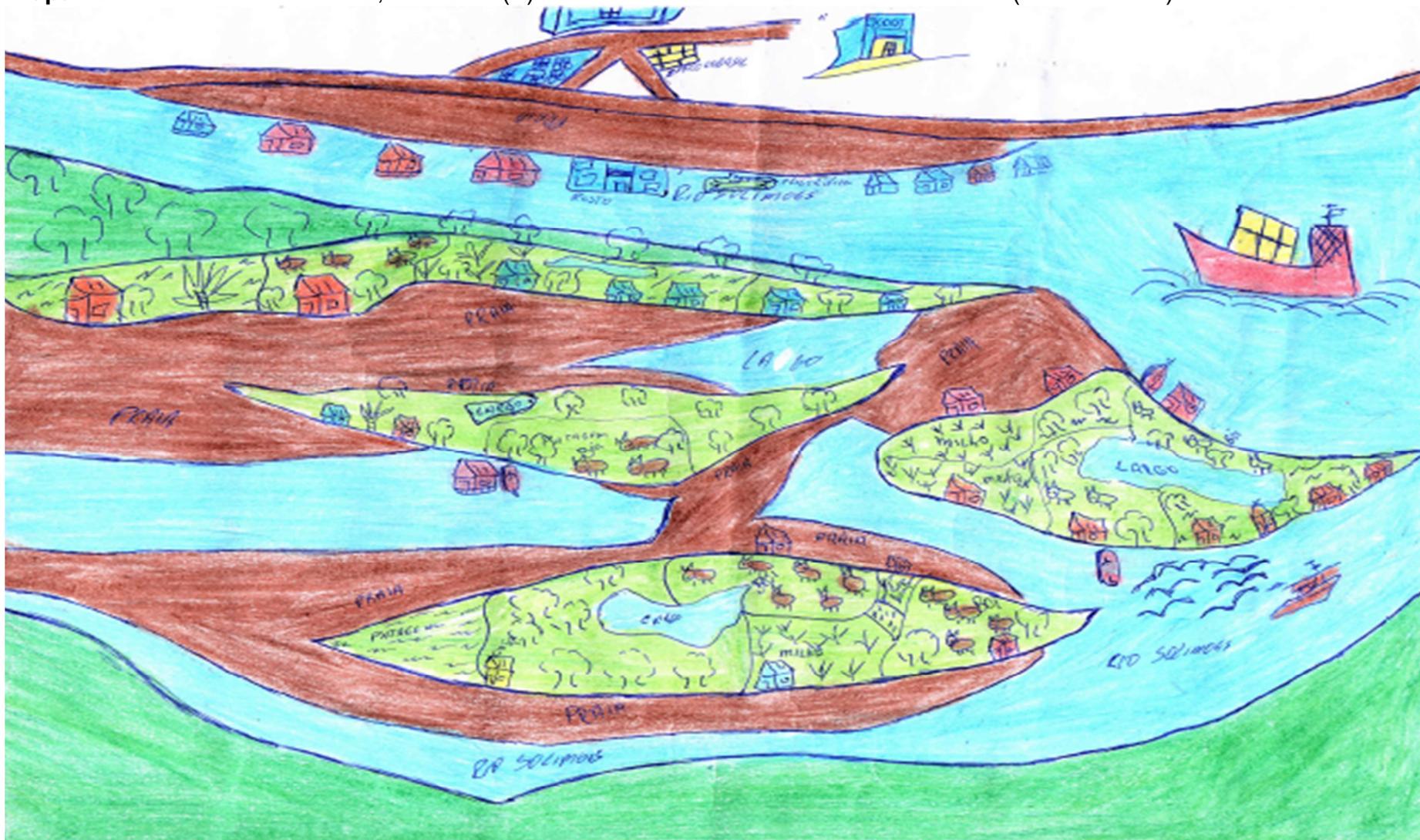
A configuração na outra margem também já mudou as águas invadiram os lagos da outra margem, e encobriu toda a vegetação, mas essa dinâmica ocorre somente de um lado da margem do rio. Isso ocorre porque a estrada que dá acesso a escola, foi construído aterrando o lado e impedindo que as águas invadam a estrada e ou outro lado do lago. Nesse detalhe não passou despercebido pela estudante, mostrando que essa vivência com o lugar lhe trouxe aproximação e familiaridade com ele.

Na chegada à terra firme o primeiro ponto pelo lado esquerdo é o posto de gasolina, a aluna desenhou o posto com as cores oficiais do estabelecimento, o espaço em branco entre o posto e o estabelecimento comercial é uma grande área verde. A rotatória também está apresentada no desenho, ele é um ponto muito usado por todos que chegam ou saem do município, vindo das áreas de várzea do Solimões.

A escola, está representada de forma grande, ocupando a área de um quarteirão por inteiro. Exatamente como é no plano real. A escola é uma das maiores em extensão. É também a mais antiga, a grande maioria dos alunos que nela estudam são em filhos de pessoas que lá já estudaram. Portanto, a aluna possui com esse lugar uma relação íntima, fruto da sua experiência.

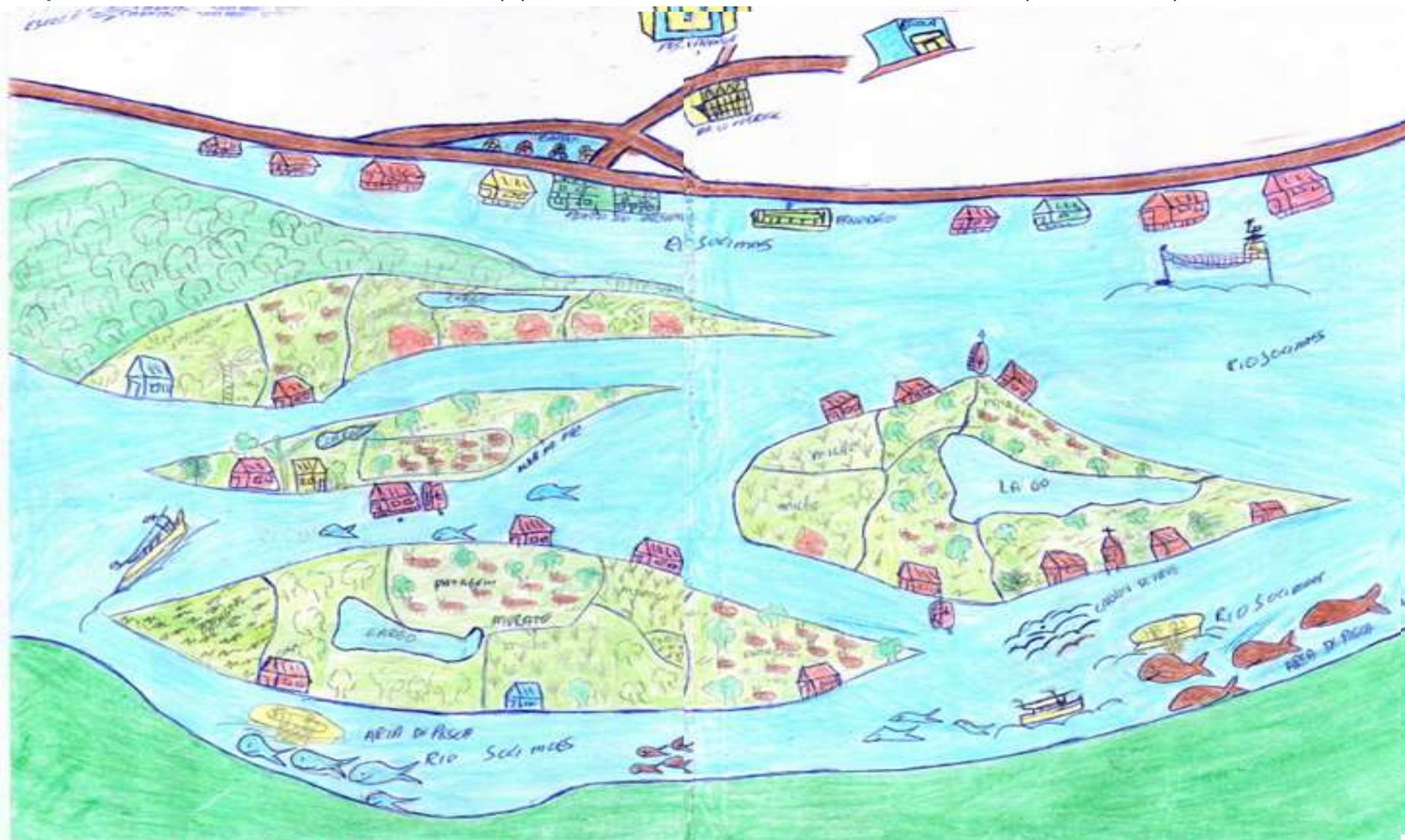
Como podemos ver a aluna desenvolveu uma imagem ambiental desse lugar extremamente rica em detalhes, isso não se por acaso, pois, “a imagem ambiental, tem como função primeira permitir uma mobilidade intencional” (LYNCH, 1960, p. 138). Por isso, a paisagem diferenciada pode simplesmente exibir a presença de locais simbólicos” (Ibid., 139). Esses símbolos são frutos da sua relação de intersubjetividade com o lugar.

Mapa 12: Percurso casa – escola, Iranduba. (A) Período da vazante e seca. Ilha do Muratu (Rio Solimões).



Fonte: Estudante G, A. L. (Masculino) 16 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

**Mapa 13:** Percurso casa – escola, Iranduba. (B) Período da enchente e cheia. Ilha do Muratú (Rio Solimões).



Fonte: Estudante G, A. L. (Masculino) 16 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

Estudante G, A. L. (2018):

Eu moro na ilha do Muratú. [...] na escola o que eu mais gosto é a quadra pra jogar bola. [...] lá em casa eu gosto de ir pro campo com o papai quando nós vamos pra algum campeonato. [...] quando eu venho de lá pra cá, não pega uma hora não, dá uns quarenta minutos. E no caminho eu gosto de ver é quando os peixes começam a boiar e as pessoas ficam olhando e tiram foto. [...] quando dá a praia que a pessoa tem que andar, aí fica meio dificultoso [...] quando tá na praia acrescenta uns novecentos metros no meu percurso por aí assim mais ou menos. [...] Mas quando tá na praia vai mais rápido porque a rota do barqueiro fica pequena, mas quando tá na cheia a rota fica melhor pra mim porque o barqueiro não pega no porto, me pega em casa. [...] aqui na escola, não tem nada que eu não goste, na verdade eu gosto muito de vir pra escola. [...] e quando a gente chega lá na várzea, o ônibus me pega, então não tem nada que eu não goste aqui na escola.

O mapa desenhado pelo aluno adolescente morador da ilha do Muratu, apresenta duas configurações do lugar onde ele vive na várzea do rio Solimões. O primeiro representado pela letra A, é o período de vazante e seca do rio, por isso, podemos ver de forma destaca o surgimento das praias que se formam nesse período. Percebemos que as praias estão pintadas com a cor marrom, o que mostra o grau de detalhe que eles que transmite no seu desenho. Vemos ainda a floresta nas margens do rio e gado, muito presente nesse local, devido ao trabalho da família com a criação desses animais.

Nota-se que no primeiro mapa ainda, que o estudante representa o lugar onde mora com uma riqueza de detalhes, que não está presente na área em que está localizada a escola. O que sinalizar um sentimento de pertença pelo lugar em que vive “um sentimento de amor pelo lugar ou topofilia” (TUAN, 2012, p.135). Um sentimento que só quem possui a experiência com o lugar consegue desenvolver.

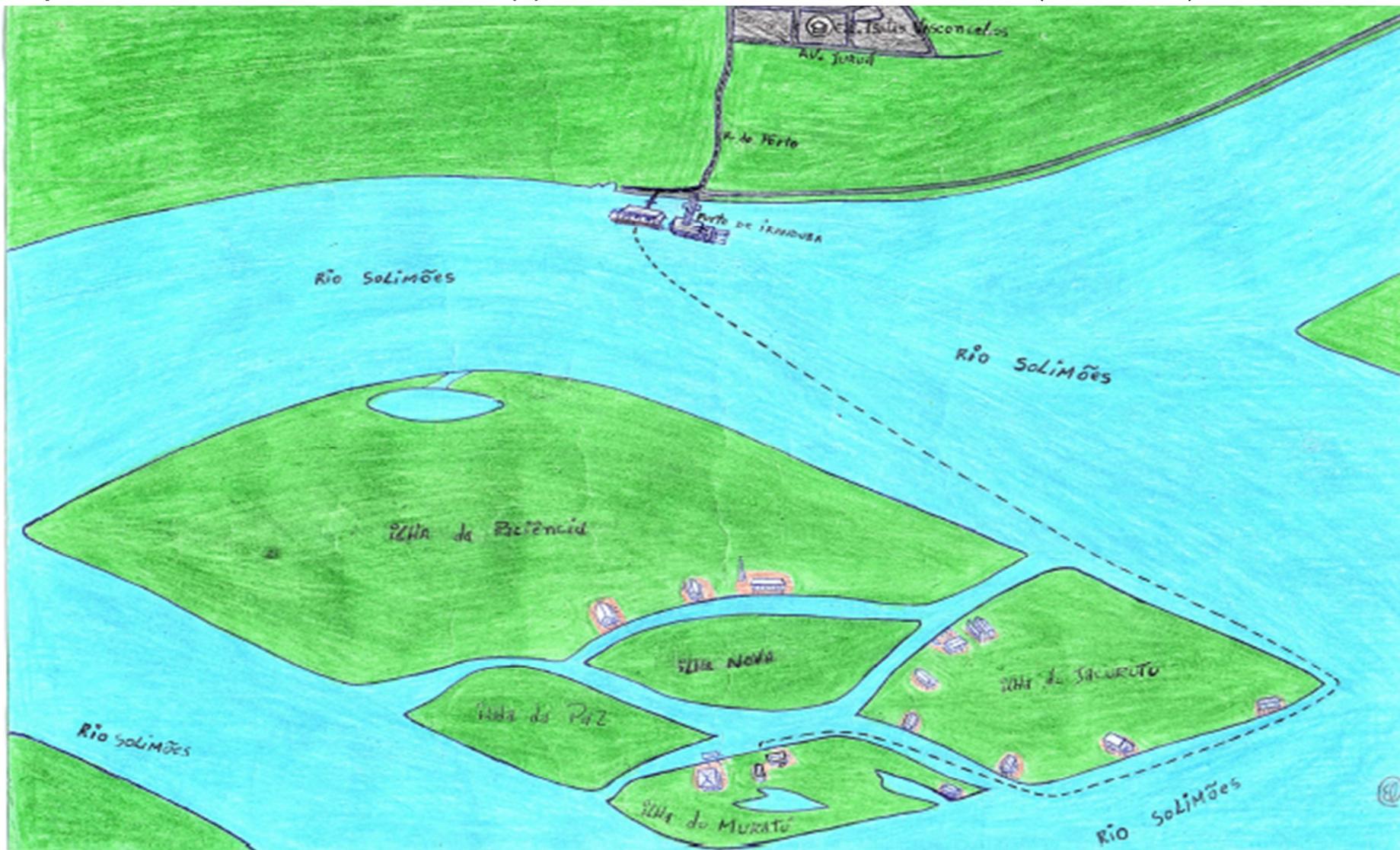
Em seu relato o aluo expõem o que mais gosta de fazer quando está em casa “lá em casa eu gosto de ir pro campo com o papai quando nós vamos pra algum campeonato.” O momento de descontração com a família é um laço de extrema importância para ele. Nas comunidades rurais da Amazônia é muito comum os campeonatos de futebol, que em geral, reúnem as famílias não só da comunidade, mas as adjacências também. Esses jogos ocorrem sempre no período da vazante do rio Solimões.

No segundo mapa aqui representado pela letra B, o estudante demonstra todo o seu cotidiano, no período da enchente do rio Solimões. Este mapa traz diversos elementos que querem mostrar o lugar em todos os seus aspectos que vão desde as áreas de pesca, passando pelos lagos, agora com maior destaque, e chegando até as embarcações que transitam e pescam nessas áreas. Este lugar como o desenho mostra “é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura [...] produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.” (CARLOS, 2007, p. 22). Dito de outra forma, o homem se distingue do animal por sua atividade produtiva e, nesse sentido, a produção não é um traço entre os outros da existência humana, e sim um traço essencial” (FRAXE, 2010, p. 251). Dessa forma, o sujeito pertence ao lugar assim, como este a ele.

Quando perguntado sobre o tempo gasto vindo para a escola o aluno responde “[..] quando eu venho de lá pra cá, não pega uma hora não, dá uns quarenta minutos.”. Ele sabe o tempo que leva, tanto na cheia quanto na seca e até mesmo nos dias de chuva, quando a lancha precisa desviar o caminho. Sobre o tempo Elias () fala “O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico” (ELIAS, 1998, p. 17). A experiência de tempo aqui é tratada como aquela adquirida por meio da experiência.

E com relação a escola o aluno responde “[...] aqui na escola, não tem nada que eu não goste, na verdade eu gosto muito de vir pra escola. [...] e quando a gente chega lá na várzea, o ônibus me pega, então não tem nada que eu não goste aqui na escola”. O estudante representou somente a escola na terra firme, mas deixou claro no seu relato que gosta muito dela, demonstra um elo com o lugar que não é por conta do saber que ele promove, mas. Também pelas relações de troca que estabelece com seus colegas. Isso ocorre pelo fato do estudante ter experiência com o lugar, e essa constrói da sua “relação de intersubjetividade, entre ele e o lugar” (NOGUEIRA, 2014, p. 146).

**Mapa 14:** Percurso casa – escola, Iranduba – (A) Período da enchente e cheia, Ilha do Muratu (Rio Solimões).



Fonte: E. S.S. (Masculino) 15 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

**Mapa 15:** Percurso casa – escola, Iranduba – (B) Período da vazante e seca, Ilha do Muratu (Rio Solimões).



Fonte: E, S.S. (Masculino) 15 Anos, 1º ano (vespertino), 2018.

Estudante E, S. S. (2018):

[...] aqui são dois mapas um quando tá seco que eu fiz as praias, o rio e os matos e o outro quando tá cheio que eu não destaque as árvores, mas eu pinte de verde que é a terra e mato né as florestas e a água de azul [...]. A minha casa fica na ilha do Muratú [...]. No caminho gosto só da paisagem quando a pessoa vem na lancha fica admirando a paisagem. [...] na minha casa eu gosto de tudo porque é o habitat da pessoa né, e lá é calmo tem aquela tranquilidade [...] apesar de que às vezes, pode roubar o material da pessoa né tipo um “voador” [...] quando tá seco ou quando tá cheio, mas lá é tranquilo. [...] lá não tem nada que eu não goste. [...] na escola eu gosto da biblioteca porque eu gosto muito de ler, e as aulas dos professores [...] aqui a falta de segurança me dá medo. [...] o caminho que faço pra chegar aqui é difícil porque têm que “entrar praia” (caminhar no banco de areia) e a pessoa chega lá em casa de noite [...] é umas meias hora só entrando praia só de ida, fora a lancha [...] isso de casa até lá onde a água sai pra pegar a lancha né. Se eu pudesse sair de lá pra vir morar aqui na terra firme eu viria porque aqui é melhor porque assim, é muito dificultoso pra pessoa né, aí morando aqui não [...] mas se a escola fosse lá seria melhor. Lá até pra pessoa trabalhar é ruim porque tem que tá carregando coisas na plantação é muito ruim [...] e aqui não a pessoa trabalha tem outras coisas que seja melhor dá pra pessoa fazer uma faculdade.

O mapa representa a Ilha do Muratu, local em que o estudante do período da tarde, mora. O primeiro mapa representado pela letra A, mostra o período da enchente e cheia. Nele podemos notar o rio Solimões com todas as ilhas que compõem o lugar, vemos também a torre de energia que tinha na ilha da Paciência. É possível notar no mapa que o rio é extremamente grande, assim como a floresta que juntos compõem a paisagem do lugar.

No seu relato sobre o mapa mental ele diz “[...] aqui são dois mapas um quando tá seco que eu fiz as praias, o rio e os matos e o outro quando tá cheio que eu não destaque as árvores, mas eu pinte de verde que é a terra e mato né as florestas e a água de azul”. Esse relato demonstra que o aluno usa do seu conhecimento adquirido com a experiência com o lugar e o que aprendeu na escola que se destaca quando ele diz que pintou de verde que simboliza a terra e de azul a água. Por outro lado, essa paisagem com que ele interage “é a geografia compreendia como o que está em torno do homem, como um ambiente terrestre [...] a paisagem é um conjunto uma convergência, um momento vivido uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30). Essa ligação é reafirmada quando diz “no caminho gosto só da paisagem quando a pessoa vem na lancha fica admirando a paisagem”.

O segundo mapa representado pela letra B, mostra a o lugar no período de vazante e seca. Nele está representada a as praias que se formam durante esse período, as casas e os lagos que se formam em frente a cada uma delas. É possível perceber que o aluno representa as ilhas com o devido tamanho que cada uma tem, mostrando a dimensão e familiaridade que ele tem com o lugar. O estudante desenhou todo o tracejado indicando o caminho da sua casa até a escola, todo o percurso que ele faz, nota -se que o caminho permanece o mesmo independente do período de cheia ou da seca.

Com relação a sua casa ele fala que “na minha casa eu gosto de tudo porque é o habitat da pessoa né, e lá é calmo tem aquela tranquilidade [...]”, a casa é o seu lugar íntimo, lugar de sua existência, onde se realiza as suas trocas simbólicas com os outros e com o próprio lugar, onde estabelece o seu modo de vida. Esse não é um simples lugar pode se notar na sua fala que diz é o habitat da pessoa, existe com esse lugar uma relação de pertencimento de topofilia, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico [...] vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p. 19).

A violência, também está presente onde ele mora como mostra sua fala “[...] apesar de que às vezes, pode roubar o material da pessoa né tipo um “voador” [...] quando tá seco ou quando tá cheio”, o medo aqui no caso é o do outro não é o da natureza é o do outro, apesar de ver o jacaré comendo os pequenos animais na beira do rio e a cobra picando o gado na várzea, ele não tem medo desse ambiente, pois ele possui experiência com ele. E o assalto praticado contra os seus pertences vem de pessoas que vem de outros locais.

“Se eu pudesse sair de lá pra vir morar aqui na terra firme eu viria porque aqui é melhor porque assim, é muito dificultoso pra pessoa né, aí morando aqui não [...], mas se a escola fosse lá seria melhor. Lá até pra pessoa trabalhar é ruim porque tem que tá carregando coisas na plantação é muito ruim [...] e aqui não a pessoa trabalha tem outras coisas que seja melhor dá pra pessoa fazer uma faculdade. O relato do estudante mostra que apesar de gostar do lugar onde mora, as dificuldades com relação a trabalho o desmotivam de continuar nesse lugar, aqui não é só a distância que incomoda, mas sim a questão socioeconômica, que apesar de criarem gado e com isso garantirem renda, não supri suas necessidades.

## CAPÍTULO 3

### Da terra molhada à terra seca: o caminho da escola é assim...

A cada momento minha vida precipita-se  
em coisas transcendentais, ela se passa  
inteira no exterior.

**Maurice Merleau-Ponty**  
(Fenomenologia da percepção, 1999)

Após procurarmos descrever o caminho da várzea e a sua relação com os estudantes moradores de suas ilhas do rio Solimões, a partir do conhecimento fenomenológico, fazemos agora uma interpretação dos mapas produzidos e organizados pelos estudantes moradores da estrada e da sede do Município, onde buscaremos por meio da representação e interpretação conhecer o lugar vivido pelos por estes estudantes.

Os Mapas Mentais desses estudantes moradores dos ramais da estrada e das ruas da sede do Iranduba, nos oportunizou compreender melhor esse lugar por eles experienciado. Na elaboração de seus mapas mentais existia entre eles a inquietação constante do que colocar no desenho, para que nós que não pertencemos a esse local, pudéssemos conhece-lo. O que aqui iremos descrever foi resultado de algumas viagens e longos diálogos. Inclui um pouco da dinâmica ambiental, sociocultural e econômico do lugar, apresentam ainda, alguns problemas de violência e degradação ambiental. Em alguns relatos, apesar da pouca idade e de serem adolescentes, percebemos ainda que de maneira simples, a tentativa de expressa sua indignação ou medo de certos locais e de alguns comportamentos que de alguma forma lhes causam inquietação. Mas podemos notar nesses mesmos relatos o sentimento de pertencimento que cada um carrega consigo pelo lugar: “a nenhum ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas

peças, em qualquer lugar onde haja, seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra” (TUAN, 2012, p. 162).

Decidimos neste capítulo expor os mapas mentais dos alunos paralelos aos seus relatos. Já que ao representar o que continha em cada lugar por onde passavam, a explicação das paisagens que estavam vendo e que iriam ser desenhado no mapa, era para o estudante fundamental. Cada um possui seu próprio lugar consigo mesmo. Carregado de simbologia, “identificação e pertencimento, e por assim dizer, histórico e geográfico único para cada ser- em especial o homem” (SOUZA, 2015, p.309).

A esse respeito, Dardel (2011) avalia que:

O saber geográfico é a repercussão em uma linguagem humana de uma linguagem fundamental que constitui a terra. Ou mais do que isso, ele é o eco da repercussão que provoca no homem o encontro com texto terrestre, ou seja, o desenvolvimento em formas dessa linguagem que emerge do fundo escuro do ser.<sup>34</sup>

A percepção de mundo, e de lugar se dá a partir do que estes experienciam. A descrição que os estudantes fazem em seu percurso conta a sua própria história. A estrada, o ramal, com lema ou limpo, os animais, as árvores e suas utilidades, os vizinhos e amigos, sua religiosidade, os comércios, as ruas – tranquilas ou perigosas, bonita ou feias, as suas casas-grandes ou pequenas, os modos de vida, suas atividades, sua relação e a escola, alimentação, seus costumes, entre outros, são todos componentes desse mundo vivido, com todas as suas peculiaridades e que aflorou em seus desenhos a geograficidade estabelecida entre eles e o lugar de sua existência.

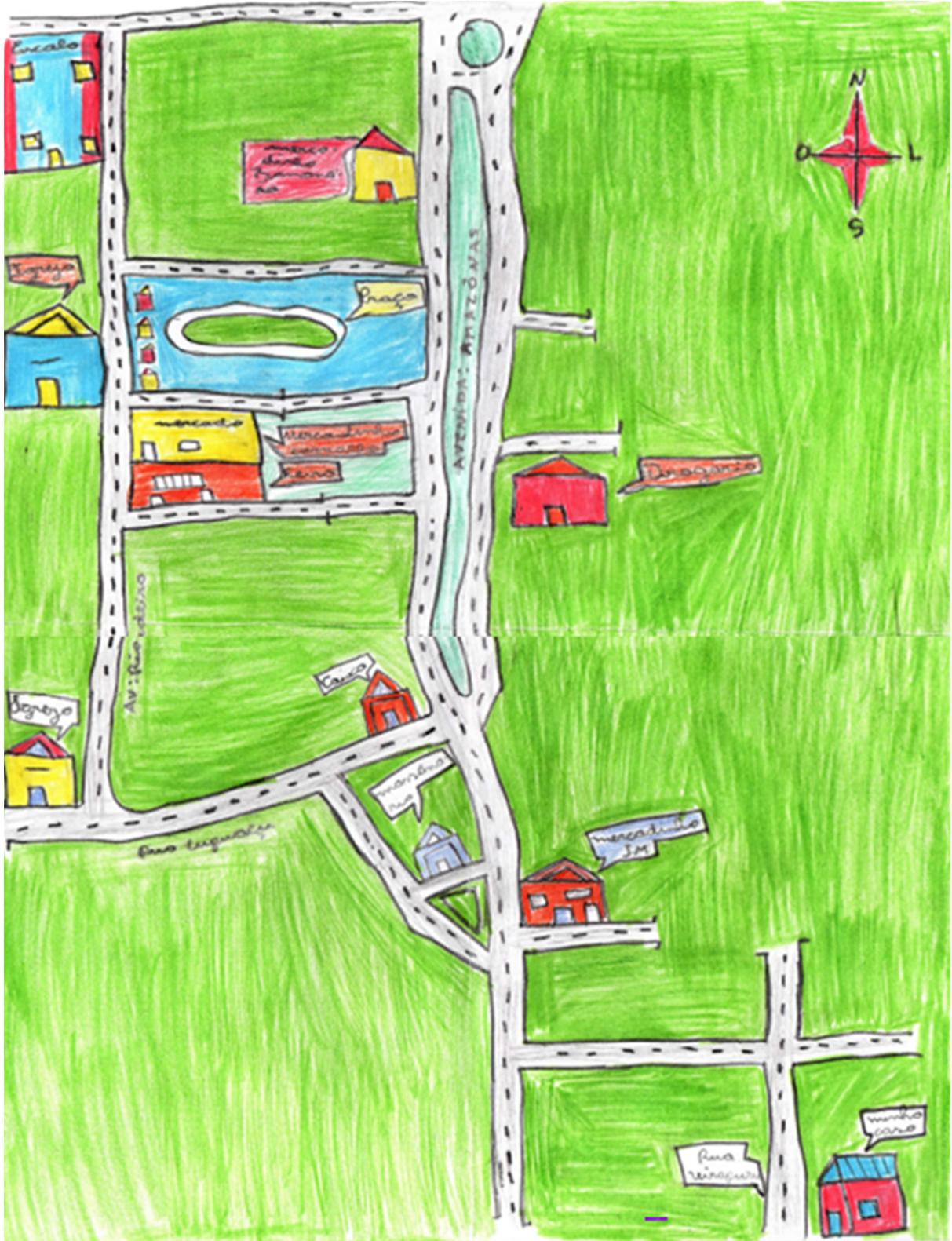
Os Mapas mentais dos estudantes moradores da terra firme irão mostrar duas realidades presente na dinâmica do cotiado dos que frequentam a escola: a dos que moram nos ramais que acessam a estrada e as que residem nas ruas próximos a sede do Município. Os relatos e mapas dos estudantes demonstram a relação de intersubjetividade entre os elementos que fazem parte do seu lugar e que o ligam a terra e que compõe a sua geograficidade.

---

<sup>34</sup> DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade de geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 02.

### 3.1. No ramal e na rua: relatos e representações dos estudantes.

**Mapa 16:** Percurso casa – escola, Irlanduba. Estrada do município.



Fonte: Estudante S, C. S. (Masculino), 15 Anos, 1º ano (Matutino), 2018.

Estudante S, C. S. (2018):

[...] eu moro na estrada, e o que eu não gosto é do trajeto, porque é muito longe, eu levo mais de quarenta minutos pra chegar aqui. [...] pra mim seria mais fácil eu morar bem mais próximo da escola, no centro em uma dessas partes. Na minha casa eu gosto das árvores que tem lá [...]. No caminho o que mais me chama atenção é a praça porque lá dá pra se divertir. [...] quando eu venho pra escola [...] eu tenho medo de uma casa abandonada porque próximo a ela tem vários lixos e que fede muito. [...] aqui na escola eu gosto dos professores, do ensino, das árvores, dos pássaros e animais cantando [...] e isso é muito bom para o meu aprendizado. [...] gosto mais da escola do que da minha casa [...] aqui eu aprendo várias coisas, que eu não sei, mas, que vai me beneficiar muito no meu futuro.

O mapa do estudante, morador da estrada, que dá acesso ao município, demonstra o percurso que ele faz diariamente para chegar a escola. Nele estão apresentados os elementos que constituem esse caminho para o estudante. Como a presença das casas, das ruas e dos comércios. As ruas estão bem delineadas no desenho e revela a sua importância para o caminho que o aluno percorre a pé, mas que na verdade não está presente em todo acesso pois, em algumas do trajeto o caminho é feito por ramais. a respeito da rua, segundo Tuan (2012), “a rua parece ser um tipo de ambiente físico bem específico, mas, na realidade, o seu caráter e uso podem variar enormemente.”<sup>35</sup> Na sua fala estudante ressalta o medo que tem de uma casa que fica em uma dessas ruas “eu tenho medo de uma casa abandonada porque próximo a ela tem vários lixos e que fede muito” nesse caso a rua é um lugar que bombardeia os sentidos com ruído, cheiro e cor” (TUAN, 2012, p. 240).

A praça em forma de círculo fechado demonstra que o aluno possui um vínculo emocional com ela, como destacado na sua fala “No caminho o que mais me chama atenção é a praça porque lá dá pra se divertir”. De acordo com Tuan, (2013) a forma fechada, representa, o seguro, o útero, a efetividade e são segundo ele elementos essenciais na vida. Por sua vez, a escola possui um tamanho imenso no desenho o que demonstra a sua importância na relação de afetividade, sociais e ambientais, que ele constitui no lugar com as pessoas e com a própria escola.

---

<sup>35</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: EDUEL, 2012. 240.

Mapa 17: Percurso casa – escola, sede do município.



Fonte: Estudante R. C. S. (Feminino), 16 Anos, 2º ano (Matutino), 2018.

O mapa acima mostra o caminho que a estudante faz diariamente para chegar à escola. Nele ela começa pela casa, desenhada em tamanho grande e em cores fortes. Essa representação que ela faz da sua casa demonstra o seu apego pela casa, pelo seu lar. É um lugar que possui um sentimento de pertença é um lugar importante, “os lugares de importância pessoal não mudam com o passar dos anos” (TUAN, 2013, p. 223). O lar como lugar é um sentimento tão forte que “é registrado pelos nossos músculos e ossos [...] é um tipo de conhecimento subconsciente” (Ibid., 224).

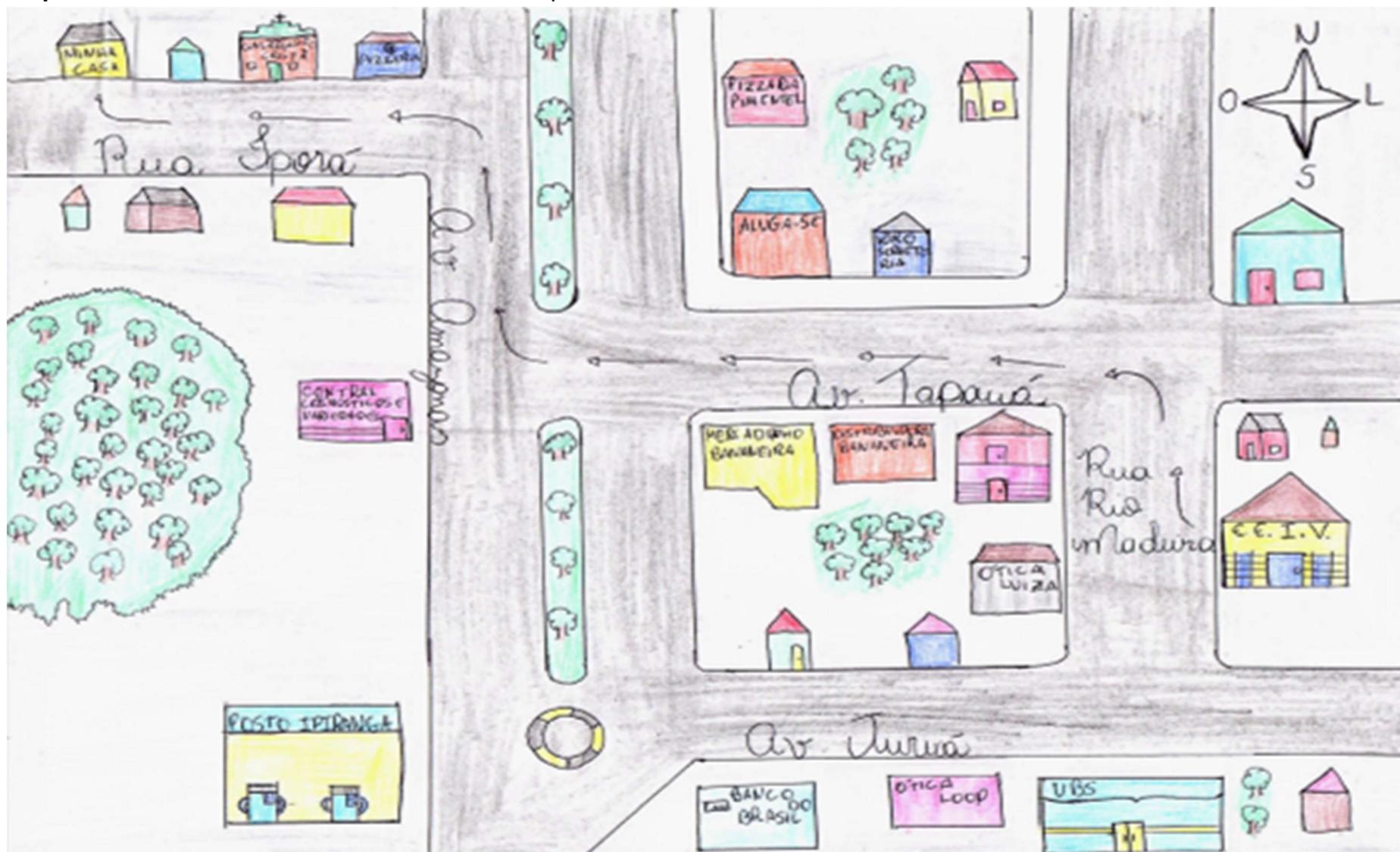
No caminho a estudante desenha poucas ruas, somente as principais que a levam até a escola. As ruas mudam de cor conforme se aproxima da escola, isso ocorre porque a estudante mora na estrada e as vias próximas a sua casa são ramais de piçarra. Por isso, conforme ela se aproxima da escola, o asfalto vai substituindo o barro. Isso ganha notoriedade e se confirma quando a estudante nomeia somente a via que passa em frente à escola.

No mapa mental os elementos que representam o comércio, estão dispersos, mostrando que a aluna desenhou somente os mais importantes para ela e apesar de parecer desorganizado, para ela possui uma lógica de organização “a coerência da imagem pode surgir de vários modos [...] no objeto real pode surgir pouco a ordenar ou a observar, no entanto, a sua figura mental, pode ter ganho identidade e organização por meio de uma longa familiaridade” (LYNCH, 1960, p. 16).

No caminho vemos ainda a feira do Iranduba, nomeada no desenho exatamente como é conhecida por quem a frequenta, o local é frequentado por quase toda a população, então é um ponto de referência fácil de se encontrar. A representação da feira é diferente de um modelo padronizado, isso se deve ao fato de esta encontrar-se em reformação há bastantes anos.

A escola está representada por um grande prédio, representando o tamanho não somente dimensional, mas a relação de lugar que ela estabelece com a escola. É na escola que ela encontra seus amigos, que além de estudar se diverte, que cria e fortalece seus vínculos emocionais e afetivos. A escola aqui aparece como um lugar de encontro que não é transitório é um lugar que se torna fixo para a estudante e que de certo modo contribui na construção da sua identidade no momento em que possibilita essa relação de troca.

Mapa 18: Percurso casa – escola. Sede do município.



Fonte: Estudante B, F. A. O. (Masculino) 16 Anos, 2º ano (matutino), 2018.

Estudante B, F. A. O. (2018):

Moro na sede do município [...]. Na minha casa eu gosto, principalmente do lugar onde lá tá no bairro porque fica mais ou menos perto de tudo. [...]. E no caminho o que mais me chama atenção é o movimento de pessoas. [...] no caminho eu gosto porque é mais ou menos mais aberto e não tem tanto perigo. Na escola eu gosto por ela ser um espaço que fica bem dividido, ela fica perto de pontos de referências bastante importantes [...]. Na escola o que eu não gosto porque apesar de ela ficar perto da minha casa ela também fica longe pra algumas pessoas.

Este mapa apresenta ícone como as casas, a área verde, o posto de gasolina, a igreja – símbolo de religiosidade, os comércios, o posto de saúde e as árvores – elemento natural, as ruas perfeitamente representadas que juntos com os outros elementos constituem o caminho que o aluno usa para ir à escola. A casa do aluno é próxima a escola e chama atenção a riqueza de detalhes, no que se refere ao cruzamento e as vias de acesso. Essas vias “são canais por meio do qual nos movemos, e para muitos estes [...] são os elementos predominantes na sua imagem” (LYNCH, 1960, p.58). E os cruzamentos são pontos locais de uma cidade por meio dos quais, entramos nele e constituímos focos para os quais desejamos nos deslocar.

O localizar-se para o aluno é fundamental e ele evidencia isso também na sua fala quando afirma que “na minha casa eu gosto, principalmente do lugar onde ela tá no bairro porque fica mais ou menos perto de tudo [...]. E no caminho o que mais me chama atenção é o movimento de pessoas.” Para Nogueira (2014) a “localização é dada a partir da inter-relação do homem com as coisas e os lugares.”<sup>36</sup> A posição correta não possui simbologia se o lugar não fizer parte da vida das pessoas ou dos grupos sociais.

Na escola o que mais contribui para sua ligação com ela é sua divisão estrutural e sua localização “Na escola eu gosto, por ela ser um espaço que fica bem dividido, ela fica perto de pontos de referências bastante importantes” essa ligação forte noção de localização demonstra uma forma de liberdade, pois “ a liberdade humana se afirma ao suprir ou reduzir as distancias” (DARDEL, 2011, p.10).

---

<sup>36</sup> NOGUEIRA, Amélia, R. B. Percepção e Representação: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. – Manaus: Edua, 2014.

Mapa 19: Percurso casa – escola. Sede do município.



Fonte: Estudante S, G. P. (Feminino) 17 Anos, 2º ano (matutino), 2018.

Estudante S, G. P. (2018):

[...] no caminho que faço eu gosto da quadra, eu gosto também da praça [...] gosto de ver as pessoas caminhando por lá também [...] o que me deixa triste é os buracos, e a falta de segurança [...]. Na escola eu gosto dos professores dos alunos, a família que a gente cria na escola, gosto também da quadra, da biblioteca da cantina, é o que eu gosto. [...] na minha casa eu gosto da minha família porque somos muito unidos [...]. No caminho perto da quadra têm muitos drogados e os traficantes, me dá um pouco de medo [...], mas como eles conhecem a gente eles não mexem com a gente, eles têm respeito.

O mapa da estudante mostra as casas, com os elementos humanos, com as ruas, bem delimitadas pelos quarteirões e com os seus nomes, o campo, onde é possível ver a aluna desenhada, o comércio ao longo do caminho até a escola, a grande presença de árvores, a escola com a sua quadra e as árvores que estão localizadas na sua frente. Podemos notar que todos esses elementos constituem a sua vivência com o lugar.

Quando questionada sobre o que gosta no caminho que a traz à escola ela responde: “[...] no caminho que faço eu gosto da quadra, eu gosto também da praça [...] gosto de ver as pessoas caminhando por lá também [...] o que me deixa triste é os buracos, e a falta de segurança [...]” essa é fruto do seu uso cotidiano da sua experiência, “como resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significados e uma estabilidade e são traços característicos do lugar” (TUAN, 2013, p. 220).

Na escola a aluna revela que “Na escola eu gosto dos professores dos alunos, a família que a gente cria na escola, gosto também da quadra, da biblioteca da cantina, é o que eu gosto”. Na escola podemos ver a relação que vai além das trocas com as pessoas, simbólicas, quando ela afirma que gostada da cantina podemos notar que a questão alimentar também está presente. A escola para a aluna representa esse papel, segurança alimentar.

“No caminho perto da quadra têm muitos drogados e os traficantes, me dá um pouco de medo [...], mas como eles conhecem a gente eles não mexem com a gente, eles têm respeito” esse relato mostra que o medo é uma constante no caminho.

Mapa 20: Percurso casa – escola. Sede do município.



Fonte: Estudante T, S. S. (Feminino) 16 Anos, 2º ano (matutino), 2018.

Estudante T, S. S. (2018):

Moro na sede do município [...]. Na minha casa gosto do espaço que é bem grande [...] e tem muito contato com a natureza. No caminho eu gosto mais das árvores, tem muita e acho bonito. [...] a minha casa fica bem longe da escola uns vinte minutos e eu não gosto dessa distância porque é uma rua bem deserta de manhã. Na escola gosto da localização porque fica perto dos principais pontos de referências [...] do ar livre, aqui é bem aberto do centro e também gosto dos meus amigos.

O mapa representa todos os elementos presente no caminho da aluna, as árvores estão presente em todas, a escola aparece de maneira bem simples como uma casa, e sua residência aparece do mesmo tamanho que a escola, a praça, as vias estão bem delimitadas e todas nomeadas. Segundo Lynch (1960) “nomes e significados são características, não físicas, podem reforçar a imagem de um elemento” (LYNCH, 1960, p.121).

Com relação a sua casa a aluna expõem “na minha casa gosto do espaço que é bem grande [...] e tem muito contato com a natureza” “as pessoas diferem quanto à consciência de espaço e tempo e na maneira de elaborar um espaço-temporal” (TUAN, 2013, p. 148).

“À minha casa fica bem longe da escola, uns vinte minutos e eu não gosto dessa distância porque é uma rua bem deserta de manhã” a distância na fala da aluna, é um fator que a incomoda bastante, esse é o afastamento “o afastamento real, o que é geograficamente válido, depende dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que o homem colocar um lugar ao seu alcance”( TUAN, 2011, p. 10). Assim, a liberdade do homem se reafirma no momento em que ele supre essa distância

Quando perguntada sobre o que gosta na escola a resposta é “na escola gosto da localização porque fica perto dos principais pontos de referências [...] do ar livre, aqui é bem aberto do centro e também gosto dos meus amigos.” A escola está localizada na parte central do município, e serve de referência. Nesse caso, ela não aparece como um lugar afetivo e sim como um local em que a aluna frequenta em busca de conhecimento, podemos notar que há referências ao elemento humano nem no desenho, nem no relato.

**Mapa 21:** Percurso casa – escola. Sede do município de Iranduba – AM.



Fonte: Estudante H, M. O. 17 Anos (Feminino), 2º ano (Matutino), 2018.

Estudante H, M. O. (2018):

[...] bom ao sair da minha casa me deparo com a quadra que tem lá perto de casa, e eu encontro os meus colegas, por lá e venho [...] eu pego o busão na frente da igreja e eu acho que demora uns vinte e cinco minutos pra chegar aqui [...] é ruim porque as ruas são cheias de buraco né [...] tudo alagado cheio de lama. [...] na escola o que eu gosto é a quadra e a biblioteca. [...] na minha casa eu gosto de tudo, lá eu tenho tudo, é o meu lugar, tenho o meu quarto [...] eu fico mais na parte da cozinha que é onde eu fico fazendo meus trabalhos essas coisas [...]. No caminho pra vir pra escola [...] tenho medo quando chega na principal na av. Amazonas porque é deserto e escuro principalmente à noite.

O mapa mostra o percurso do aluno morador de sede. Nele, estão representados os elementos que fazem parte do seu caminho. Há representação de casa, quadra, prédios e comércios, além das ruas que aparecem bem delimitadas e pintadas na cor preto. Notamos que apesar de rua está bem representada não existe a presença do homem nessa relação e nem os carros ou o ônibus.

Quando perguntado como é o seu percurso para chegar a escola ele responde” [...] bom ao sair da minha casa me deparo com a quadra que tem lá perto de casa, e eu encontro os meus colegas, por lá e venho [...] eu pego o busão na frente da igreja e eu acho que demora uns vinte e cinco minutos pra chegar aqui”. O aluno vem acompanhado dos amigos da escola no ônibus, que é disponibilizado para leva-lo a escola.

Quando perguntado sobre o que mais gosta na casa ele é categórico “[...] na minha casa eu gosto de tudo, lá eu tenho tudo, é o meu lugar, tenho o meu quarto [...] eu fico mais na parte da cozinha que é onde eu fico fazendo meus trabalhos essas coisas [...]”. A casa aqui é descrita como íntimo e pessoal “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (TUAN, 2013, p. 169).

Quando perguntado sobre a escola ele diz “na escola o que eu gosto é a quadra e a biblioteca. [...]”, a escola nesse sentido aparece como um lugar somente de fonte de conhecimento, visto que ele retira dessa sua fala o elemento humano.

Mapa 22: Percurso casa – escola, Iranduba. Sede do município.



Fonte: Estudante I. S. B, (masculino), 16 Anos, 2º ano (matutino), 2018

Estudante I. S. B (2018):

[...] eu moro na sede. [...] o que eu mais gosto na minha casa é que lá tem um grande campo que a gente pode jogar bola, e é bem grande espaçoso, não é fechado, não tem muros, tem grande vegetação. [...] só não gosto porque fica muito longe aqui da escola. [...] eu gosto de estudar na biblioteca, que tem bons livros também tenho amigos aqui na escola. [...] no caminho eu gosto das igrejas, não gosto da distância e dos buracos que tem muitos na rua. [...] moro muito longe e tem muito buraco, daqui pra minha casa são três quilômetros, quando eu venho não gosto quando chove porque molha meus livros.

O mapa representa o caminho do aluno morador da sede. Nele o aluno desenhou os elementos que compõem o seu caminho. Os elementos ganham uma dimensão diferente, pois parecem mais visível e de maneira organizada. A igreja aparece em destaque, simboliza a religiosidade do ser. Ao lado dela notamos o espaço verde, simbolizando as árvores, as cores do telhado também estão de acordo com o que é na realidade.

A sua casa aparece em destaque desenhada com os mínimos detalhes e apresentando cores suaves, ao lado dela é possível notar as árvores, o capricho que ele demonstra a sua residência mostra a sua importância o que é reforçado por seu relato “o que eu mais gosto na minha casa é que lá tem um grande campo que a gente pode jogar bola, e é bem grande espaçoso, não é fechado, não tem muros, tem grande vegetação”, o campo é um símbolo importante para ele e na medida que “um símbolo é repositório de significados, estes emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo” (TUAN, 2012, p. 203).

As ruas aparecem todas devidamente delimitadas e bem descritas é possível ver o nome de cada uma delas e as vias com as quais se cruzam, até a chegada na escola, é possível notar também que elas foram pintadas na cor escuro, simbolizando o asfalto, assim como as cores amarelas simbolizando as marcações presente nas ruas. Esse nível de detalhe na rua tem uma explicação “no caminho eu gosto das igrejas, não gosto da distância e dos buracos que tem muitos na rua. [...] moro muito longe e tem muito buraco, daqui pra minha casa são três quilômetros, quando eu venho não gosto quando chove porque molha meus livros”, O aluno deixa claro que os buracos aliados a distância, o incomodam e essa relação de negação também faz parte da sua geografia.

Mapa 23: Percurso casa – escola. Estrada de acesso ao município.



Fonte: Estudante L, F. A. (Feminino), 17 Anos, 2º ano (matutino), 2018.

Estudante L, F. A. (2018):

Moro na sede [...]. Na minha casa o que eu mais gosto é da minha casa e ficar com minha família, lá é legal [...]. Na escola eu gosto dos amigos, gosto daqui da escola, das aulas também, mas não gosto às vezes de algumas confusões com os alunos. Quando eu venho gosto de falar com as pessoas que eu não vejo diariamente. [...] na rua eu não gosto de subir a ladeira porque é muito ruim, fora que ainda tem as ruas com buracos e além de ser muito distante da escola [...] daqui pra minha casa é uns quinze minutos, se eu pudesse eu moraria aqui perto da escola.

O mapa mental da aluna que reside na sede do município, representa todos os elementos que fazem parte do cotidiano dela. É possível notar as casas e os comércios, as ruas estão presentes e todas nomeadas, é possível ver os quarteirões que ela caminha até chegar a escola. Nele as árvores estão representadas e dispersas por todo o mapa, mostra que o meio natural faz parte da sua vivência com esse lugar.

Quando questionada sobre o que mais gosta na sua casa, ela diz: “na minha casa o que eu mais gosto é da minha casa e ficar com minha família, lá é legal”, a casa é importante para ela, mas é a relação com a família que se sobressai. Segundo Tuan (2013), “o primeiro ambiente que a criança descobre é seus pais, o primeiro objeto permanente e independente que ela reconhece é talvez outra pessoa” (TUAN, 2013, p. 35).

Quando indagada sobre o caminho que percorre ela relata “na rua eu não gosto de subir a ladeira porque é muito ruim, fora que ainda tem as ruas com buracos e além de ser muito distante da escola [...] daqui pra minha casa é uns quinze minutos, se eu pudesse eu moraria aqui perto da escola”. O relato mostra que a aluna não gosta das longas distâncias percorridas para chegar a escola. Para Dardel (2011), “a direção e a distância definem a situação [...] essa por sua vez seria a definidora da sua geograficidade” (DARDEL, 2011, p. 147). Esse é o elo do homem com a terra.

Com relação a escola a aluna afirma que “na escola eu gosto dos amigos, gosto daqui da escola, das aulas também, mas não gosto às vezes de algumas confusões com os alunos. Quando eu venho gosto de falar com as pessoas que eu não vejo diariamente.” Nesse ambiente as relações se sobressaem na sua visão.



Estudante T, M. B. (2018):

Eu moro lá no centro. [...] na minha casa eu gosto muito da vizinhança e também tem muitas árvores frutíferas, então eu gosto muito disso. Na escola eu gosto porque é um ambiente muito aberto [...] e as pessoas são super legais [...] e assim, vários bairros estudam aqui, então eu tenho muitos colegas. No caminho eu gosto das árvores, o Iranduba é um lugar que tem muitas árvores, então eu gosto muito do ambiente. [...]. No caminho eu tenho medo, do bairro onde eu moro, na morada do sol porque lá é muito violento [...] e as ruas são cheias de buracos. Lá de casa eu venho de ônibus da escola, dá uns vinte e cinco a trinta minutos.

O mapa mental da aluna mostra o caminho que ela percorre quando se desloca para a escola. Nele os elementos representados são as casas – com diferentes formas e diferentes cores, as árvores, aparecem no decorrer do caminho é um símbolo que representar o natural. Chama atenção no mapa o fato de os comércios, estarem todos nomeados, apesar de não serem apresentados em dimensões que os distinguem facilmente.

Quando indagada sobre o que gosta no lugar onde mora ela responde “na minha casa eu gosto muito da vizinhança e também tem muitas árvores frutíferas, então eu gosto muito disso. Na escola eu gosto porque é um ambiente muito aberto”, assim, “a satisfação com o bairro com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos – sua amizade e respeitabilidade - do que as características físicas da área” (TUAN, 2012, p. 229). Com relação as árvores frutíferas. Para Dardel, (2011), “o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas” (DARDEL, 2011. P. 116).

Com relação ao caminho percorrido a aluna diz “[...]. No caminho eu tenho medo, do bairro onde eu moro, na morada do sol porque lá é muito violento [...] e as ruas são cheias de buracos. Lá de casa eu venho de ônibus da escola, dá uns vinte e cinco a trinta minutos”. O bairro citado pela aluna, é considerado o mais violento do município, a violência está presente no seu cotidiano, assim como no dos demais alunos.

Com relação ao que gosta na escola ela diz “na escola eu gosto porque é um ambiente muito aberto [...] e as pessoas são super legais [...] e assim de vários bairros estudam aqui, então eu tenho muitos colegas” isso a afetividade.

Mapa 25: Percurso casa – escola. Sede do município.



Fonte: Estudante K, V. R. F. (Feminino), 16 Anos, 2º ano (Matutino), 2018.

Estudante K, V. R. F. (2018):

Eu moro na sede. [...] na minha casa eu gosto porque é tranquilo é um lugar assim bem sossegado pra viver. [...] perto da minha casa tem um campo, um campo bem grande, então é bem legal ir pra lá, jogar bola. [...] na escola eu gosto porque aqui é bem comunicativo [...] eu comecei aqui no Isaías foi ano passado então eu me apropriei mais daqui dessa escola, então eu gosto muito daqui. [...] no caminho eu gosto de observar as casas, o movimento de cada rua que eu venho passando. [...] mas o ruim é que a minha trajetória é muito longe então fica meio ruim assim pra eu vir.

O mapa mental da estudante que mora na sede apresenta todas os pontos de referências a no seu percurso. A representa das casas, possuem características diferentes, existem algumas maiores, outras menores e de cores diversas. Chama atenção no mapa a quantidade de árvores que compõem o seu lugar. As árvores dão um colorido especial ao lugar, expressa a relação ambiental da estudante com o lugar.

Quando questionada sobre o que gosta na sua casa ela responde “na minha casa eu gosto porque é tranquilo é um lugar assim bem sossegado pra viver. [...] perto da minha casa tem um campo, um campo bem grande, então é bem legal ir pra lá, jogar bola, essa é a visão real que ele tem do seu lar ”o real do qual se ocupa a geografia não pode ser inteiramente objetivado, seu objeto se mantém em um sentido inacessível” (DARDEL, 2011, p. 124).

No caminho da escola a aluna diz “no caminho eu gosto de observar as casas, o movimento de cada rua que eu venho passando. [...], mas o ruim é que a minha trajetória é muito longe então fica meio ruim assim pra eu vir” A distância é experimentada por meio da qualidade e não por números pelos homens, assim, o afastamento não depende diretamente da distância efetiva” (Ibid., 10). A sensação de distância nesse caso se sobressai ao gosto de observar as casas.

Quando perguntado sobre o que gosta na escola ela diz “na escola eu gosto porque aqui é bem comunicativo [...] eu comecei aqui no Isaías foi ano passado então eu me apropriei mais daqui dessa escola, então eu gosto muito daqui”, aqui a escola exercesse um papel de relação de elo com os demais alunos, além do conhecimento que adquiri na escola ela cria seus vínculos com seus amigos e com eles troca experiências.

Mapa 26: Percurso casa – escola, sede do município.



Fonte: Estudante T. A. C. (Feminino), 16 Anos, 1º ano (Matutino), 2018.

Estudante T. A. C. (2018):

[...] no caminho até aqui na escola, eu não gosto das ruas porque tem o perigo de assaltos que vem acontecendo frequentemente porque é tudo escuro. No caminho aqui da escola [...] eu gosto da pracinha da maçonaria também, que é uma pracinha bem legal pra ficar porquê [...] é movimentada não é perigoso. Na minha casa eu gosto da minha rua porque é tranquila, é seguro, bem calmo [...]. Na escola eu gosto da estrutura, do aprendizado, dos professores, dos amigos, gosto da escola em si [...]. Eu gosto mais de ficar na escola do que em casa porque aqui tem mais conhecido [...] e é bem mais alegre. [...] moro aqui perto da escola não dá dez minutos pra chegar porque eu venho de carro.

O mapa representa o caminho da estudante faz diariamente, nele ela representa os elementos de forma bem clara, começando pelas ruas, bem delimitadas, com os seus respectivos nomes, passando pelos comércios que estão com os seus nomes, os comércios são apenas aqueles mais importantes e que servem de referência para quem usa as vias para se deslocar.

Logo em seguida vem as praças, que ficam no seu caminho, a primeira é a praça da maçonaria, com as suas árvores em seguida vem a feira, a feira que é um local que é frequentado por todos os moradores e que serve de ponto de encontro para a estudante. Em seguida vem a praça dos três poderes, a principal do município, também acompanhada de suas árvores, mas sem a presença dos elementos humano e é um local que lhe atrai muito como ele relata “eu gosto da pracinha da maçonaria também, que é uma pracinha bem legal pra ficar porquê [...] é movimentada não é perigoso”,

A rua apesar de apresentar todas as suas estruturas desenhadas não é bem visto pelo aluno como ele mostra “[...] no caminho até aqui na escola, eu não gosto das ruas porque tem o perigo de assaltos que vem acontecendo frequentemente porque é tudo escuro”, “a rua parece ser um tipo de meio ambiente físico bem específico, mas, na realidade, [...] dependendo das horas do dia em que usamos, afetam a nossa percepção e a avaliação destas” (TUAN, 2012, p. 241).

Com relação a escola a aluna afirma “Eu gosto mais de ficar na escola do que em casa porque aqui tem mais conhecido [...] e é bem mais alegre. [...] moro aqui perto da escola não dá dez minutos pra chegar porque eu venho de carro”.

Mapa 27: Percurso casa escola sede do município.



Fonte: Estudante J. S. T. (Masculino) 16 Anos, 1º ano (Matutino), 2018.

O mapa acima demonstra o percurso do aluno estudante do turno da manhã, nele é representado por meio dos elementos, chama atenção as ruas, que estão bem delimitadas e que aparecem nomeadas, mas sempre a presença humana, o grande fluxo de carro e mercados que acontecem durante o dia nessas vias. Para Tuan, (2012), “o conhecimento de uma cidade varia de uma pessoa para outra, [...] a maioria das pessoas é capaz de indicar pelo menos os dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua onde moram” (TUAN, 2012, p.265).

As casas no desenho ganham dimensão e cores diferentes, os comércios também aparecem e variam de acordo com o seu tamanho e importância. As árvores aparecem acompanhando a maioria das casas, essa é uma realidade no seu caminho, tendo em vista que a maioria das casas realmente possuem uma árvore, seja na casa ou nas ruas próximas a ela.

O posto de gasolina também, aparece no seu percurso, ele está desenhado e pintado nas cores, o posto também é um local de encontro no município, não é lugar apenas para abastecer, tendo em vista que é costume que ocorram nesses postos durante o final de semana, festas entre jovens e adolescentes do município. Esse é um elemento que representa parte da sua vivência.

A casa do aluno aparece de forma bem definida em cores fortes e com as árvores que compõem o lugar. A casa para o aluno é o seu lugar primeiro, representa para ele segurança e aconchego, nela ele se sente segura, “o lar existe em escalas diferentes [...] ele está no centro de um sistema espacial [...] e esse centro não é um ponto particular na superfície da terra; é um conceito no pensamento” (TUAN, 2013, p. 183).

A escola está desenhada em uma dimensão maior que todos os outros elementos presentes no mapa. Essa representação está de acordo com o tamanho que ele a vê e percebe. No desenho ela ocupa todo um quarteirão, a escola realmente ocupa essa área, no desenho também percebemos as árvores que estão ao seu redor, essas são árvores que estão lá em sua maioria desde a sua fundação, o tamanho da representação da escola, também está ligado a seu sentimento de pertencimento com ela. É na escola que ele encontra os amigos, é lá que ele busca conhecimento que se alia ao que ele já traz de casa.

Mapa 28: Percurso casa – escola, sede do município.



Fonte: J, S. D. (Feminino) 15 Anos, 2º ano (Matutino), 2018.

Estudante J, S. D. (2018):

Na escola eu gosto da diversidade de pessoas, de amigos, do conhecimento adquirido [...]. Na minha casa gosto da convivência com a minha família, mesmo sendo uma casa que não é muito grande [...] mas com a minha família toda, o amor né, supera [...] Não tem nada que eu não goste na minha casa. Como eu tenho que pegar a avenida no caminho tem muito buraco [...] aí tem perigo de acontecer acidente. [...] da minha casa pra cá é distante dá entorno de uns vinte minutos por aí. [...] é um trajeto muito grande da minha casa até a escola, mas eu gosto porque tem muita diversidade de loja, os comércios e muitas ruas até chegar na escola. [...] tenho medo de algumas ruas que não são muito movimentadas [...] e algumas não são iluminadas aí dá uma sensação de insegurança, dá medo. [...] aqui na escola, o que eu menos gosto é a falta de aula [...] de professores porque a gente querendo ou não perde os conteúdos.

O mapa da aluna moradora da sede do município, representa todos os elementos constituintes. Nele podemos ver os carros, a praça com a presença das pessoas, os comércios todos com os seus respectivos nomes, as ruas a mais importante que levam até a sua residência estão nomeadas, podemos notar que as casas estão com as pessoas, nele há representação das árvores. Demonstra o mundo físico em conjunto com as relações sociais, e “o mundo social sempre funciona como estímulos de minhas reações quer seja elas positivas, ou negativas” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 483).

Relação com as pessoas é ressaltada na sua fala principalmente com sua família “Na minha casa gosto da convivência com a minha família, mesmo sendo uma casa que não é muito grande [...], mas com a minha família toda, o amor né, supera [...] Não tem nada que eu não goste na minha casa”. Para Tuan (2013), “se definirmos o lugar de maneira ampla como centro de valor, alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar para criança” (TUAN, 2013, p. 42).

Quanto a sua relação com a escola a aluna afirma “na escola eu gosto da diversidade de pessoas, de amigos, do conhecimento adquirido” as relações da estudante com a escola vão além do adquirir conhecimento é vista como instrumento de interação entre o eu e o outro. Um instrumento que permite o acesso a outros e que por meio dessa experiência, constrói a relação de intersubjetividade com o lugar. Uma ligação não só com o lugar, mas, principalmente contribuindo, assim, para a construção de sua identidade.



Estudante R. O. S, (2018):

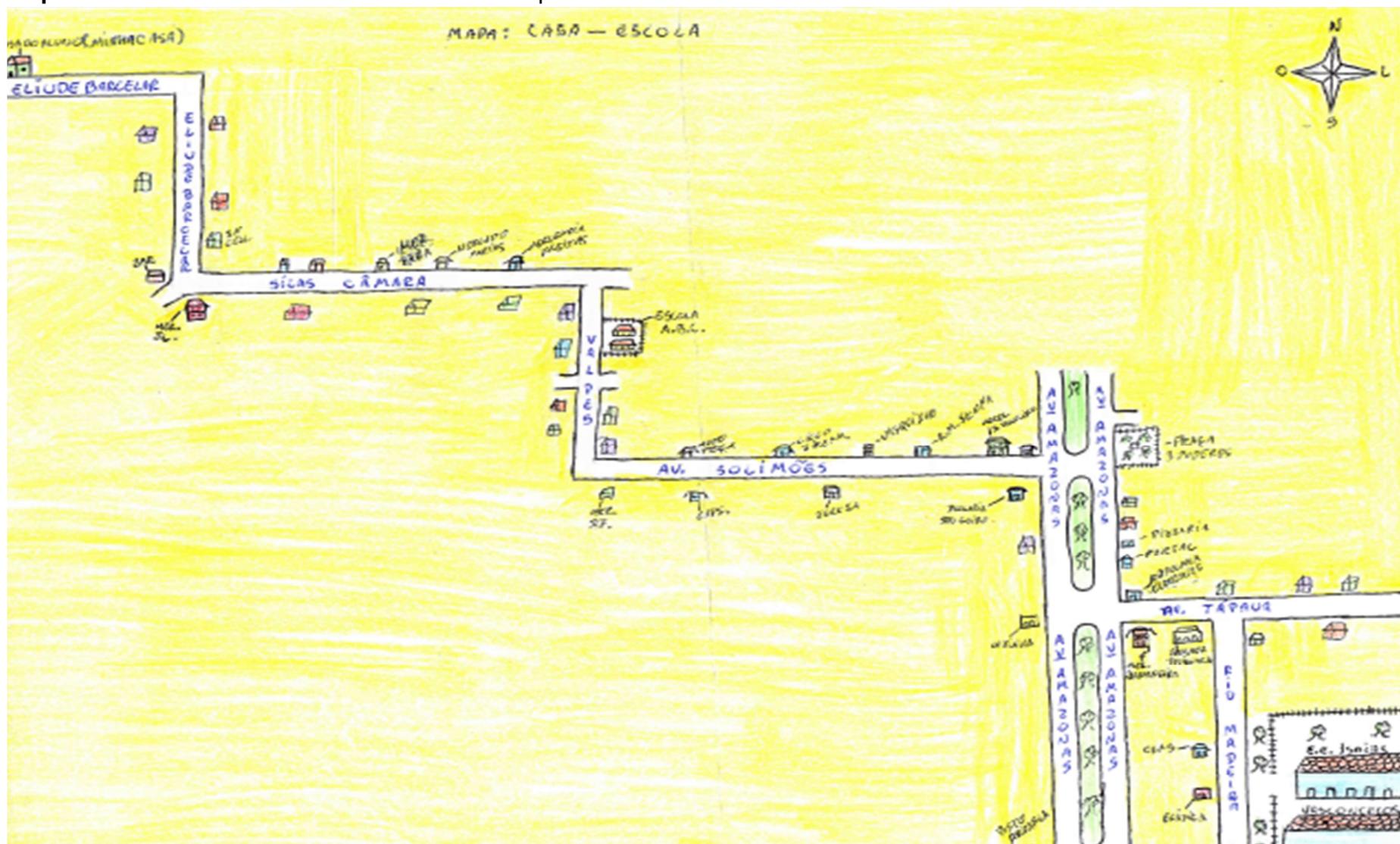
[...] eu moro na terra na sede. No caminho da minha casa até a escola, o que mais me chama atenção é a praça dos três poderes, a maçonaria e a minha casa [...]. Na minha casa o que eu mais gosto é a vizinhança porque é calma, é bem localizada, perto do posto de saúde, perto de uma escola, em frente à tvlar [...]. O que eu não gosto no caminho é porque durante a noite não tem iluminação, tem uma lixeira viciada e de uns tempos pra cá, virou local de furtos geralmente, por isso, dá medo [...]. Na escola eu gosto porque é bem localizada, é um espaço arejado, o clima pra se estudar é bem bacana [...]. Mas aqui na escola eu não gosto da fábrica de tijolo [...] aqui atrás porque de vez enquanto [...] ela joga uma fumaça de tijolo e isso incomoda porque atrapalha o estudo [...]. Daqui da escola até a minha casa eu gasto uns trinta minutos.

No mapa o aluno que mora na sede, demonstra todos os ícones que são referências no seu caminho, a proximidade de sua casa com a escola, é percebida pela quantidade de detalhes, nele vemos, as ruas todas com os seus nome, a praça, as casas apresentam formas e dimensões distintas, a escola ao fim da rua e com todas as árvores que estão plantadas na sua fachada, as vias de acesso principalmente os cruzamentos estão bem delimitados, assim como as calçadas, “a localização e a distância em relação ao lugar ou a pessoa são requisitos indispensáveis na descrição de objetos” (TUAN, 2013, p. 63).

No que diz respeito a sua casa o aluno afirma “Na minha casa o que eu mais gosto é a vizinhança porque é calma, é bem localizada, perto do posto de saúde, perto de uma escola, em frente à tvlar”, apesar do aluno não colocar o elemento humano, no desenho ele relatou que gosta da vizinhança essas pessoas fazem parte do seu grupo social, do seu íntimo e com elas escabece “limites afetivos” (Lynch, 1960). “A intimidade entre as pessoas não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência de troca” (TUAN, 2013, p. 172).

No seu relato sobre o que gosta na escola ele responde “Na escola eu gosto porque é bem localizada, é um espaço arejado, o clima pra se estudar é bem bacana [...]”. Novamente a noção de localização ganha força na sua relação com o espaço escolar, nesse ambiente mais importante que as relações com as pessoas e o bem-estar que ela lhe causa como eu indivíduo. Dessa forma sua relação social parece determinar a maneira como responde nesse lugar.

Mapa 30: Percurso casa – escola sede do município.



Fonte: Estudante F. S. B, (Masculino), 14 Anos, 1º ano (Matutino), 2018.

Estudante F. S. B (2018):

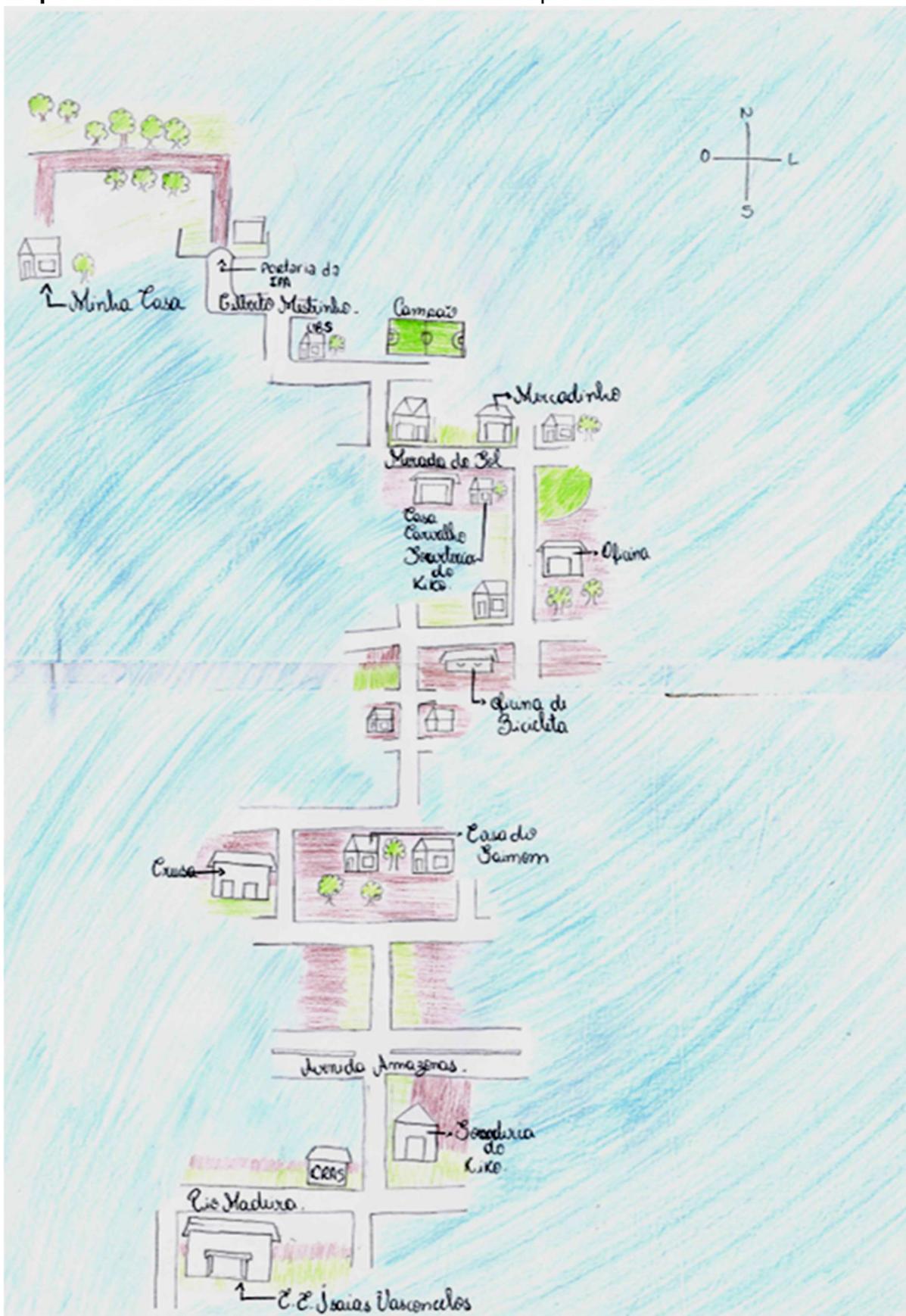
Moro aqui mesmo (na sede) do Iranduba [...]. O que mais gosto aqui do caminho da minha casa até a escola [...] é ver as pessoas andando nas ruas, ver as casas, as árvores pelas ruas [...] tudo bem organizado e limpo [...] às vezes não tão limpo porque as ruas têm muitos lixos nas beiras das ruas [...] então o que eu não gosto de ver são os buracos nas ruas, as ruas mal estruturadas, sem calçadas, ruas não asfaltadas [...] como a minha rua também, que não é asfaltada, eu não gosto também muito, assim dessas coisas [...]. Aqui na escola o que eu mais gosto [...] primeiro é do estudo e das árvores que têm aqui [...] e que não é uma escola totalmente só estrutura [...] têm árvore, têm gramas coisas verdes, assim eu gosto.

O conhecimento de uma cidade diverge muito de uma pessoa para outra. No mapa do aluno morador da sede do município do Iranduba, chama atenção o fato de todas as ruas estarem nomeadas, mostrando a familiaridade do estudante com o lugar que faz parte do seu cotidiano. A maioria das pessoas é capaz de indicar pelo menos dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua onde mora, porém, poucas são capazes de lembrar o nome de todas as ruas do seu distrito ou bairro (TUAN, 2013).

O mapa tem outras características que também foram expressas pelo estudante morador do lugar no seu desenho, entre essas está à organização das ruas, essa característica é reforçada no seu relato “O que eu mais gosto aqui do caminho da minha casa até a escola [...] é ver as pessoas andando nas ruas, ver as casas, as árvores pelas ruas [...] tudo bem organizado e limpo”. Essas ruas dentro do bairro são os canais por onde as pessoas e as mercadorias circulam. Dessa forma, “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e o os elementos organizam-se e relacionam-se ao longo das vias” (LYNCH, 1999, p.58).

Além da organização é possível nota, também a direção e distancia precisa da escola até a sua casa. Esses elementos são fundamentais na orientação do indivíduo e contribuem no deslocamento Para Dardel (2011) a distância é experimentada por meio da qualidade e expressa em termos do perto ou longe. Em seu relato o aluno, não faz menção à longa distância que percorre até a escola, mas sim o que lhe agrada e desagradar nesse caminho. Na escola é possível notar no desenho do estudante, uma grande quantidade de árvores mostrando o sentimento afetivo e a beleza do lugar que ele conhece bem. A escola nesse caso, é o lugar ou meio ambiente de acontecimentos emocionalmente fortes.

**Mapa 31:** Percurso casa – escola sede do município de Iranduba.



Fonte: Estudante A. T. (Feminino), 15 Anos, 1º ano (Matutino), 2018.

Estudante A. T (2018):

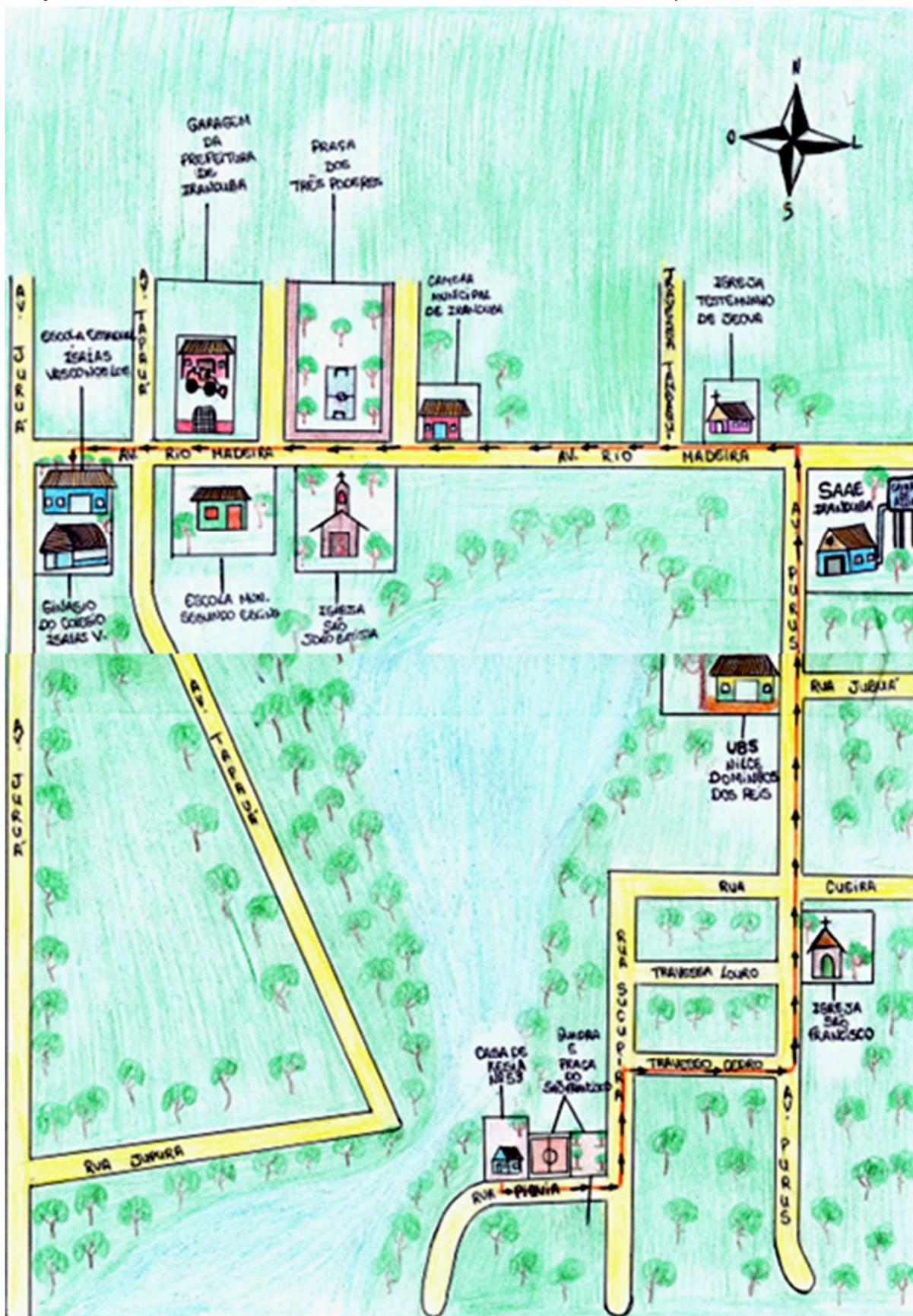
O que eu mais gosto do caminho da escola e vice e versa [...] é a quantidade de mercadinho que têm porque assim, eu não vou ter que ir procurar muito [...] porque tem um monte e aí eu não preciso andar tanto [...] entre a escola e minha casa o que eu gosto são as quadras [...] têm um campão que é perto da minha casa e a quadra de uma escola que também é lá perto [...] Na minha casa o que eu gosto é porque eu moro quase um sítio [...] ou seja, é só a gente lá então não tem vizinho e não tem barulho o que é reconfortante [...]. Da escola eu gosto mais do ambiente, da estrutura porque é bem arejado é bem espaçoso [...] e faz com que a gente se sinta confortável [...] eu gosto de estar na escola porque em casa eu não tenho tantas pessoas pra conversar [...] já na escola eu tenho meus amigos [...]. No trajeto que eu faço da escola até em casa, às vezes é deserto e dá um pouco de medo [...] e às vezes eu tenho medo do campão porque quando eu passo lá tá meio deserto e dá um pouco de medo [...]. No trajeto vindo para escola eu gosto da casa dos meus amigos que fica pelo caminho porque seu eu tiver cansada é só parar em uma [...].

No mapa da aluna, que mora longe da escola, podemos notar os elementos que compõem o seu caminho até escola de forma bem organizada, disposto quase que em linha reta, nele vemos as casas, as árvores, as ruas e os comércios todos perfeitamente nomeados, o campo maior que as casas e que leva o nome de campão.

No seu relato a estudante diz do que mais gosta na sua casa “Na minha casa o que eu gosto é porque eu moro quase um sítio [...] ou seja, é só a gente, lá então não tem vizinho e não tem barulho o que é reconfortante. ” De acordo com Tuan (2013), a feição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes” (TUAN, 2013, p. 169). Dessa forma esse lugar é uma pausa no movimento, essa pausa parte essa sensação de ligação íntima.

No que diz respeito ao ambiente escolar ela diz “Da escola eu gosto mais do ambiente, da estrutura porque é bem arejado é bem espaçoso [...] e faz com que a gente se sinta confortável [...] eu gosto de estar na escola porque em casa eu não tenho tantas pessoas pra conversar” Da escola eu gosto mais do ambiente, da estrutura porque é bem arejado é bem espaçoso [...] e faz com que a gente se sinta confortável [...] eu gosto de estar na escola porque em casa eu não tenho tantas pessoas pra conversar” um meio ambiente legível não oferece apenas segurança mas também intensifica a profundidade da experiência humana” (LYNCH, 1960, p. 15). Essa é a relação que a aluna encontra na escola.

Mapa 32: Percurso casa – escola, Iranduba. Sede do município.



Fonte: Estudante K. K. M. T, (feminino), 16 Anos, 2º ano (matutino), 2018.

Estudante K. K. M. T (2018):

[...] moro no bairro do São Francisco, na sede do município. [...] bom eu gosto da quadra, no caminho que eu faço pra chegar aqui, pelo fato de eu interagir, praticando esporte [...] e eu gosto menos da SAAE, pelo fato de a gente sempre passar por lá e ter falta de água, no bairro [...] e quando tem água, eles gastam, enchendo às vezes até o poço [...] quando a gente passa por ele, pra vir pra escola, a rua tá alagada e quando os carros passam pela gente as vezes acaba molhando os alunos, porque tem muito aluno por lá, que necessitam do ônibus [...] mas eles não passam pela aquela rua [...]. Pra quem não sabe lá no São Francisco no caminho quando a gente passa dá pra ver muita árvore porque a maioria das pessoas opta não derrubar pra fazer casa [...] sempre quando a gente passa, a gente pode ver muito passarinho cantando, na paisagem, perto do lago, um laguinho que sempre enche e seca [...] sempre que ele enche dá pra tomar banho lá, fica muito lindo, ele enche com a água do Solimões. [...] é bom por esse fato de ir andando e sempre a gente pode interagir com os vizinhos [...] e durante o meu percurso encontro com os outros alunos e a gente vem em grupo, [...] a gente fala com todos os vizinhos e eu gosto de interagir com eles. [...] durante o percurso de casa, tem tipo um “becozinho” que tem alguns drogados, só que é bom que eles não fazem mal a ninguém, o problema é da policia chegar e eles se confrontarem e ter alguma pessoa inocente entres eles e houver bala perdida e eles atirarem pensando que faz parte, isso me dá medo. [...] na minha casa é bom lá porque lá tem calma e do lado tem uma quadra e sempre tem algo na quadra [...] a quadra é encostada na minha casa e eu sempre treino lá quando tem alguma coisa pra fazer na escola. [...] aqui na escola eu gosto da biblioteca é onde a gente pode aprofundar o conhecimento [...] aqui na escola não tenho medo de nada não. [...] eu não me mudaria do lugar onde eu moro porque eu amo lá, eu acho que não sairia de lá.

Este mapa da aluna que mora na sede do município, mostra uma riqueza de detalhes que chamam bastante atenção. Todos os elementos que compõem o seu caminho como: a igreja, símbolo da religiosidade, as ruas exatamente como são no município, as casas bem dimensionadas, os comércios e a companhia de abastecimento. Mas o que chamam atenção é o lago desenhado no centro do mapa que passa quase despercebido com a toda a vegetação em sua volta “sempre quando a gente passa, a gente pode ver muito passarinho cantando, na paisagem, perto do lago, um laguinho que sempre enche e seca [...] sempre que ele enche dá pra tomar banho lá, fica muito lindo, ele enche com a água do Solimões. ” Para Dardel (2011), o domínio das águas, inseparável do espaço verde, está ao lado da vida, além disso, [...] as águas exercem sobre os homens uma atração que chega à fascinação” (DARDEL, 2011, p. 21). Mesmo com todos os problemas ambientais e sociais, a sua relação de pertencimento com o lugar não se abala.

Mapa 33: Percurso casa – escola, Irlanduba. Estrada de acesso ao município.



Fonte: Estudante J. R. M. L, (Masculino), 16 Anos, 1º ano (matutino), 2018.

Estudante J. R. M. L (2018):

[...] Moro na estrada que dá acesso a sede, distante da escola acho que uns seis quilômetros. [...] eu gosto da paisagem que tem no caminho de casa pra cá, apesar de minha casa, ser um pouco longe, moro perto da Manauara [...] lá perto de casa tem um rio que eu não sei o nome, mas, é muito bonito. [...] o que mais gosto lá em casa é o tempo que eu passo lá, [...] tem animais lá, árvores, pássaros, é tipo um sitio [...] venta muito lá, por isso é muito legal, eu acho muito bonito. [...] no caminho quando eu venho pra cá, gosto de ver o CETI porque já estudei lá, passei um ano lá [...] gosto da feira também porque eu vou direto lá. [...] no caminho quando eu volto tenho medo do ramal porque às vezes ele é perigoso e tem muito assalto pra lá, principalmente à noite porque é escuro e não tem iluminação lá, também porque é deserto. [...] aqui na escola eu gosto dos colegas, dos professores, a escola em geral porque como ela agora tá reformada, aí dá mais gosto de vir pra escola. [...] não tem nada que eu não goste na escola quer dizer eu acho que podia ter uma educação melhor né. [...] eu não mudaria nada onde eu moro, eu ia deixar do mesmo jeito, acho que eu colocaria só mais árvores porque tem muita árvore por lá [...].

O mapa do estudante da estrada mostra uma grande área verde, sua casa está apresentada em tamanho maior que o normal, praticamente o mesmo tamanho da escola que fica ao longo do caminho. Isso ocorre porque o estudante possui uma relação de profundo afeto com esse lugar, como ele mesmo demonstra no seu relato “lá perto de casa tem um rio que eu não sei o nome, mas, é muito bonito. [...] o que mais gosto lá em casa é o tempo que eu passo lá, [...] tem animais lá, árvores, pássaros, é tipo um sitio [...] venta muito lá, por isso é muito legal, eu acho muito bonito.” Esse é um tipo de afeição profunda que embora subconsciente, pode-se formar simplesmente com a familiaridade e tranquilidade e com [...] recordações de som e perfume” (TUAN, 2013, p. 195).

Outro ponto no mapa que chama atenção e tamanho da escola ela é maior que sua casa e maior do que todos os elementos que compõem a sua relação com o lugar, até mesmo, esse sentimento de afetividade e demonstrado na sua fala “lá perto de casa tem um rio que eu não sei o nome, mas, é muito bonito. [...] o que mais gosto lá em casa é o tempo que eu passo lá, [...] tem animais lá, árvores, pássaros, é tipo um sitio [...] venta muito lá, por isso é muito legal, eu acho muito bonito.” Esse relato apresenta uma “limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2011, p. 31). É sua geofricidade a terra como base e meio de sua realização.

Mapa 34: Percurso casa – escola, Iranduba. Sede do município.



Fonte: Estudante P. D. M, (Feminino), 15 Anos, 1º ano (matutino), 2018.

Estudante P. D.M, (2018):

O que eu mais gosto no caminho é da escola mesmo [...] quando eu venho, eu não gosto do hotel abandonado porque lá é bem estranho é hotel abandonado mesmo [...] e causa muito medo [...] o que eu mais gosto quando eu venho pra escola é o mirante ele é bem legal [...] porque dá pra ver o Rio Solimões todo e é muito bonito principalmente no fim da tarde [...] eu gosto também do lanche que tem no caminho e do mercadinho [...]. Na escola eu gosto de estudar e gosto dos meus amigos da escola mesmo.

O mapa da estudante moradora da terra firme demonstra o conhecimento espacial da área. Nele pode-se observar que a estudante procurou nomear todos os pontos de referência, tais como as ruas, os comércios e os órgãos públicos, que compõem o caminho da sua casa até a escola. O desenho também mostra as árvores um elemento natural que se destaca em meio ao ambiente urbano.

O destaque no mapa fica por conta da casa, nele a residência da aluna aparece maior do que as demais que ficam na mesma rua, maior até mesmo que o posto de saúde, o posto de gasolina e as lojas. A casa como vemos é o seu lugar íntimo. Para Tuan (2013), o lugar é uma classe especial de objeto [...] é uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que se possa ser facilmente manipulada, ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar” (TUAN, 2013, p. 22).

No relato da estudante que mora na sede, próximo a escola, percebe-se que o medo faz parte da sua relação com o caminho até a sua casa “quando eu venho, eu não gosto do hotel abandonado porque lá é bem estranho é hotel abandonado mesmo”. O medo da violência nesse caso, é do desconhecido. Para Tuan (2005), “o medo é um sentimento complexo onde se distingue dois componentes: sinal de alarme e ansiedade” (TUAN, 2005, p. 10).

Quando questionada sobre o que mais gostava no caminho a aluna respondeu “o que eu mais gosto quando eu venho pra escola é o mirante ele é bem legal [...] porque dá pra ver o Rio Solimões todo e é muito bonito principalmente no fim da tarde”. “A imagem de um bom ambiente da a quem possui, um sentido importante de segurança emocional [...] pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo” (LYNCH, 1960, p.14). Essa é a sensação que o mirante traz para a aluna que o vê todos os dias quando vai para sua casa.

### 3.2. A percepção ambiental dos estudantes da zona rural, nas várzeas e na terra firme

“Na hora que eu volto pra casa, gosto de ver os botos, que é comum a gente ver, tanto na cheia quanto na seca, entre as ilhas, eu gosto de ver, acho legal, tem comunhão com a natureza [...]. Eu acho importante a gente continuar preservando a natureza nesse local, pra continuar, assim, da forma que Deus criou.” (Estudante C. P. B, morador da várzea do rio Solimões). Esse relato foi feito pelo estudante que gentilmente em conjunto com sua família me recebeu em sua casa, durante minha visita a sua comunidade. De forma clara, nos mostra o que muitos autores que embasam nosso trabalho, argumento de forma acadêmica. O estudante que mora na várzea do rio, da mesma forma que os outros moradores, possui um conhecimento ambiental referente ao lugar em que reside e que influencia no seu modo de vida. Tuan (2012) nos diz que: “O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideias.”<sup>37</sup>

O ambiente é percebido de formas diferentes pelas pessoas, essa diversidade de percepção é resultante do modo como nos relacionamos com ele. “Os comportamentos humanos derivam de suas percepções do mundo, cada um reagindo de acordo com suas concepções e relação com meio, dependendo de suas relações anteriores, desenvolvida durante sua vida.”<sup>38</sup>.

Diegues (2008) vai ainda mais longe e argumenta que:

[...] em suma, no coração das relações materiais do homem com a natureza aparece uma parte ideal, não material, onde se exercem e se entrelaçam as três funções do conhecimento: representar, organizar e legitimar as relações dos homens entre si e deles com a natureza. Torna-se, assim, necessário analisar os sistemas de representações que os indivíduos e os grupos fazem de seu ambiente, pois é com base nelas que eles agem sobre ele.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2013. p. 161

<sup>38</sup> MENGHINI, citado por LUIZA, A. et al. Percepção ambiental dos moradores da avenida beira rio - orla fluvial de porto nacional -TO. p. 03.

<sup>39</sup> DIEGUES, Antônio C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo. Aderaldo & Rothschild Editores Ltda, 2008. p. 65.

Claval (2007), em suas investigações aponta que “os saberes tradicionais sobre os meios têm uma finalidade prática: sua utilidade é tanto maior na medida em que ajudam a compreender a dinâmica do ambiente e das associações que o compõem.”<sup>40</sup>. As pessoas percebem o mundo principalmente por meio da visão, com a imagem formando uma referencial especial sobre o mundo. – “O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura desconhecida, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo” (TUAN, 2012, p. 116).

O turista e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do ambiente. “Em geral, podemos dizer que somente o visitante tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros [...] ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meu ambiente.”<sup>41</sup>.

Moro aqui mesmo (na sede) do Iranduba [...]. O que mais gosto aqui do caminho da minha casa até a escola [...] é ver as pessoas andando nas ruas, ver as casas, as árvores pelas ruas [...] tudo bem organizado e limpo [...] às vezes não tão limpo porque as ruas têm muitos lixos nas beiras das ruas [...] então o que eu não gosto de ver são os buracos nas ruas, as ruas mal estruturadas, sem calçadas, ruas não asfaltadas [...] como a minha rua também, que não é asfaltada, eu não gosto também muito, assim dessas coisas [...](Relato do estudante F. S. B).

A fala do estudante corrobora a afirmação de Tuan (2012), quando diz que os indivíduos possuem e atitudes e experiências ambientais. O homem é excepcionalmente adaptável, beleza e feiura, cada um tende a desaparecer a medida que aprende a viver nesse mundo.

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências do grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margharet de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 221.

<sup>41</sup>TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012. p. 91.

<sup>42</sup> Ibid., 10

Moser (1998), aponta “as dimensões culturais e sociais presentes, como mediadoras da percepção e avaliação das atitudes do indivíduo frente o ambiente.”<sup>43</sup> Percepção ambiental foi definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem (LUIZA, 2007), sendo que os estudos da percepção ambiental hoje constituem “a última e decisiva fronteira no processo de uma gestão mais eficiente e harmoniosa do meio” (AMORIM FILHO, 2007, p.7).

[...] Moro na estrada que dá acesso a sede, distante da escola acho que uns seis quilômetros. [...] eu gosto da paisagem que tem no caminho de casa pra cá, apesar de minha casa, ser um pouco longe, moro perto da Manauara [...] lá perto de casa tem um rio que eu não sei o nome, mas, é muito bonito. [...] o que mais gosto lá em casa é o tempo que eu passo lá, [...] tem animais lá, árvores, pássaros, é tipo um sitio [...] venta muito lá, por isso é muito legal, eu acho muito bonito. [...] no caminho quando eu venho pra cá, gosto de ver o CETI porque já estudei lá, passei um ano lá [...] gosto da feira também porque eu vou direto lá. [...] no caminho quando eu volto tenho medo do ramal porque às vezes ele é perigoso e tem muito assalto pra lá, principalmente à noite porque é escuro e não tem iluminação lá, também porque é deserto. [...] aqui na escola eu gosto dos colegas, dos professores, a escola em geral porque como ela agora tá reformada, aí dá mais gosto de vir pra escola. [...] não tem nada que eu não goste na escola quer dizer eu acho que podia ter uma educação melhor né. [...] eu não mudaria nada onde eu moro, eu deixaria do mesmo jeito, acho que eu colocaria só mais árvores porque tem muita árvore por lá [...].

O relato do aluno que mora na estrada próximo à sede do município e que convive e gosta do ambiente natural, como ele mesmo destaca, mostra que por mais que a cultura afete a percepção, “certos objetos, quer naturais ou feitos pelo homem, persistem como lugares ao longo da eternidade do tempo, sobrevivendo ao apoio de determinadas culturas” (TUAN, 2012, p. 201). Em outras palavras são as estruturas estruturadas e estruturantes que apontadas por Pierre Bourdieu.

Assim, nos relatos e desenhos dos estudantes, percebe-se que o percurso casa escola, não é só uma rua com asfalto, uma estrada de piçarra ou um rio com banzeiro, mas um lugar que expressa como qualquer outro, a presença humana, nas relações sociais, que se desenvolvem em cada um desses lugares. Na várzea, por ser um lugar que a cada seis meses muda de paisagem, exige dos estudantes que ali vivem, um entendimento maior do lugar. Por ser um lugar que faz parte de uma

---

<sup>43</sup>MOSER citado por LUIZA, A. et al. Percepção ambiental dos moradores da avenida beira rio - orla fluvial de porto nacional -TO. p. 03.

grande floresta e do rio Solimões e tem seus segredos. A convivência com o boto e as feras dos rios e os perigos da mata. O respeito por todas essas coisas exige respeito e cuidado na construção do lugar. Em outras palavras “o domínio das águas, inseparável do espaço verde, está do lado da vida” (DARDEL, 2011, p. 20)

A estrada, no caminho da escola, também apresenta sua relação de pertença para o estudante, é nela que em meios aos seus ramais que se constrói o lugar vivido. É onde eles moram, onde conhecem cada vizinho - mesmo que esse more a quilômetros de distância, é nessa estrada que ele encontra os amigos e com eles fortalecem suas relações sociais. A estrada como foi descrito e relatado nas falas, não é só barro ou lama, não é só o caminho, ela é o lugar que leva a até a escola, que transitam, os ônibus e os caminhões, mas que também promove o encontro, o sossego e os modos de vida. “A terra são é somente a origem, ela é presença. A realidade humana que se atualiza como possibilidade, convocando o ser pelo o conjunto das presenças que o cercam” (DARDEL, 2011, p. 51).

Não diferente dos demais alunos, os que moram na sede do Município, também relatam nas suas falas e demonstram nos seus desenhos que as ruas da sede são mais que o caminho que os levam até a escola. Elas são vias que ligam aos lugares que são íntimos e que fazem parte da sua convivência, e nelas que se movem, não só os carros, mas as pessoas, com mantêm uma relação de seja de amizade ou de repulsa. É nessas ruas que ficam suas casas e que por mais que não apresentem beleza estéticas aos olhos dos estranhos é o seu lugar primeiro e sua segurança.

Os mapas mentais de cada estudante, foram construídos com a preocupação e o cuidado de fazer com essas histórias aparecessem. A inquietação demonstrada por eles era de poderem desenhar, colocando no mapa tudo que eles sabiam sobre o caminho que usam, para que nós pesquisadoras conhecêssemos melhor como é o lugar que moram e percurso da escola.

Os relatos nem sempre são as explicações do mapa, como foi possível ver em muitos dos desenhos, as vezes as falas, mostravam aquilo que só estudante conhecia. O interesse em fazer um mapa detalhado as vezes aumentava quando eles viam os mapas dos outros colegas já construídos. Os relatos dos lugares feitos

por eles foram as complementações das informações que já continham no mapa, isso é mais visível nos mapas da sede.

Temos a consciência de que esses mapas mentais são ferramentas que auxiliam na forma de conhecer a geograficidade do estudante com o lugar. Por isso, acreditamos que eles podem conter uma descrição real dos lugares, pois a preocupação de quem os desenhou não foi com a exatidão, mas como a informação que neles estavam expostas, poderiam ser entendidas. Assim, os mapas mentais, são mais do que imagens de sobrevoo, são representações de quem mora e vive o lugar, e nos mostram que o que neles está desenhado expressa o lugar como ele verdadeiramente é.

## Considerações Finais

Esta pesquisa mostrou que os alunos da escola da zona rural, moradores das áreas de várzea e da terra firme – sede e estrada, percebem o espaço do que constituem a sua vivência de diversos modos. As diferentes formas que o ambiente se apresenta a partir da experiência humana, mostra-nos os diversos ângulos de um mesmo lugar, que geralmente não são percebidas de maneira direta.

Ao decidirmos nesta pesquisa pela visão fenomenológica de compreender os lugares, pretendíamos demonstrar que essa é a melhor metodologia para este tipo de interpretação, que procura a valorização da experiência íntima e do saber por nós adquirido no decorrer da vida. É essa concepção filosófica que nos apontou o melhor caminho a seguir.

Procuramos interpretar o lugar de forma que as informações demonstradas nele, pudessem ser compreendidas por quem, não faz parte desse lugar, ou seja, pelos que são de fora. O que resultou em mapas mentais com representações gráficas, dos lugares produzidos com o conhecimento de quem nele mora. Os mapas mentais mostram a interpretação que cada estudante faz dos lugares, revelam como são concebidos os lugares por quem neles habitam. A visão de cada aluno indica um novo caminho, dando diferentes identidades, sejam elas, sócias, ambientais, econômicas, culturais, naturais, entre outras.

Ao interpretar os mapas dos alunos que moram na várzea do rio Solimões, percebemos que eles interagem e mantém com esse ambiente uma relação de forte ligação. Existe um rio que ora está dentro de casa, ora no quintal, há um elo que vai além da compreensão de quem não faz parte desse lugar. O acordar cedo para cuidar da roça que está na frente de casa ou atrás não é só uma obrigação é para uns uma escolha de vida. Isso ficou constatado no relato que a estudante fez.

A pescaria de frente de casa que acontece em sistema de vez, onde cada família espera a sua vez para pegar os grandes bagres, e podendo pescar somente uma determinada quantidade, mostra que existe uma consciência ambiental, que é repassada pela família, um conhecimento que não se perde com o tempo e nem no tempo. O conhecimento das áreas pesqueiras, no período da enchente é outro fato

que demonstra não somente a percepção ambiental, mas as relações econômicas que estão intrínsecas nesse processo.

O caminho percorrido pela lancha representado no mapa mental, mostrando todos os rios, furos e lagos, e a habilidade espacial, fruto da vivência com o lugar. O tempo gasto no caminho, marcado não pelo relógio, mas pelo tempo da natureza, reafirma a relação de pertencimento com o lugar, uma relação de intersubjetividade entre o homem e terra, a geograficidade que se origina nessa simbiose que só quem conhece o lugar no mais profundo íntimo pode estabelecer.

O tomar banho no rio, quando surge as praias, e o cuidado com os animais e os peixes – principalmente com as arraias, para não pisar no ferrão, o brincar de bola no campo de futebol que só surge quando as águas baixam, o embalar nas árvores, tudo isso é fruto da relação desses alunos com o lugar e mesmo com todas as dificuldades que enfrentam para ir e voltar da escola, ou para sair desse de suas casas, ou ainda pela falta de estrutura que alguns lugares apresentam, como a dificuldade de acesso ou como a ausência do poder público, ainda assim os laços simbólicos permanecem.

O fato dos alunos morarem na várzea, e irem estudar no município não os faz perder a sua identidade cultural, isso ficou visível nos mapas de número um a quinze e no próprio relato, e apesar de serem adolescentes, eles não negam as suas origens, inclusive alguns deixaram claro, de onde eram, como espécie de reafirmação da identidade, quando falavam eu sou lá do Muratu, ou eu sou lá do Jacurutu, muito pelo contrário o conto deles com os alunos moradores da sede na escola, provem uma inter-relação cultural entre eles, os modos e os costumes podem ser diferentes mas na escola não transparecem isso.

A violência no local onde moram também está presente como eles mesmo frisaram em seus relatos, quando falavam dos ladrões de rabeta – motor de barco, onde quase todos demonstraram grande preocupação com os roubos, principalmente porque a grande não possui em suas casas armas, e por isso, procuram ao máximo evitar de sair à noite. Todas essas informações estão representadas nos Mapas Mentais que os estudantes que moram nesse local, produziram.

Os alunos da terra firme, divididos entre os que moram na sede e o que residem na estrada, possuem uma representatividade do espaço, oposta aos que convivem com as águas. Na estrada os alunos, vem dos ramais que dão acesso à via, eles percorrem diariamente a estrada para chegar à escola, esse percurso nem sempre é fácil, muitos deles relatam que quando chove os ônibus não os pegam, pois, a estrada torna-se difícil de trafegar, correndo o risco de o ônibus sofrer acidentes. Essa realidade é conhecida na escola, por isso, eles não recebem as faltas quando isso ocorre.

No mapa a percepção ambiental que eles têm com o lugar é reforçada nos seus relatos e no próprio mapa, quando eles representam as estradas com todas as árvores e os pássaros, o problema como o lixão, O contato com essa realidade, mostra que os mesmo, apesar da pouca idade, que tem conhecem e sabe distinguir as causas desses, é um conhecimento que adquiriram convivendo com um local, cabe ressaltar que por meio do relatos ficou bastante evidente que a grande maioria nasceu nesse local e que por isso, se identificam com ele, e apesar de estudarem em uma que fica distante de sua casa, isso não é visto como dificuldade e sim por a possibilidade de alcançar uma educação de qualidade, essa é a visão que eles tem da escola.

Nos mapas mentais representados pelos alunos que residem na sede do município, os estudantes exibiram, os elementos que constituem o seu cotidiano. Nesses mapas foi possível ver alguns a exatidão de localização, as ruas bem definidas, os cruzamentos, as pessoas transitando, os carros, as praças, sempre muito presente em praticamente todos os desenhos produzidos e que pela forma fechada, simbolizam o lugar de aconchego, de alegria, de emoção que só quem vive o lugar possui.

A violência que não foi desenhada, mas citada e lembrada pela grande maioria. Mostra que apesar do município, não possuir uma grande quantidade de pessoas como apontam os dados do IBGE, ela existe e a prova disso é a sensação de medo, tanto dentro como fora da escola. Esse foi um fato que chamou atenção na pesquisa, porque esse medo, não é da natureza, como a provocada pelo banheiro, ou da chuva que na estrada produz a lama e dificulta a passagem, não é um medo originado pela mente. É o medo do outro, dos indivíduos que podem de

algum modo atentarem contra a sua vida. É uma percepção que mostra o convívio com o lugar que não se constrói só a partir do belo, mas principalmente a partir do real, que em conjunto mostra a intersubjetividade do seu ser.

A escola como foi representada, na grande maioria dos mapas tem um papel central, na vida de todos eles, ela é vista como ponto de encontro, como lugar de conhecimento, de troca de saberes, de vivencia, de possibilidades, e assim como os alunos que nela estudam, possui várias identidades, ambiental, social, cultural, econômica, e com os alunos forma o elo que faz parte de suas vidas.

Verificou-se que a percepção ambiental, dos estudantes da zona rural, é um instrumento que assegura a importância que o ambiente natural, têm para os sujeitos que vivem uma ligação latente com o rio, com toda a sua simbologia e sentimento de pertença. Assim como, os que convivem na terra firme, em especial na estrada, e os que moram na sede onde os problemas parecem, na forma de violência ou de problemas ambientais. O conhecimento que cada um desses grupos possui do lugar pode proporcionar um novo olhar para essas realidades, desde modo uma nova expressão de realidades ribeirinhas, entre a casa e a escola.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vacchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BUTTIMER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 185.
- CONCEIÇÃO, R. S. **A percepção da Degradação ambiental em Iranduba-AM: Uma Análise Integrada**. Dissertação. Universidade Federal do Amazonas – Manaus – AM. 2009.
- CARDIM, L. N. **A ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty**. São Paulo, 2007. Tese (Filosofia) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. – Florianópolis: Ed da UFSC, 2007.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 6 ed. São Paulo: Editora HUCTIC NUPAUB, 2008.
- ELIAS, N. **Sobre o Tempo**. Rio: Zahar, 1998.
- FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- FILHO, A. P. S; PACHECO, L. M. B. **De casa à escola: o desenho do caminho percorrido numa abordagem humanista**. In: *Revista Cor das letras – Universidade Estadual de Feira de Santana – BA*. V 13, N 1. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1473>> Acesso em março 2018.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIOMETTI, A. B. R; PITTON, S. E. C; ORTIGOZA, S. A. G. **Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território.** In: volume 9 - D22 - UNESP/UNIVESP - 1a edição 2012. Disponível em:  
<[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1\\_d22\\_v9\\_t02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf)>  
Acesso em: 16 de novembro 2016.

GURAN, M. **Documentação fotográfica e pesquisa científica notas e reflexões.** Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012. Disponível em:  
<[http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc\\_foto\\_pq.versao\\_final\\_27\\_dez.pdf](http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf)>  
Acesso em 02 de março de 2018.

HALL, S. **Identidade cultural na pós modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopez Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLZER, W. **Sobre território e lugaridades.** In: Revista Cidades - São Paulo, SP, Volume 10, n 17, p. 20 a 29. Disponível em:  
<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232>> Acesso em: 20 de novembro de 2016

\_\_\_\_\_. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea.** In: Revista GEOgraphia, Vol. 5, no 10, 2003. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/viewArticle/130>> Acesso em 20 de novembro de 2016.

IBGE. 2006. <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acessado em 16/09/2016.

KOZEL, S; GALVÃO, W. **Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas.** In: Revista Eletrônica: Ateliê geográfico. Goiânia: v 2, n 3. Dez 2088.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2001.

LIMA, A. M. L; KOZEL, S. **Lugar e mapa mental: uma análise possível.** Geografia, Londrina, V. 18, n. 1, 2009. Disponível em:  
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2388>> Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** Lisboa – Portugal: Edições 70, 2009.

MARINHO, S. C. **Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica.** São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 3ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOSER, G. **Psicologia Ambiental**. Palestra proferida na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 27 de agosto de 1997. Disponível em:

<[http://www.catolicato.edu.br/portal/portal/downloads/docs\\_gestaoambiental/projetos2011-1/1-periodo.pdf](http://www.catolicato.edu.br/portal/portal/downloads/docs_gestaoambiental/projetos2011-1/1-periodo.pdf)>. Acesso em 02/30/2018.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica: a Geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Manaus: Edua, 2014.

NOBREGA, T. P. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. In Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148. Universidade Federal do Rio Grande do Norte Disponível em: <<http://www.scielo.br/epsic>> Acesso em 20 de dezembro de 2017.

RODRIGUES, S.M et al. (orgs.). **Iranduba características socioambientais de um município em transformação**. Manaus: FVA, 2014.

ROCHA, L. B; ALMEIDA, M.G. **Cultura, mundo-vivido e território**. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, Londrina – 2005.

ROSA, G. C. **A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais**. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/a2/GT3\\_26\\_Identidade\\_conceito\\_celacom.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/a2/GT3_26_Identidade_conceito_celacom.pdf)> Acesso em: 20 de dezembro de 2016.

SANTOS, A., M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1980.

SANTOS, B., M. T. P. **Mapas mentais na percepção dos moradores do baixo, Iranduba /AM**. São Paulo, 2011. Dissertação (Geografia) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, M. I. D. **O espaço fora do lugar: uma suposta filosofia geográfica do espaço e lugar**. In: Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume 29, p. 305 a 319. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.usp.br/rdg/article/download/102127/100548>> Acesso em 11 de dezembro 2016.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **A paisagem do medo.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TEXEIRA, M. C. S; PORTO, M. R. S. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** IN: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98.

THOMAS, J. R; N, J. K. **Research methods in physical activity.** 3.ed. 1996. Disponível em: <<http://www.ergonomia.ufpr.br/Tipos%20de%20Pesquisa.pdf>> Acesso em: 20 de novembro de 2016.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

ZILLES, U. **Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl.** IN: Revista da Abordagem Gestáltica. XIII (2): 216-222, Jul-dez, 2007.

## APÊNDICE A



Poder Executivo  
 Ministério de Educação  
 Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
 Centro de Ciências do Ambiente - CCA  
 Programa de Pós-Graduação em  
 Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia - PPGCASA



### TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr.(a) a autorizar seu (sua) filho(a) a participar da Pesquisa "A GEOGRAFICIDADE DE ESTUDANTES DA ZONA RURAL DE IRANDUBA, AM: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO PERCURSO CASA/ESCOLA", sob a responsabilidade da pesquisadora Fabíola Rocha Duarte, aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas(UFAM), e da orientadora Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, professora do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências do Ambiente (CCA - UFAM). Sua participação é voluntária e se dará por meio da elaboração de mapas mentais.

O projeto tem por objetivo compreender a Geograficidade construída pelos estudantes da zona rural no município de Iranduba – (AM), a partir da experiência como lugar que esses vivenciam ao longo do percurso casa/escola. Os objetivos específicos são:

1. Descrever a relação de geograficidade construída entre o aluno e ambiente durante os períodos de seca, cheia, vazante e enchente, a partir dos caminhos do rio e estrada.
2. Entender como os estudantes percebem e representam através de mapas mentais sua relação com o lugar.
3. Relacionar a vivência escolar e os modos de vida dos estudantes da zona rural, que residem nas ilhas do Rio Solimões e na Terra firme.

Os riscos decorrentes da participação de seu (sua) filho (a) na pesquisa são os de causar algum constrangimento, quanto à exposição do mapa. Para que isso não venha ocorrer, nós nos responsabilizamos em manter o caráter confidencial das informações registradas. Caso ocorra a necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Se o (a) Sr.(a) aceitar participação do seu (sua) filho(a), na pesquisa, estará contribuindo para a compreensão da percepção ambiental dos estudantes da escola

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Anahia Nio Ferreira, RG 2400078-4  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Silas Ferreira de Almeida  
nascido(a) em 27/07/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 22/10/2012

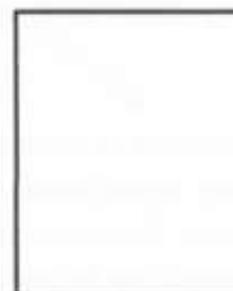
Anahia Nio Ferreira  
Assinatura do Responsável

Data: 22/10/2012

Silas F. de Almeida  
Assinatura do Participante

Data: 22/10/2012

Janiele R. S.  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, Cleopane Souza D' Oliveira, RG 12556.37-8  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Paula D' Oliveira Miranda  
nascido(a) em 31/01/2002, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 23/10/2012

Cleopane Souza D' Oliveira  
Assinatura do Responsável

Data: 23/10/2012

Paula D' Oliveira Miranda  
Assinatura do Participante

Data: 23/10/2012

Jomale Roch Fort  
Assinatura da Pesquisadora

Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Damiano Oliveira Costa, RG 1131709-7 responsável pelo meu (minha) filho(a) Thais Anaiye Costa nascido(a) em 1/1/, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 22/10/2022

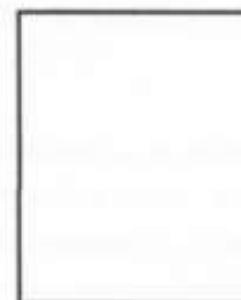
Damiano Oliveira Costa  
Assinatura do Responsável

Data: 22/10/2022

Thais Anaiye Costa  
Assinatura do Participante

Data: 22/10/2022

Jamile Pereira  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181; ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Elane monteiro da Silva, RG 1146037-7  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Tais monteiro Barros  
nascido(a) em 01/08/2000, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 22/10/2012

Elane monteiro da Silva

Assinatura do Responsável

Data: 22/10/2012

Tais Monteiro Barros

Assinatura do Participante

Data: 22/10/2012

Janele Roche Duarte

Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaiás Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uoi.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, José Ferreira Lima, RG 1023 PM-AM  
responsável pelo meu (minha) filho(a) José Renato Moreira Lima  
nascido(a) em 27/06/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 17/10/2012

José Ferreira Lima  
Assinatura do Responsável

Data: 17/10/2012

José Renato M. Lima  
Assinatura do Participante

Data: 17/10/2012

Amale Duet  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Zulmira Viana Costa, RG 0532655-9  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Boimem Costa de Souza  
nascido(a) em 22/10/2012, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 22/10/2012

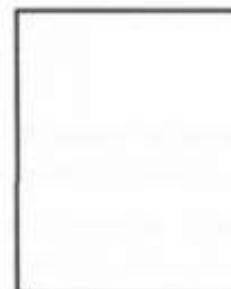
Zulmira Viana  
Assinatura do Responsável

Data: 22/10/2012

Boimem Costa  
Assinatura do Participante

Data: 22/10/2012

Janice Ruyt  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Franciane Simões da Conceição RG 25.74791-6 responsável pelo meu (minha) filho(a) Rosiane S. da Conceição nascido(a) em 06/09/1998, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 22/10/2012

Franciane S. da Conceição  
Assinatura do Responsável

Data: 22/10/2012

Rosiane S. da Conceição  
Assinatura do Participante

Data: 22/10/2012

Jusceli Duarte  
Assinatura da Pesquisadora

Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Silvana da Silva Pereira, RG 1894890-1 responsável pelo meu (minha) filho(a) Cláison Pereira Barbosa nascido(a) em 16/10/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 19/10/12

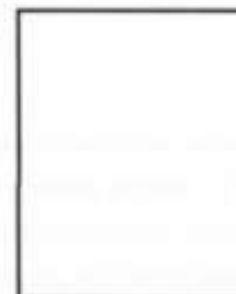
Silvana da Silva Pereira  
Assinatura do Responsável

Data: 19/10/12

Cláison Pereira B.  
Assinatura do Participante

Data: 19/10/12

Janiele Porto  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaías Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Rosemide Semões da Conceição RG 1986801-4 responsável pelo meu (minha) filho(a) Suelame da Conceição Prustes nascido(a) em 16/12/2001 fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 21/10/12

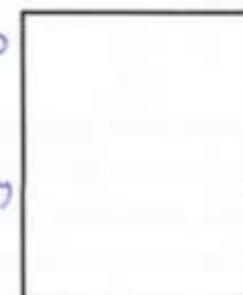
Rosemide S. da Conceição  
Assinatura do Responsável

Data: 21/10/12

Suelame da C. Prustes  
Assinatura do Participante

Data: 21/10/12

Janete Burt  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Márcia de Franca Sarmiento, RG 1556323-2  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Raiane Franca Sarmiento  
nascido(a) em 20/07/2004, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 15/10/17

Márcia de Franca Sarmiento  
Assinatura do Responsável

Data: 15/10/17

Raiane Franca Sarmiento  
Assinatura do Participante

Data: 15/10/17

Jeniele Azeite  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, Isaias Roberto de Vasconcelos, RG 1498789-9  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Ericcio Wilson de Lima  
nascido(a) em 11/02/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 19/10/12Isaias Roberto de Vasconcelos

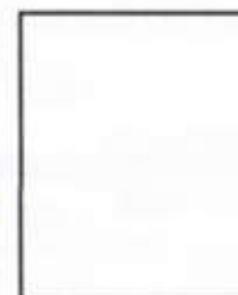
Assinatura do Responsável

Data: 19/10/12Ericcio Wilson de Lima

Assinatura do Participante

Data: 19/10/12Fabiola Duarte

Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, Waldney Fernando de Oliveira, RG 1386155-7 responsável pelo meu (minha) filho(a) Breno Felipe Araújo de Oliveira nascido(a) em 28/03/04, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: <u>19/10/2017</u>	<u>Waldney F. de Oliveira</u> Assinatura do Responsável	
Data: <u>19/10/2017</u>	<u>Breno Felipe A. de Oliveira</u> Assinatura do Participante	
Data: <u>19/10/2017</u>	<u>Yezafabiola</u> Assinatura da Pesquisadora	

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Loeila T. Marcos, RG \_\_\_\_\_  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Hortência M. de Oliveira  
nascido(a) em 29/09/00, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 30/10/17

Loeila T. Marcos

Assinatura do Responsável

Data: 30/10/17

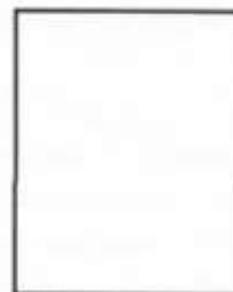
Hortência M. Oliveira.

Assinatura do Participante

Data: 20/10/17

Amálie Duarte

Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uoi.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, Francisca Trindade da Silva, RG 0844133-2 responsável pelo meu (minha) filho(a) Juan da Silva Trindade nascido(a) em 12/04/2002, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 19/10/17

Francisca Trindade da Silva  
Assinatura do Responsável

Data: 19/10/17

Juan da Silva Trindade  
Assinatura do Participante

Data: 19/10/17

Janete Burt  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Melciny de Souza Silva, RG 1067380-6  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Tamiris de Souza Silva  
nascido(a) em 28/06/2003, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 17/10/2012

Melciny de S. Silva  
Assinatura do Responsável

Data: 17/10/2012

Tamiris de Souza Silva  
Assinatura do Participante

Data: 17/10/2012

Johnale Duarte  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Florinda Pires da Silva, RG 0767932-7  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Eluan Henrique da S. Silva  
nascido(a) em 08/12/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 18/10/2017

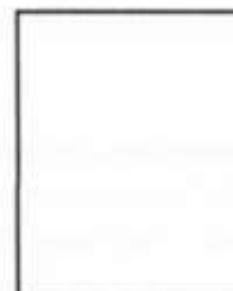
Florinda Pires da Silva  
Assinatura do Responsável

Data: 18/10/2017

Eluan Henrique da S. Silva  
Assinatura do Participante

Data: 18/10/2017

Jeniele Costa  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

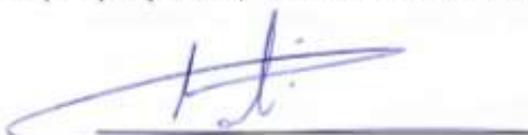
## APÊNDICE A

Isaías Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

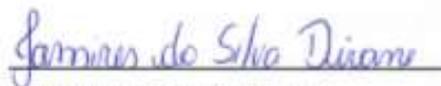
O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, James Cavalcante Dione, RG 30.357.696-0 responsável pelo meu (minha) filho(a) Jamires da Silva Dione nascido(a) em 11/01/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 19/10/17


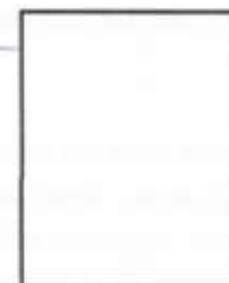
Assinatura do Responsável

Data: 19/10/17


Assinatura do Participante

Data: 19/10/17


Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, marivalda castana da costa, RG 1434264-2 responsável pelo meu (minha) filho(a) Renimere Costa da Silva nascido(a) em 17/01/2001, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 16/10/2012

marivalda castana  
Assinatura do Responsável

Data: 16/10/2012

Renimere Costa da Silva  
Assinatura do Participante

Data: 16/10/2012

Janete Brito  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu Quidencio Gomes Lorrera, RG 986324-9  
responsável pelo meu (minha) filho(a) marcos paulo Gomes Lorrera  
nascido(a) em 29/07/99, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque  
precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a  
participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso  
retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão  
ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 31/10/17

Quidencio Gomes  
Assinatura do Responsável

Data: 31/10/17

marcos paulo Gomes de O.  
Assinatura do Participante

Data: 31/10/2012

Fabiane Ruel  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu ELIZANGELA SILVA DA TRINDADE, RG 3620827 responsável pelo meu (minha) filho(a) AMANDA SILVA DA TRINDADE nascido(a) em 08/01/2002, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 19/10/17

Elizângela S. Trindade  
Assinatura do Responsável

Data: 19/10/2017

Amanda S. Trindade  
Assinatura do Participante

Data: 19/10/2017

Janiele Duarte  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uoi.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Nikilene Soares de Sena, RG 2013522-0  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Junior Gomes Da Silva  
nascido(a) em 02/02/2000, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 16/10/2017

Nikilene Soares de Sena  
Assinatura do Responsável

Data: 16/10/2017

Junior Gomes Da Silva  
Assinatura do Participante

Data: 16/10/2017

André Duarte  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Elizabete da S. Gomes., RG 7490500-0  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Sabrina Gomes de Paula  
nascido(a) em 7/9/2000, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 16/10/2017

Elizabete Gomes.  
Assinatura do Responsável

Data: 16/10/2017

Sabrina Gomes.  
Assinatura do Participante

Data: 16/10/2017

Janete Ant  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaiás Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

## Consentimento Pós – Informação

Eu, Napaeufelicio, RG 1549274-5  
responsável pelo meu (minha) filho(a) KEREN VIEIRA RAMOS FELICIO  
nascido(a) em 26/03/03, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 16/10/2012

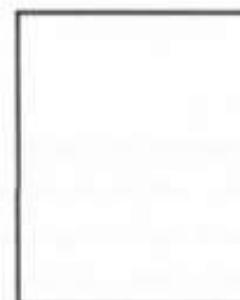
Napaeufelicio  
Assinatura do Responsável

Data: 16/10/2012

KEREN FELICIO.  
Assinatura do Participante

Data: 16/10/2012

Amel Duarte  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Francisca Medeiros da Silva, RG 15246345  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Dayana Medeiros da Silva  
nascido(a) em 04/03/2002, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 10/11/2017

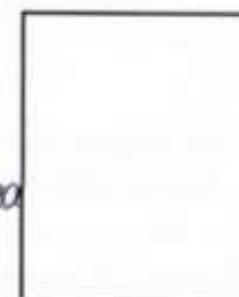
Francisca Medeiros da Silva  
Assinatura do Responsável

Data: 10/11/2017

Dayana Medeiros da Silva  
Assinatura do Participante

Data:   /  /  

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaiás Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Kátia Maria Pires da Silva, RG \_\_\_\_\_  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Kenny Maria da Silva Pereira  
nascido(a) em 23/11/2002, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Kátia Maria

Assinatura do Responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Kenny Maria

Assinatura do Participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uoi.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

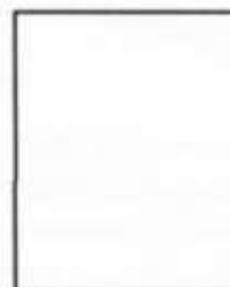
Eu, Francinei Castro Baraúna, RG 0978386-5  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Franciel Santos Baraúna  
nascido(a) em 18/07/2002, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Francinei C. Baraúna  
Assinatura do Responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Franciel S. Baraúna  
Assinatura do Participante



Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uoi.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, maria Edineci costa da Silva, RG \_\_\_\_\_  
 responsável pelo meu (minha) filho(a) Israel da Silva Batista  
 nascido(a) em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: 14/10/2012

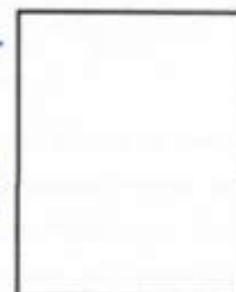
maria Edineci costa da Silva  
 Assinatura do Responsável

Data: 14/10/2012

Israel da Silva Batista  
 Assinatura do Participante

Data: 12/10/2012

Amélie Duarte  
 Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, Maidera Ruthmécia Pereira de Pinho, RG 1149233-3 responsável pelo meu (minha) filho(a) Ingrid de Pinho Cavalcante nascido(a) em 17/01/2003, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Maidera P. Pereira de Pinho

Assinatura do Responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ingrid de Pinho Cavalcante

Assinatura do Participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

Impressão do Polegar

## APÊNDICE A

Isaias Vasconcelos no percurso casa escola e a cerca da relação homem-lugar inerente aos estudantes.

O Sr.(a) poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr.(a) e seu (sua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade de seu (sua) filho(a) não será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Centro de Ciências do Ambiente – CCA/UFAM ou pelo telefone (92) 3682-0003, ou pelo e-mail: yezafabiola@gmail.com e tecafraxe@uol.com.br. Poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181, ramal 2004, celular 99171 -2496, e o e-mail cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – Informação

Eu, maria antônia vasconcelos de lima, RG 1681595-5  
responsável pelo meu (minha) filho(a) Juan Vasconcelos de Lima  
nascido(a) em 27/05/17, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em permitir a participação meu (minha) filho(a) na pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso retirar meu (minha) filho(a) quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

ma antônia vasconcelos

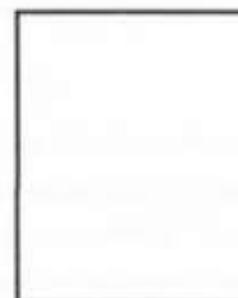
Assinatura do Responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do Participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Juan Vasconcelos  
Assinatura da Pesquisadora



Impressão do Polegar

## APÊNDICE B



Poder Executivo  
 Ministério de Educação  
 Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
 Centro de Ciências do Ambiente – CCA  
 Programa de Pós-Graduação em  
 Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia - PPGCASA



## TERMO DE ANUÊNCIA

Ilma. Sra. Francinete Marinho de Lima

Gestora da Escola Estadual Isaías Vasconcelos.

Prezada Gestora,

Após nossos cordiais cumprimentos, vimos, por meio desta, verificar a possibilidade da realização de uma pesquisa junto aos alunos da escola. O principal objetivo é realizar um estudo sobre a *compreensão da Geograficidade construída pelos estudantes da zona rural no município de Iranduba – (AM), a partir da experiência como lugar que esses vivenciam ao longo do percurso casa/escola*. O estudo será feito pela pesquisadora Fabíola Rocha Duarte, mestranda do programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), visando à elaboração da pesquisa de coleta de dados com a produção da Dissertação de mestrado.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe  
 Orientadora

Diante da solicitação acima, informo que concordo com a realização da pesquisa.

16/10/2017

Francinete M. de Lima  
 Gestora E.E. I Isaías Vasconcelos  
 Part. GSE 1419/2017  
 Gestora da Escola Estadual Isaías Vasconcelos